

INFÂNCIA, SAÚDE E CORPO
Uma abordagem antropológica sobre Saúde e produção dos
conceitos de limpo e sujo na creche

LENINE BANDEIRA DA COSTA

INFÂNCIA, SAÚDE E CORPO
**Uma abordagem antropológica sobre Saúde e produção dos conceitos
de limpo e sujo na creche.**

LENINE BANDEIRA DA COSTA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências da Universidade do Grande Rio, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre.

Área de Concentração: Ensino das Ciências na Educação Básica

Linha de Pesquisa: Ensino de Ciências - Relações Sociais e a Cidadania

Orientador(a)
Dr(a). Beatriz Brandão dos Santos

Prof(a). Adjunto(a)
Programa de Pós-Graduação em
Ensino das Ciências
Universidade do Grande Rio

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UNIGRANRIO – NÚCLEO DE COORDENAÇÃO DE BIBLIOTECAS

C837i Costa, Lenine Bandeira da.

Infância, saúde e corpo: uma abordagem antropológica sobre saúde e produção dos conceitos de limpo e sujo na creche / Lenine Bandeira da Costa.
– Duque de Caxias, Rio de Janeiro, 2023.
174 f.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Brandão dos Santos.

Dissertação (mestrado) – UNIGRANRIO, Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências, Rio de Janeiro, 2023.

1. Educação antropológica. 2. Educação infantil. 3. Higiene. 4. Limpo e sujo. I. Santos, Beatriz Brandão dos. II. Título. III. UNIGRANRIO.

CDD: 370


Rodrigo de Oliveira Brainer CRB-7: 3396

LENINE BANDEIRA DA COSTA

INFÂNCIA, SAÚDE E CORPO
Uma abordagem antropológica sobre Saúde e produção dos conceitos
de limpo e sujo na creche.

Dissertação submetida à Banca Examinadora como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre

Aprovada em 12 de dezembro de 2023, por:

 Documento assinado digitalmente
BEATRIZ BRANDÃO DOS SANTOS
Data: 12/12/2023 12:50:30-0300
Verifique em <https://validar.j6.gov.br>

Profa. Dra. Beatriz Brandão dos Santos (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências - PPGE
Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO)

 Documento assinado digitalmente
ARTUR ANTONIO MELO DE LIRA BRANDT
Data: 12/12/2023 16:51:14-0300
Verifique em <https://validar.j6.gov.br>

Prof. Dr. Artur Antônio Melo de Lira Brandt - Banca interna
Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências - PPGE
Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO)

 Documento assinado digitalmente
ELINE DECCACHE MAIA
Data: 12/12/2023 18:27:23-0300
Verifique em <https://validar.j6.gov.br>

Profa. Dra. Eline Deccache Maia - Banca externa ao PPGE
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências - PROPEC
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)

 Documento assinado digitalmente
GABRIELA VENTURA DA SILVA DO NASCIMENTO
Data: 12/12/2023 18:31:04-0300
Verifique em <https://validar.j6.gov.br>

Profa. Dra. Gabriela Ventura da Silva do Nascimento - Banca externa ao PPGE
Programa de Mestrado em Rede em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRJ)

Duque de Caxias
Dezembro /2023

Dedico esta pesquisa a Deus, ao meu
marido Rodrigo Abrahão e aos meus
filhos Lucas e Laís.

“É preciso escutar as crianças para que
sua inteligência desabroche.”
Rubem Alves

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me abraçou nos momentos mais difíceis durante a realização deste trabalho. Ele colhia as minhas lágrimas e as transformava em força. Era para Ele quem me ajoelhava e pedia orientação, sim, Ele também foi meu orientador.

Ao meu marido e aos meus filhos que me sustentaram, compreenderam os momentos em que estive ausente. Entre uma refeição, passeio, compromissos, essa pesquisa foi sendo desenhada.

A minha mãe, por se a minha mãe. E também pelo auxílio nos cuidados com meus filhos e nas tarefas da casa.

Ao meu pai que esteve presente na minha vida por pouco tempo mas que me ensinou o valor do perdão e da máxima em amar a Deus: “ame o teu próximo como a ti mesmo.”

A todos da minha família numerosa, aos distantes e aos mais chegados que sempre torceram e torcem por mim, que já me ajudaram financeiramente e emocionalmente. Entre uma prosa e outra, sinto-me mais humana.

Aos meus amigos mais chegados que irmãos que incentivavam-me e emprestavam seus ouvidos para minhas inseguranças e cansaço. E nesta escuta, me revestia de coragem e equilíbrio.

A minha orientadora amiga, minha eterna gratidão, pela singeleza e grandeza. Nos momentos que falava das minhas preocupações, sempre me acalmava e realinhava meus objetivos. Que bom termos nos encontrado! Não tenho como retribuir todo seu comprometimento e paciência em nossa caminhada.

Aos professores do PPGEC que me acolheram e me fizeram uma professora melhor.

Aos meus colegas mestrandos pela troca, partilha, conversas e parceria durante o caminho percorrido.

A todos os participantes da pesquisa: crianças pequenas, auxiliares e professoras que contribuíram de forma excepcional para o resultado deste trabalho.

Lenine Bandeira da Costa. **INFÂNCIA, SAÚDE E CORPO: uma abordagem antropológica sobre Saúde e produção dos conceitos de limpo e sujo na creche. 2023.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Ensino das Ciências – Universidade do Grande Rio, UNIGRANRIO, Duque de Caxias. Rio de Janeiro. 2023.

RESUMO

Realizando um movimento inverso a projetos assistencialistas sobre o tema Higiene desenvolvidos por anos nas turmas de Educação Infantil, a pesquisa surgiu como necessidade de entender o que as crianças pequenas pensavam a respeito dos conceitos de limpo e sujo na creche. Com o entendimento de que esses conceitos precisam ser explicitados às crianças pequenas (3 e 4 anos de idade) pois o seu desconhecimento impacta na saúde de seus corpos, possibilitando o surgimento de novas doenças. A proposta foi trazer a perspectiva antropológica como método de aprendizagem para crianças pequenas, absorvidas no cotidiano da creche. Com essa investigação, foi criado o produto educacional em formato de animação intitulado “Você sabe o que é limpo e sujo? Nós vamos te falar: percepções das crianças pequenas em uma visão antropológica”. Dessa forma, o objetivo primário foi criar uma animação que contemplasse as análises a respeito da vivência e do processo de significação das noções de limpo e sujo na creche por parte de seus agentes: crianças, professoras e auxiliares, no contexto educativo coletivo. Tendo por base os seguintes objetivos secundários: (i) analisar as produções dos conceitos de Infância, Saúde e Corpo executados na creche a partir das atividades propostas e rotinas diárias; (ii) analisar as produções dos conceitos de limpo e sujo; (iii) apontar os pressupostos teóricos antropológicos nos conceitos fundamentais de Infância, Saúde e Corpo, traçando um diálogo no contexto da creche. A metodologia desenvolvida foi de abordagem qualitativa e participativa, com formação de oficinas, rodas de conversas e entrevistas semiestruturadas com as profissionais de educação e com as crianças pequenas em uma creche do município de Duque de Caxias. A análise de dados foi pautada na metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo, em conversa com a Teoria das Representações Sociais. Foi evidenciado que a perspectiva antropológica favoreceu a compreensão de que as crianças pequenas sempre têm algo a dizer a respeito de conceitos e poder-se-á conhecê-las em sua profundidade. O vídeo-animação foi vislumbrado pelos participantes como facilitadores na compreensão dos conceitos de limpo e sujo pela linguagem direcionada às crianças pequenas.

Palavras-chave: Educação Infantil. Educação Antropológica. Limpo e Sujo. Higiene.

ABSTRACT

Performing a inverse movement from the welfare-oriented projects on the topic of hygiene developed for years in Early Childhood Education classes, the research emerged as a need to understand what young children thought about the concepts of clean and dirty in daycare. Such as understanding of these concepts need to be explicitly explained to young children (3 and 4 years old) because their ignorance impacts the health of their bodies, leading to the emergence of new diseases. The proposal was to bring an anthropological perspective as a learning method for young children, absorbed in the daily life of the daycare. With this investigation, an educational product in the form of an animation was created, titled "Do you know what is clean and dirty? We will tell you. Perceptions of young children in an anthropological view." Thus, the primary objective was to create an animation that included analyses of the experience and the process of signification of the notions of clean and dirty in the daycare by its agents: children, teachers, and assistants, in the collective educational context. Based on the following secondary objectives: (i) analyze the productions of the concepts of Childhood, Health, and Body carried out in the daycare from the proposed activities and daily routines; (ii) analyze the productions of the concepts of clean and dirty; (iii) point out the anthropological theoretical assumptions in the fundamental concepts of Childhood, Health, and Body, drawing a dialogue in the daycare context. The methodology developed was a qualitative and participatory approach, with the formation of workshops, group discussions, and semi-structured interviews with education professionals and young children in a daycare center in the municipality of Duque de Caxias. Data analysis was based on the methodology of the Collective Subject Discourse, in conversation with the Theory of Social Representations. It was evident that the anthropological perspective facilitated the understanding that young children always have something to say about concepts and can be known in their depth. The animated video was seen by participants as a facilitator in understanding the concepts of clean and dirty through language directed at young children.

Keywords: Early Childhood Education. Anthropological Education. Clean and Dirty. Hygiene.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADEBs	Auxiliares de Desenvolvimento da Educação Básica
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CF	Constituição Federal
DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EI	Educação Infantil
EMI	Estimuladora Materno-Infantil
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PDF	Portable Document Format
PE	Produto Educacional
RC	Roda de Conversa
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
RIMDC	Regimento Interno do Município de Duque de Caxias
RSs	Representações Sociais
PDF	Portable Document Format

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mamãe limpa (criança Mel).....	77
Figura 2 - Eu vou fazer a mamãe limpa (criança Guilhermino).....	78
Figura 3 - Papai é limpo; papai, mamãe e eu quando a gente tá sujo (criança Isabel).....	78
Figura 4 - O montão (monstro) e o papai é sujo (criança Maurício).....	78
Figura 5 - Foto 2 da RC - Primeira comparação.....	82
Figura 6 - Foto 4 da RC - Segunda comparação.....	82
Figura 7 - Foto 5 da RC - Terceira comparação.....	83
Figura 8 - Exemplo de figura em 2D FLAT.....	88
Figura 9 - Primeira cena da animação - PE1.....	92
Figura 10 - Turma 33 assistindo ao vídeo PE1.....	93
Figura 11 - Turma 32 assistindo ao vídeo PE1.....	93
Figura 12 - Turma 31 assistindo ao vídeo PE1.....	93
Figura 13 - Amanda e seu desenho.....	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Participantes da pesquisa	48
Quadro 2 - Linha do tempo da coleta de dados	54
Quadro 3 - Metodologia da pesquisa e análise de dados.....	61
Quadro 4 - Os operadores do DSC	64
Quadro 5 - Tabulação dos dados	65
Quadro 6 - Conteúdos elencados pelas professoras	84
Quadro 7 - Comparação da primeira oficina de desenho com a oficina de validação do PE.....	96
Quadro 8 - Comparação - Renata e Rute.....	97
Quadro 9 - Respostas das crianças na RC ao conceito de Saúde.....	100

APRESENTAÇÃO

A pesquisa realizada foi fruto de indagação pela inserção na realidade social de uma creche municipal do município de Duque de Caxias. A vivência nesse espaço fez emergir os conceitos fundamentais que sustentam a pesquisa: Infância, Saúde e Corpo na perspectiva do cotidiano da creche. O diálogo entre essas categorias encontra sentido no enredar das experiências pessoais e profissionais que são e já foram vivenciadas.

O interesse pela Educação Infantil surge na graduação em Pedagogia. A autorreflexão desenhada no trabalho final deu-se a respeito do processo que se submete o educador ao remontar o seu passado pedagógico, seus condicionamentos e quais seriam as possíveis alternativas à superação dos seus maiores obstáculos ao exercício de sua profissão, que resultou na mudança para o trabalho com as crianças pequenas. E com entendimento de que os professores não conseguem realizar este exercício de autorreflexão pois trabalha-se muito, o tempo todo. Estão na escola todos os dias da semana e o cansaço e esgotamento impedem que essa prática seja rotina. Há dificuldade de se repensar a prática. E repensar através da teoria, do estudo, torna-se inatingível. É preciso buscar a autorreflexão como prática profissional e de vida.

Consolidou-se a categoria autorreflexão para que a decisão em permanecer na área da Educação e na profissão de “ensinar” fosse realizada com a perspectiva de engajamento, com tentativas de mudanças efetivas em minha prática pedagógica.

No último ano em que estive como professora regente de uma turma de quarto ano de escolaridade e já havia trabalhado com turmas do primeiro ao quinto ano, a insatisfação ainda persistia, não por existir em todas essas turmas a responsabilidade de contribuir com a alfabetização de cada uma delas (pois neste momento já entendia que todo educador é alfabetizador, mesmo que não esteja em turmas de alfabetização). Após reflexão, entendi que não era mais insatisfação, mas a falta de “pertencimento” à escola em que lecionava.

Sendo concursada do município de Duque de Caxias (nomeação em março de 2004), fui informada que haveria um período em que poderíamos trocar de unidade escolar, o famoso concurso de remoção. E foi neste momento que resolvi mudar para algo novo que ainda não havia experimentado: a creche.

Mesmo com a vontade e necessidade de mudança, me angustiava por saber que haveria muita pesquisa a realizar para atender este público tão exigente, sabia que seria uma tarefa difícil. Especializei-me em Educação Infantil e, no período de 2009 a 2021, me deparei com um problema recorrente em nossa unidade (pois já estava e atuo como professora da Educação Infantil até a presente data): a higiene das crianças pequenas. Era realizado projetos com vistas a esse tema, mas não era perceptível alguma transformação no cenário. Outra inquietação surgia: o que fazer para intervir e alcançar mudança no tema em questão?

Após o exercício da autorreflexão, compreendi que estava no momento de estudar, pesquisar, pensar a respeito desse campo de conhecimento. Foi então que, ao final do ano de 2021, iniciei um processo seletivo no Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências na educação básica, na modalidade de Mestrado Profissional.

Com observação e estudos iniciais atrelados à prática cotidiana já no mestrado profissional, percebi questões emergentes no campo de atuação nas salas de aula da Educação Infantil em relação à Saúde, ao conceito desta palavra e em como o tema Saúde é apresentado, exposto em forma de projetos no cotidiano das crianças pequenas e sendo percebido pelas profissionais de Educação (professoras, estimuladora e Auxiliares de Desenvolvimento da Educação Básica - ADEBs). Vinculado ao conceito de Saúde há também a necessidade de compreensão em como os conceitos de Infância e Corpo estão configurados e justapostos culturalmente nesta teia de significados.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	17
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
2.1 Breve histórico das creches brasileiras	21
2.2 História da Infância e da criança	23
2.3 História da Infância no Brasil	26
2.3.1. Crianças indígenas	26
2.3.2 Crianças escravas / escravizadas	27
2.3.3 Crianças pobres no Brasil	29
2.4 Antropologia da Infância	31
2.5 Antropologia da Saúde	33
2.6 Antropologia do Corpo	37
2.6.1. As pesquisas a respeito do Corpo na Educação Infantil	39
3. METODOLOGIA DA PESQUISA	43
3.1 Contexto da Pesquisa	45
3.2 Participantes do Estudo	47
3.3. A busca pelo problema	52
3.4 Métodos de coleta de dados	54
3.4.1 Associação Livre de Palavras	55
3.4.2 Oficina de desenho	56
3.4.3 Roda de Conversa	57
3.4.4 Entrevista	59
3.5 Método de análise de dados	61
3.5.1 Análise do Discurso do Sujeito Coletivo	61
3.5.2. Como foi o processo?	64
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA	68
4.1 Cuidar e Educar: a Infância, a Saúde e o Corpo na Educação Infantil sob a ótica das Auxiliares e Professoras Participantes	69
4.2 Limpo e Sujo: o pensamento vigente do coletivo da creche	76
5. PRODUTO EDUCACIONAL (PE)	86

5.1 O PRODUTO EDUCACIONAL - PE: VÍDEO-ANIMAÇÃO: VOCÊ SABE O QUE É LIMPO E O QUE É SUJO? VAMOS CONVERSAR SOBRE ISSO.”	90
5.2 Metodologia da Validação do Produto Educacional	90
5.3 Resultados e Discussões da Validação do PE	92
5.4 O que é Saúde na visão das crianças pequenas	99
5.5 Validação do PE com as auxiliares e as professoras	101
5.6 Orientações pedagógicas com base no vídeo-animação	102
5.7 Metodologia de Validação das orientações pedagógicas	103
5.8 Resultados e Discussões da Validação das orientações pedagógicas	104
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108
ANEXOS	115
APÊNDICES	124

1. INTRODUÇÃO

O tema de pesquisa surgiu como necessidade de compreender o que e como as crianças pequenas, na Educação Infantil, entendem a respeito dos conceitos de limpo e sujo. Nesta pesquisa, foi realizado um movimento inverso a projetos assistencialistas a respeito do tema higiene desenvolvidos por anos nas turmas de Educação Infantil.

Sempre foi vigente o pensamento de que atividades pedagógicas de escrita e leitura se encontravam em um patamar superior às atividades de cuidado às crianças pequenas. Como bem define Cerisara (1999, p. 13) nessas configurações “as atividades ligadas ao corpo, à higiene, alimentação, sono das crianças eram desvalorizadas e diferenciadas das atividades consideradas pedagógicas, estas sim entendidas como sérias e merecedoras de atenção e valor”.

Na perspectiva da Educação Infantil havia uma atribuição ora assistencialista, ora educativa e de antecipação da escolarização. Entende-se que as atividades desenvolvidas com as crianças fazem parte do processo de conhecimento de si e do mundo que a cerca, caracterizando-se em uma educação totalizante, integrativa e inclusiva.

A proposta da pesquisa foi abordar o tema *higiene* a partir de um ponto de vista de Educação Antropológica, para compreender como as crianças pequenas (três e quatro anos de idade) entendem o conceito de limpo e sujo, partindo do princípio de que o desconhecimento destes conceitos impacta de forma concreta na saúde de seus corpos, possibilitando o surgimento de doenças.

Dentro da tríade fundamental que sustenta a pesquisa - Infância, Saúde e Corpo - questionou-se de que modo ocorre a produção das principais categorias no cotidiano da creche, a saber: limpo e sujo. Buscou-se compreender também como acontece a vivência desses conceitos a partir do que cada grupo (crianças e profissionais da educação) traz do seu aporte cultural. Assim, foi pesquisado qual o significado cultural de Saúde para cada um desses grupos e de que forma esses significados são evidenciados no cotidiano da creche.

Um estudo que leva em conta o aspecto cultural já na Educação Infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental é considerado de extrema relevância para que

entraves sejam amenizados quando se considera a existência dos vários grupos dentro do espaço escolar e como eles pensam:

[...] estudos que enfoquem a diversidade e os diferentes saberes e culturas se tornam relevantes para o ensino de ciências nos Anos Iniciais, visto que valorizam os mais diversos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem e possibilitam, para além do conteúdo científico, o desenvolvimento de valores nas crianças. (Rosa *et al.*, 2020, p. 14)

As crianças pequenas fazem parte desse contexto de vida, em que as noções de limpo e sujo desempenham um papel importante culturalmente e elas possuem percepções dessas categorias.

A inventividade na pesquisa se dá na explicitação de que categorias antropológicas são instrumentalizadas e estudadas especialmente no ensino superior. Conceitos clássicos na antropologia, tais quais relativismo cultural, etnocentrismo e a própria abordagem cultural sobre Saúde, não são trazidos para a Educação Infantil com crianças pequenas. A proposta foi trazer a perspectiva antropológica como método de aprendizagem para crianças pequenas, absorvidas no cotidiano da creche.

Entretanto, as perguntas de pesquisa não se concentraram apenas nas crianças pequenas, pois desejou-se saber também como o coletivo da creche (auxiliares e professoras) percebia os conceitos de limpo e sujo. E incluir o coletivo das profissionais da creche na pesquisa se torna importante porque são elas que cuidam efetivamente dessas crianças e suas percepções necessitam ser contempladas e analisadas.

Sendo assim, o problema de pesquisa consiste no seguinte questionamento:
Como ocorre a produção do conceito de Saúde, a partir das noções de limpo e sujo na creche por parte de seus agentes: crianças, professoras e auxiliares em um contexto coletivo educativo?

Desta maneira, com o problema de pesquisa envolvido em questionamento, pretende-se traçar objetivos para adentrar ao campo da pesquisa.

No objetivo geral o produto educacional foi descrito pelo resultado final do processo de pesquisa, depreendido pelo exercício de busca pelo entendimento das percepções das crianças pequenas e dos profissionais da creche a respeito dos conceitos de limpo e sujo:

(i) Criar o vídeo-animação que contemple as análises a respeito da vivência e do processo de significação das noções de limpo e sujo na creche por parte de seus agentes: crianças, professoras e auxiliares, no contexto educativo coletivo.

E os objetivos específicos:

(i) Analisar as produções dos conceitos de Infância, Saúde e Corpo executados na creche a partir das atividades propostas e rotinas diárias;

(ii) analisar as produções dos conceitos de limpo e sujo vigentes;

(iii) apontar os pressupostos teóricos antropológicos nos conceitos fundamentais de Infância, Saúde e Corpo, traçando um diálogo no contexto da creche.

O capítulo de Fundamentação Teórica inicia com um breve panorama de Educação Infantil e suas bases legais com a contribuição de Rosemberg e Barbosa. No segundo tópico é apresentada uma contextualização histórica em diálogo com Ariès, Del Priore, Chamboulyron, Florentino e Passetti a respeito da história social da criança. Em Antropologia da Infância, com apoio de Clarice Cohn haverá o destaque da dimensão cultural do que é ser criança. No terceiro tópico, o conceito de Saúde será levado também a um viés antropológico com os autores Canesqui, Minayo, Camargo e Langdon; Wiik. No quarto tópico, será apresentada a categoria Corpo, também correlacionado à Antropologia com Le Breton, Buss Simão, Soares e Sacristán.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para corroborar com o caráter inovador da pesquisa em sua perspectiva antropológica, foi realizada uma busca nos repositórios eduCAPES, Scielo e Google Acadêmico para identificar trabalhos que discorram a respeito da Antropologia ligada à Educação Infantil juntamente com os eixos norteadores da pesquisa: Infância, Saúde e Corpo. O trabalho de investigação científica se inicia com a revisão de literatura, no intuito de promover maior embasamento à pesquisa.

No repositório eduCAPES foram encontrados 100.092 resultados. Onde o termo “Antropologia” não se encontrava ligado à Educação Infantil. Na temática “Higiene” e “Educação Infantil”, há um vasto material que referencia a saúde corporal.

No repositório Scielo, não foram encontrados trabalhos relacionados à “Antropologia”, “Educação Infantil” e “Higiene” respectivamente. Porém, quando se faz a pesquisa apenas para “Educação Infantil” e “Higiene”, foram encontrados 17 resultados com os seguintes temas: saúde; higiene do sono, bucal e mental, hábitos de higiene e meio ambiente.

No repositório Google Acadêmico foram encontrados 18.500 resultados para “Antropologia”, “Educação Infantil” e “Higiene” com temas relacionados à “Antropologia” e relações sociais na infância sem relação com a categoria “Saúde” / “Higiene”. E de forma combinada uma variedade de trabalhos relacionados à “Educação Infantil” e “Higiene” envolvendo temas relacionados ao cuidado com o corpo e higiene mental.

As *strings* de busca utilizadas para a pesquisa apresentada foram:

- “antropologia” and “educação infantil” and “higiene”;
- “antropologia” and “educação infantil”;
- “antropologia”+“educação infantil”+“higiene”;
- “antropologia”+“educação infantil”.

A busca por pesquisas relacionadas mesmo que parcialmente à pesquisa proposta, encontrou um estudo a respeito de Infância e corpo apenas, sem a categoria Saúde da Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Infância. E a autora Márcia

Buss Simão, em 2007, realiza um resumo de sua dissertação relatando o objetivo da pesquisa que consiste em uma revisão de literatura a respeito de corpo, criança / infância no período de 1997 a 2003, como bem resume a autora:

A presente pesquisa de mestrado teve como objetivo investigar as produções científicas realizadas no âmbito dos estudos da infância, tendo em vista analisar as concepções de corpo, criança/infância e educação, presentes nas pesquisas (dissertações de mestrado) de diferentes áreas de conhecimento, cadastradas no Banco de Dados da CAPES, entre os anos 1997 - 2003, visando analisar suas indicações para uma Pedagogia da Infância. Para tal, utilizou-se como referencial teórico, estudos de orientação histórico-cultural nas contribuições da Sociologia da Infância, da Antropologia da Criança e demais áreas que estudam a infância, buscando um cruzamento multidisciplinar na abordagem desta relação corpo, infância e educação. (Buss Simão, V, 2007)

A revisão de literatura confirma o caráter inovador da pesquisa, quando busca na Antropologia, no aporte cultural a busca pela compreensão do conceito de Saúde, fazendo uso das categorias relacionais Infância e Corpo com as crianças pequenas que se encontram nas turmas de três anos da creche.

A fundamentação teórica se estrutura sob os três eixos condutores, nomeadamente: Infância, Saúde e Corpo em uma perspectiva antropológica. Atrelados à história social da criança no contexto europeu e acompanhado da história da criança brasileira e suas bases legais.

2.1 Breve histórico das creches brasileiras

Em nossa sociedade, a procura por lugares que garantissem a guarda das crianças enquanto seus pais e responsáveis pudessem trabalhar teve seu expressivo alargamento ao final da década de 1970, sobretudo, ao final da ditadura. Juntamente com os princípios de democracia que eram solidificados houve o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, suscitando em lutas sociais que representavam esta procura.

A comprovação é o fato de que a primeira e a segunda versão da LDB - Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961 e lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971) abordavam questões relativas à Educação Infantil. Porém, não significava ausência de atendimento anteriormente realizado. As instituições que realizavam tal ação não abarcavam o âmbito educacional, mas apresentavam uma dimensão de assistência social. Preocupavam-se com questões relativas à nutrição,

saúde e segurança, com contratação de pessoal sem formação (professoras leigas) e com vinculação ao trabalho comunitário.

O crescimento grandioso de 991,8% das unidades de Educação Infantil ocorreu entre os anos de 1970 a 1983, tendo como principal idade as crianças acima de quatro anos (Rosemberg, 2003a). Segundo a autora, o fato se deu paralelo a dois processos maléficos: “aumento do número de professores sem formação (nível inferior ao ensino médio); retenção de crianças tendo 07 anos e mais na pré-escola, crianças que deveriam estar no ensino fundamental” (Rosemberg, 2003a, p. 38). Gerando exclusão para as crianças pequenas que deveriam ser promovidas para o ensino fundamental.

Foi um resultado estratégico para um rápido crescimento com pouco investimento financeiro. Este cenário, *a posteriori*, foi alterado uma vez que a Educação Infantil foi gerida pelo Ministério da Educação (MEC) e designada como etapa inicial da Educação Básica, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN (Lei nº 9394/96) desde então, ao menos no âmbito legal, vem acompanhada de investimentos e pesquisas para o fomento deste nível.

A creche vem se transformando em uma proposta de política pública nos setores de Educação e Saúde. De acordo com a LDBEN: “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (Brasil, 1996, Art. 29). Expressa uma preocupação com o pleno desenvolvimento da criança pequena, transformando o caráter depositório da creche numa busca de integralidade nos aspectos primordiais de desenvolvimento humano. Marca também a complementariedade entre as unidades de Educação Infantil e a família.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998) destaca os princípios da Educação Infantil para o exercício da cidadania:

- o respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas etc.;
- o direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil;
- o acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética;
- a socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma;
- o atendimento aos cuidados essenciais

associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade. (RCNEI, 1998, v 1, p. 13)

O RCNEI destaca os cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento pleno da identidade da criança de zero a 06 anos¹ de idade englobando aspectos afetivos, emocionais, sociais e cognitivos.

À vista disso, as creches e as pré-escolas públicas no Brasil apresentam incumbências sociais, políticas e pedagógicas. As funções sociais diz respeito à possibilidade de acolher a criança e sua formação integral juntamente com as famílias ao possibilitar o convívio social contemplados pela diversidade e respeito às diferenças. As políticas dizem respeito ao direcionamento de que pais e mães trabalhem e seus filhos sejam incluídos em um espaço que promova a formação para a cidadania contribuindo para sua participação e criatividade. E as pedagógicas dizem respeito à propiciar experiências com características diversas contribuindo para a formação de saberes e conhecimentos.

A creche, portanto, possui responsabilidades educacionais e sociais para garantir o desenvolvimento da criança pequena. Deve estar preparada e organizada para promover a Saúde de todos que a integram, pois, as crianças bem pequenas se encontram em um período de formação de hábitos que poderão tornar-se permanentes.

A seguir, haverá um breve histórico da Infância, demonstrando marcos que fazem parte do surgimento do conceito de Infância

2.2 História da Infância e da criança

A trajetória a respeito do conceito de infância tiveram seu início no século XX, na década de 1970, com a publicação do livro “História Social da Infância e da Família (Ariès, 1981). Concepções de infância a partir deste livro foram pensadas por historiadores europeus e americanos. A criança passou a ter seu lugar e a ser compreendida em uma contextualização social e econômica. Phillipe Ariès foi um dos precursores na forma de compreensão da criança a partir de suas necessidades correspondentes a sua idade, como um período diferenciado.

¹ Apesar da Lei que regulamenta o Ensino Fundamental de nove anos (Lei 11274 de 06 de fevereiro de 2016) definir que, as crianças que completam 6 anos até 31 de março, devem ser matriculadas no Ensino Fundamental, a maioria das crianças completam essa idade posteriormente a essa data, permanecendo na Educação Infantil no decorrer do ano com 06 anos.

A vida era vista de forma única, não havia diferenciação entre crianças e adultos. Durante a idade média esses dois grupos eram tratados socialmente de igual modo e o olhar uniforme transformava-se em um facilitador para a exploração e os maus tratos como esclarece Ariès (1981) que o “sentimento de infância” foi construído socialmente no final da idade média, antes eram tratadas como “adultos em miniatura” e que precisavam dos cuidados mais básicos até atingirem sua vida adulta.

A partir da análise de imagens de famílias e crianças da Europa, na Idade Média, observando as transformações familiares ao longo dos anos:

As “idades da vida” ocupam um lugar importante nos tratados pseudocientíficos da Idade média. Seus autores empregam uma terminologia que nos parece puramente verbal: infância e puerilidade, juventude e adolescência, velhice e senilidade – cada uma dessas palavras designando um período diferente da vida. Desde então, adotamos algumas dessas palavras para designar noções abstratas como puerilidade e senilidade, mas estes sentidos não estavam contidos nas primeiras acepções. (Ariès, 1986, p. 33).

As mudanças são perceptíveis no que diz respeito aos termos que foram utilizados para identificar o que Ariès (1986) denomina de “idades de vida”, para ele termos como criança, adolescente e adulto só surgiram na idade moderna. E tal análise foi realizada a partir de obras de arte onde ele identificou crianças sendo representadas de forma adultizada que sugeria a ausência de sentimento de infância na época. A criança não era representada por um ser em desenvolvimento com características próprias, mas sim por um adulto em sua forma reduzida.

A diferenciação entre infância e idade adulta começou com a marcação das idades de vida, na preocupação de se contar o tempo marcando as idades nos últimos anos, fato que não acontecia nos séculos anteriores:

Um homem do século XVI ou XVII ficaria espantado com as exigências de identidade civil que nós nos submetemos com naturalidade. Logo que nossas crianças começam a falar, ensinamos-lhes seu nome, o nome de seus pais e sua idade. Ficamos muito orgulhosos quando Paulinho, ao ser perguntado sobre sua idade, responde corretamente que tem dois anos e meio. De fato, sentimos que é importante que Paulinho não erre: o que seria dele se esquecesse sua idade? Na savana africana a idade é ainda uma noção bastante obscura, algo não tão importante a ponto de não poder ser esquecido. Mas em nossas civilizações técnicas, como poderíamos esquecer a data exata de nosso nascimento, se a cada viagem temos de escrevê-la na ficha de polícia do hotel, se a cada candidatura, a cada requerimento, a cada formulário a ser preenchido, e Deus sabe quantos há e quantos haverá no futuro, é sempre preciso recordá-la. Paulinho dará sua

idade na escola e logo se tornará Paulo N. da turma X. Quando arranjar seu primeiro emprego, junto com sua carteira de trabalho, receberá um número de inscrição que passará a acompanhar seu nome. Ao mesmo tempo, e até mesmo mais do que Paulo N., ele será um número, que começará por seu sexo, seu ano e mês de nascimento. (Ariès, 1986, p. 29)

Durante toda a Idade Média, dar número à idade não era uma prática entre as pessoas e só começou a acontecer com o surgimento da sociedade moderna e industrial. A identificação da idade foi delineando-se nos espaços urbanos e na vida cotidiana do trabalho, onde as pessoas e trabalhadores deviam ser identificados de formas variadas. Somente a partir do século XIX, o número na idade passou a tornar-se habitual.

A inexistência do sentimento de infância é observada quando se analisa os índices muito elevados de mortalidade infantil e de infanticídio que praticavam as mulheres na idade média. Era algo visto com muita naturalidade a perda de filhos ainda pequenos, pois os falecidos poderiam ser substituídos por outros. Assim também, o sentimento de amorosidade para com os filhos só será construído com o passar do tempo, pois não havia apego a um filho que pudesse perder-se de forma eventual:

[...] Isso explica algumas palavras que chocam nossa sensibilidade moderna, como estas de Montaigne: “Perdi dois ou três filhos pequenos, não sem tristeza, mas sem desespero ²¹”, ou estas de Molière, a respeito da Louison de *Le Malade Imaginaire*: “A pequena não conta”. A opinião comum devia, como Montaigne, “não reconhecer nas crianças nem movimento na alma, nem forma reconhecível no corpo [...]” (Ariès, 1986, p. 57).

Várias críticas apontaram os limites do trabalho de Ariès (1981) que consistiam no privilégio dado à infância da camada abastada. Porém, é preciso considerar o contexto histórico de sua publicação em que ainda não existia uma prática substancial de estudos que resgatassem e considerassem fontes ligadas à vivência de grupos populares, quanto mais à de crianças inseridas nestes grupos.

É possível reafirmar que Ariès (1981) produziu um trabalho pioneiro no que diz respeito à história da infância, constituindo-a como campo de investigação com identidade própria respaldado na inventividade do recurso às fontes. Trouxe fontes que não eram consideradas pela história tradicional como repertório de imagens e diários de educadores da nobreza francesa. Fazendo isso, não apenas apontou novos sujeitos históricos, antes ignorados mas contribuiu para a ampliação das fontes utilizadas pelos pesquisadores.

Nessa perspectiva, as variadas vivências das crianças por pertencer a grupos distintos trazem a necessidade também de análise de diversas fontes. Pode-se ainda, no trabalho de campo, não apenas recolher fontes mas produzi-las, questão importantíssima na escrita da história da infância na atualidade.

Nesta pesquisa foi compartilhada a compreensão de que a infância é uma condição social da criança. As condições sociais e culturais de vida das crianças trazem diversas faces da infância.

Também é importante destacar a trajetória da história da Infância no Brasil e dos diferentes grupos em que elas estavam inseridas e como eram vistas pela sociedade na época. Entende-se que os diferentes grupos apresentam marcas culturais da época e que devem ser entendidas em uma perspectiva antropológica.

2.3 História da Infância no Brasil

Diferentemente do que se pode pensar, a História da Infância no Brasil não é tão diferente da História da Infância descrita por europeus. Existia também a invisibilidade em relação à infância na sociedade e em publicações da época.

O que é preciso esclarecer é de que falar da História da Infância no Brasil é realizar tentativas de entender as diferenças sociais e culturais que compõem a sociedade brasileira desde a nossa colonização, o que ajuda a perceber e compreender diferenças culturais, com destaque antropológico, entre crianças indígenas, africanas que foram enviadas da África para o Brasil para serem escravizadas, pobres e as europeias cujos pais eram de famílias abastadas e em declínio.

2.3.1. Crianças indígenas

No Brasil Colonial e Imperial (1500-1889) a diferenciação social da criança era resultado do tratamento que a sociedade lhe dava. E esta diferenciação era nítida através da exploração do trabalho infantil de crianças pobres, indígenas e africanas pois era inexistente o sentimento de infância e, portanto, havia um processo de insensibilização, de desumanização.

Para a compreensão da História da criança indígena no Brasil, pode-se considerar os relatos de religiosos a respeito da vida que levavam nas aldeias e nas

missões. É possível perceber o quanto as crianças eram mais dispostas a ouvi-los do que os adultos no processo de catequização. Elas eram atraídas por várias atividades realizadas, particularmente pelas musicais. Os jesuítas acreditavam que estavam salvando suas almas, porém o objetivo maior era de que as pessoas se tornassem mais passivas. Como o conceito de infância estava sendo propagado em toda a Europa, os jesuítas se basearam no mesmo discurso para se aproximarem das crianças.

As crianças indígenas ficavam sob os cuidados dos padres da Companhia de Jesus que eram responsáveis por sua educação. Existia também a catequização, com formação católica cristã sem a valorização dos costumes e tradições locais. A preocupação centrava-se apenas na preservação de valores ao ideal colonizador.

A catequização das crianças, dizem alguns estudiosos, de início foi bem quista por pais e pessoas mais velhas nas comunidades indígenas, pois eles acreditavam que garantiriam assim a sobrevivência das crianças e poderiam se aliar com os padres, como afirma Chambouleyron (2009, p. 59): “Talvez, o ensino das crianças indígenas pudesse representar, também, uma possibilidade de estabelecer alianças entre grupos indígenas e padres, revelando outra dimensão da evangelização das crianças como “grande meio” para se converter o gentio.”

Durante o período colonial, os jesuítas e religiosos acreditavam que com a catequização das crianças poderiam surgir gerações de novos cristãos no mundo colonizado. Contudo, não era apenas com a religião que a Companhia de Jesus estava preocupada. Os padres também implementaram escolas de ofícios para o aprendizado de vários trabalhos bem como a agricultura que era permanente nas catequeses.

2.3.2 Crianças escravas / escravizadas

No que diz respeito à servilidade, aos bebês nascidos, caso sobrevivessem, dependendo da situação da família, poderiam permanecer com a sua mãe sob seus cuidados ou poderiam ser vendidos pelo senhor de escravos para trabalhar em outra fazenda ou casa, como:

Aqueles que escapavam da morte prematura iam, aparentemente, perdendo os pais. Antes mesmo de completarem um ano de idade, uma entre cada dez crianças já não possuía nem pai nem mãe anotados nos inventários.

Aos cinco anos, metade parecia ser completamente órfã; aos 11 anos, oito a cada dez. (Florentino; Góes, 2009, p. 180)

Os senhores de escravos não se preocupavam quando as crianças se tornavam órfãs, pois assim que elas conseguiam realizar algum tipo de atividade, eram colocadas para trabalhar. As crianças morriam com frequência, pois não havia nenhum cuidado quando elas adoeciam. Na faixa etária dos 12 anos de idade já eram consideradas aptas para trabalhar e em seus sobrenomes carregam o nome de suas profissões, como afirma Florentino e Góes (2009, p.184): “Por volta dos 12 anos de idade o adestramento que as tornava adultos estava se concluindo. Nesta idade, os meninos e as meninas começavam a trazer a profissão por sobrenome: Chico Roça, João Pastor, Ana Mucama. Alguns haviam, começado muito cedo.”

A venda das crianças também fazia uma ruptura na ligação entre a família. Pouquíssimas crianças nascidas permaneciam com suas famílias e não havia a construção das fases entre infância, adolescência e vida adulta, a venda aniquilava esta ligação de forma abrupta. A essas crianças era designado a utilidade ao trabalho.

Mesmo com a situação da venda de crianças, os escravos construíram estratégias para criarem redes de solidariedade, apadrinhamento ou mesmo parentesco que envolviam irmãos, primos, tios com o objetivo de se protegerem e cuidarem uns dos outros. O apadrinhamento por pessoas de posse, ricas era uma tentativa de garantir um futuro melhor para os filhos dos escravos:

“O livro de Inhaúma, por mérito dos padres, traz anotados os nomes dos donos de todos os escravos compadres, o que permitiu saber quantos e quais plantéis se fizeram registrar. O compadrio católico unia escravos e unia plantéis. Francisco, Maria e Anastácia pertenciam a Felizardo Dias de Carvalho, porém o padrinho Modesto era de Inácio Francisco Braga. Nos plantéis menores, a maior parte dos padrinhos escravos pertencia a outro senhor; nos maiores se dava o inverso, isto é, os escravos buscavam padrinhos entre eles mesmos” (Florentino; Góes, 2009, p. 182).

Existia a preocupação para que o apadrinhamento acontecesse, pois essa seria uma das maneiras de conseguir proteção para o filho e que ele continuasse próximo à família.

Logo que a criança começasse a trabalhar, a mão de obra escrava e infantil era utilizada na agricultura, comércio e nos serviços domésticos. Não se percebia diferenças no tratamento entre adultos e crianças, apesar delas brincarem com os

filhos de seus senhores. Sua condição de serviçal era preservada em suas vestimentas, na alimentação e na educação.

Em 1871, já no final do período Imperial, aconteceu uma conquista importante para as crianças, que até então não possuíam direitos e nenhum tipo de proteção: foi assinada a primeira lei que tratava da proteção de crianças escravas, a Lei nº 2.040, como ficou conhecida a Lei do Ventre Livre, instituiu que a partir desta data, quem nascesse seria livre, garantia o fim gradual da escravidão na infância e a proibição de se vender crianças com idade inferior a 12 anos. Ainda conquistas modestas para as crianças, que até a promulgação da lei não possuíam nenhum direito e qualquer proteção da monarquia e de toda a sociedade.

2.3.3 Crianças pobres no Brasil

Para os menos abastados, a população que foi originada de brancos e mestiços no Brasil Colonial, o tratamento às crianças apresentava-se como em todas as classes sociais. Às crianças pobres e “livres”, ainda era delegado uma oportunidade de mudança social nos estudos e nas relações familiares devido à cor de sua pele. Poderiam receber de um familiar rico ou padrinho a chance de conquistar um bom emprego da época ou estudar. Para as crianças pobres o trabalho era o meio mais curto para atingir a idade adulta.

Aos meninos entre 12 a 14 anos, existiam várias possibilidades de trabalho, a vida militar, serviços em oficinas, barbearias, fábricas e em uma proporção bem pequena o serviço doméstico. Às meninas, predominantemente, incumbiam-nas dos afazeres domésticos, muitas órfãs e de famílias pobres.

Com o crescimento urbano, no início do século XX e o descaso das autoridades com a população pobre fez aumentar a criminalidade nos grandes centros. Santos (2009, p. 215) discorre a respeito da preocupação que rondava as autoridades na época: “A infância, sempre vista como a “semente do futuro”, era alvo de sérias preocupações. Os criminalistas, diante dos elevados índices de delinquência, buscavam por vezes na infância a origem de problema [...]”.

Para as autoridades, cuidar das crianças seria uma estratégia para acabar com a criminalidade. E o cuidar seria obrigar a trabalhar e penalizar as crianças pelos crimes praticados:

[...] na forma de punição daqueles que, tendo entre nove e 14 anos, tivessem agido conscientemente, ou seja “obravam com discernimento”: deveriam estes ser “recolhidos a estabelecimentos disciplinares industriais, pelo tempo que ao Juiz parecer”, não devendo lá permanecer depois dos 17 anos. A recuperação desses menores, portanto daria-se não mais pelo simples encerramento numa instituição de correção, mas sim pela disciplina de uma instituição de caráter industrial, deixando transparecer a pedagogia do trabalho coato como principal recurso para a regeneração daqueles que não se enquadravam no regime produtivo vigente. (Santos, 2009, p. 216)

A punição para os crimes cometidos era a criança ser enclausurada e depois, trabalhar. É preciso destacar que a sociedade não possuía capacidade para identificar as diferentes idades e nem distinguir o delito para aplicação da pena. Não havia distinção entre meninos e meninas na aplicação das penas, ambos eram penalizados da mesma forma.

O início do século XX marca a tentativa de disciplinar com penalidades as crianças no sentido de controlar as crianças pobres que “vadiavam” pelas ruas causando medo nas pessoas. Nesta altura, o trabalho era visto como controle social, a “falta do que fazer” deveria ser combatida com crianças sendo postas para trabalhar e a tarefa de fiscalização nos grandes centros foi delegada à polícia que realizava esse enfrentamento.

Já no final do século XX, mesmo com a Constituição Federal (CF, 1988) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1999) alguns entraves ainda persistem no que diz respeito ao cuidado com os menores, sendo a internação ainda a forma principal de punição:

A educação para a cidadania defendida pelo ECA, continua subordinada à perspectiva criminalizadora dos antigos códigos de menores, pois a mentalidade jurídica no Brasil, continua predominantemente encarceradora e não surpreende que quase dez anos após a promulgação do ECA, temos que registrar que a história de séculos de punições não se muda só com a lei. Assim sendo, a perspectiva punitiva de internação, permanece presidindo as decisões, desconsiderando os apelos dos reformistas que reivindicam com insistência medidas de semiliberdade e liberdade assistida. (Passetti, 2009, p. 371)

Pensando em Infância no Brasil, é passível de notoriedade que as diferenciações sociais sempre nortearam o tratamento das crianças. A esperança era de que com a proclamação da República, os assuntos a respeito da Infância e os avanços sociais e educacionais seriam tratados de forma igualitária, com a garantia do Estado ao acesso e permanência nas escolas.

A seguir, a Antropologia da Criança, da Saúde e do Corpo considerará a criança e o estudo em questão em seus diversos aspectos da vida social em nossa cultura como hábitos, costumes e crenças.

2.4 Antropologia da Infância

Historicamente, na Antropologia, **a criança** durante muito tempo não era considerado um tema de relevância para realização de pesquisas científicas. As abordagens antropológicas clássicas que seguiam a linha de inclusão e atenção às crianças, basearam seus estudos na Escola de Cultura e Personalidade e nos Estudos sobre socialização:

A escola de Cultura e Personalidade procurava, em seus estudos, compreender como a cultura influenciava na constituição das crianças. Para essa escola existem padrões de cultura que moldam o corpo e a personalidade. Nesse sentido, seus estudos e pesquisas buscavam sempre verificar e comprovar essas concepções. Nessa escola destaca-se a antropóloga Margaret Mead que procurava entender o que significava ser criança ou adolescente em outras realidades socioculturais, tendo como referência e contraponto, principalmente, a sociedade norte americana (Buss-Simão, 2009, p. 2).

Os Estudos sobre Socialização negavam os padrões da psicologia e via o desenvolvimento da criança com pressupostos mais sociológicos:

Dessa corrente fazem parte pesquisas realizadas pelos antropólogos britânicos que enfatizaram, em seus estudos, as preocupações da escola estrutural-funcionalista fundada por Radcliffe-Brown que ancorava suas proposições na concepção de sociedade de Durkheim (Buss-Simão, 2009, p. 4).

A partir da década de 1960, novos conceitos centrais surgem no campo da Antropologia que deram caminho também para estudar a criança com um caráter inovador, como ressalta Cohn (2005, p. 19) “Dentre eles, o conceito de cultura, de sociedade e de agência, ou de ação social.” Para Cohn (2005) o conceito de cultura interpretados como dados culturais não apenas valores ou crenças, mas aquilo que a configura, ou seja, um sistema simbólico dos atores sociais que o acionam, dando sentido a suas experiências de vida. Fazendo com que as pessoas (crianças, famílias, adultos) vivam em sociedade, compartilhando sentidos pois estão

integradas a este sistema simbólico. E é neste sistema que se encontra a cultura, no emaranhado das relações sociais.

Nesta nova configuração do campo da Antropologia da Criança, passou-se a compreender que:

Em outras culturas e sociedades, a ideia de infância pode não existir, ou ser formulada de outros modos. O que é ser criança, ou quando acaba a infância, pode ser pensado de maneira muito diversa em diferentes contextos socioculturais, e uma antropologia da criança deve ser capaz de apreender essas diferenças. Para isso, a análise antropológica deve abranger outros campos que, a cada caso, serão fundamentais para se entender o que significa ser - e deixar de ser - criança nesses contextos (Cohn, 2005, p. 22).

A concepção de infância precisa revelar o que as próprias crianças têm a dizer do seu mundo. E este mundo só é acessado, quando se fala em pesquisa, por meio delas. A concepção de infância desvia-se pelo que o adulto pensa e encontra sua razão de ser, na criança em si. Se as questões necessitam de respostas: o que é uma criança? O que é ser criança? O que ela pensa? - a chave de acesso estará sempre na criança.

Todos os adultos já foram crianças, portanto, pressupõe que eles já sabem o que é ser criança. Mas as crianças vivem a infância, são o próprio conceito de infância materializado. Antropologicamente o conceito de criança remete a uma diversidade cultural que deve ser respeitada, analisada em sua totalidade e dimensões. Para responder à pergunta do que é a criança e o que é ser criança, é preciso entender a criança e seu mundo a partir do seu próprio ponto de vista. Por isso, uma antropologia da criança mostra-se tão importante. A criança não é apenas produzida pela cultura, ela também produz cultura:

Quando a cultura passa a ser entendida como um sistema simbólico, a ideia de que as crianças vão incorporando-a gradativamente ao aprender "coisas" pode ser revista. A questão deixa de ser apenas como e quando a cultura é transmitida em seus artefatos (sejam eles objetos, relatos ou crenças), mas como a criança formula um sentido ao mundo que a rodeia. Portanto, a diferença entre as crianças e os adultos não é quantitativa, mas qualitativa; a criança não sabe menos, sabe outra coisa. (Cohn, 2005, p. 33)

Para uma pesquisa do que é ser criança há a real necessidade de uma perspectiva antropológica para se analisar as concepções de infância e as noções de pessoa. Demonstrando o papel que os conceitos de infância exercem na análise

antropológica destas observações. Análise antropológica para entender o que as crianças fazem, dizem e pensam e o que se faz com elas, o que se pensa delas, se diz delas e para elas. É preciso observá-las, ouvi-las, acompanhá-las. Buscar entender as crianças e suas vidas por elas mesmas. A pesquisa deve ser direcionada pelo que as crianças são e não pelo que elas deveriam ser ou viriam a ser depois de determinado trabalho de campo.

Para descobrir o que as crianças são e o que pensam, é preciso rejeitar o conceito de infância universal. Ariès (1981) nos fala de uma ideia de infância e sentimento de infância que tem uma origem histórica muito bem localizada e propriamente ocidental. E a Antropologia pode ajudar nesta busca de entendimento do mundo da criança, considerando seus aspectos múltiplos:

Os estudos da Antropologia da Criança são contribuições importantes para o âmbito pedagógico e particularmente para uma Pedagogia da Infância, pois procuram apreender as diferentes formas de ser criança e, inclusive, de deixar de ser criança em diferentes contextos. Subsidiem, da mesma forma a compreensão dos universos autônomos e da autonomia do mundo infantil, compreendendo esse universo infantil não mais como um reflexo do mundo adulto, mas como a passagem do universo infantil para o universo adulto constituída de uma transformação qualitativa e não apenas quantitativa (Buss-Simão, 2007, p. 20).

Por fim, para entender o conceito de criança, é preciso começar do início, observando o óbvio, que quase sempre não é óbvio pois é vivo, se modifica, se transforma. E a Antropologia da Criança aponta para esse caminho.

2.5 Antropologia da Saúde

O conceito de saúde para muitas pessoas pode ser explicado pela ausência de doença. Estamos saudáveis quando não estamos doentes. Porém, o conceito de saúde pode estar ligado a um conceito muito mais amplo pois pode-se considerar também o que pode provocar o surgimento da doença. Segundo Minayo (1998) a própria multiplicidade de sentidos do termo saúde escapa do objeto de qualquer disciplina.

Foi na década de 80 que a Antropologia começou a receber notoriedade, expandindo conceitos antes vistos apenas como biológicos ou médicos:

[...]a antropologia na década de 80 aproximou-se do tema saúde, doença e dos distintos sistemas de cura, o que pode significar que ela vem refletindo sobre questões oferecidas pela sociedade, mesmo quando resiste em recortar objetos específicos, uma vez que os fenômenos saúde, doença e cura ultrapassam a dimensão restrita biológica, [...] (Canesqui, 2008, p. 27).

Minayo (1998) quando discorre a respeito da construção da identidade da antropologia na área da saúde no Brasil, aponta algumas considerações conclusivas e de extrema importância, dentre as quais, destaca-se para inicialização ao tema antropologia da saúde:

1) Em primeiro lugar, é relevante assinalar o crescente desenvolvimento e as tendências de aprofundamento da antropologia médica/de saúde no Brasil; 2) Da mesma forma, a reflexão aponta para um campo ainda "adolescente", em fase de afirmação de identidade, debatendo-se entre a dependência do desenvolvimento teórico-conceitual e metodológico estrangeiro e o já razoável acúmulo. [...] 6). Por fim, mas não menos importante, a sub-área terá que investir na sua nomeação. Independentemente do tributo merecido a tradições americana, francesa ou inglesa, com quem necessita manter profunda interação, parece-me que a produção brasileira estaria nos apontando, na prática, para a formação de um campo de Antropologia da Saúde. Este é meu anseio e minha preferência em relação ao debate inacabado, sobre a construção da identidade. (Minayo, 1998, p.44)

Interessante pontuar que a antropologia da saúde é reivindicada por sociólogos e profissionais da saúde e o campo ainda está em fase de construção. E mesmo com as contribuições da área oriundos de outros países, no Brasil é primordial que, como uma subárea, a antropologia da saúde necessita consolidar o seu nome.

O contexto social e todo esse sistema cultural em que o indivíduo se encontra inserido devem ser analisados para conceituar o estado de saúde de acordo com determinado grupo ou sociedade. A cultura constitui-se em um emaranhado de elementos que realizam uma mediação e designa atividade física e mental e que não é determinada pela biologia e compartilhada por um grupo social. Os elementos que os atores sociais deste grupo constroem significados para comportamentos e atitudes, bem como sustentar as diversas formas sociais em voga, as instituições e seus modelos de operacionalização. A cultura contém as normas, práticas e símbolos. A partir deste conceito de cultura:

[...] três aspectos devem ser ressaltados para que se possa compreender o significado de atividade sociocultural. Cultura é aprendida, compartilhada e padronizada. Ao se afirmar que a cultura é aprendida, profere-se que não se

pode explicar as diferenças do comportamento humano através da biologia de forma isolada. Sem negar o seu destacado papel, a perspectiva cultural(ista) afirma que a cultura modela as necessidades e características biológicas e corporais. Dessa forma, a biologia oferece um pano de fundo para o comportamento, assim como fornece as potencialidades da formação e desenvolvimento humano. (Langdon; Wiik, 2010, p. 175)

A cultura apreendida, partilhada pelas pessoas que torna as potencialidades facilmente compreendidas e passível de comunicação. O comportamento humano não pode ser explicado unilateralmente pela biologia. Os valores, conhecimentos, comportamentos culturais também integram o conceito de saúde formando um sistema sociocultural integrado.

Por isso, estar com saúde / estar doente não podem ser analisados de forma isolada da vida social, interpostos pela cultura que dá sentido a essas experiências. Saúde e todo seu sistema, são também sistemas culturais, configurados com os grupos e suas realidades sociais, políticas e econômicas.

As interpretações e ações dos profissionais da saúde e da educação devem ser vistas e revistas pelo conceito do relativismo cultural, evitando atitudes e posturas preconceituosas e etnocêntricas. A respeito do relativismo cultural Langdon; Wiik (2010, pp. 177-178) explicam: “É ele que permite compreender o porquê das atividades e os sentidos atribuídos a elas de forma lógica, sem hierarquizá-los ou julgá-los, mas somente, e sobretudo, reconhecendo-os como diferentes.” Nesse contexto, surge a criança com sua cultura apreendida em sociedade mas também com sua cultura própria, a Cultura da Criança. A criança pensa e atribui valores que nem sempre os adultos conseguem alcançar.

Numa perspectiva antropológica não há julgamento de valores compreendidos no sistema cultural ao qual o indivíduo/criança pertence. Não se deve interpretar uma cultura segundo seus próprios valores, conhecimentos e experiências. Para realizar a interpretação do que uma criança pequena entende a respeito dos conceitos de limpo e sujo, deve-se levar em conta as suas experiências vividas como resultado do meio, do ambiente, da família e de grupos sociais em que está inserida:

As pesquisas com crianças mostram-se relevantes à medida que, conhecendo suas opiniões e anseios, torna-se possível o avanço no conhecimento em qualquer área, em favor do bem-estar e do desenvolvimento de seres humanos inseridos em um contexto histórico-cultural, na perspectiva da Promoção da Saúde. (Camargo *et al.*, 2016 p. 130-131).

Portanto, é de extrema importância realizar tentativas de conhecer o que as crianças pequenas pensam a respeito de saúde no intuito dos profissionais da educação repensarem suas práticas, metodologias e dar oportunidade à criança pequena situações reflexivas com vistas à aprendizagem a respeito do “ser saudável”. Para conhecer o que as crianças pensam a respeito de saúde / doença é preciso ter conhecimento de como esses conceitos foram se constituindo no percurso da história.

A saúde desde sempre teve seu viés biológico e até a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial da Saúde (OMS), não havia um conceito de saúde em uma dimensão universal. Os povos da antiguidade preocupavam-se mais com a doença vista como uma forma de consequência do pecado praticado cometido pelo indivíduo ou até mesmo como falta de equilíbrio de seu corpo. Desta forma, enfrentava-se a doença de diversas formas.

No final do século XIX, a ciência teve seu avanço e a doença passou a ser vista como algo a ser pesquisado, buscando suas causas e origens. A doença poderia ser curada e prevenida com soros e vacinas e a responsabilidade sobre ter ou não saúde recaía sobre o indivíduo e como ele se comportava.

A sociedade cresceu e a OMS teve um importante papel no avanço do conceito de saúde:

Com o crescimento da sociedade, a OMS criou a Constituição de 1946, em que ampliava os objetivos de alcançar a saúde desejável para a população mundial, colocando-a de forma mais ampla e avançando do conceito de ausência de doença para saúde como bem-estar social, físico e mental. (Camargo *et al.*, 2016, p. 131).

Segundo a OMS (1947) saúde é “um estado de completo bem-estar físico, mental e social”² e não apenas a inexistência de doenças. Em uma revisão integrativa a respeito de trabalhos de pesquisa relacionados ao tema de saúde e doença na percepção das crianças:

Após análise dos artigos selecionados, concluiu-se que a maioria dessas pesquisas encontradas sobre saúde e doença foca em crianças que

² Biblioteca Virtual do Ministério da Saúde. Dia Nacional da Saúde. Brasil. Acesso em: 13 out. 2023. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/05-8-dia-nacional-da-saude>.

passam por tratamento de saúde, geralmente, hospitalizadas. Ligados a esse dado, aparecem trabalhos que pesquisam o que significa, para a criança, estar hospitalizada. Sendo assim, questiona-se sobre os motivos de temas como saúde e doença serem apresentados, discutidos e pesquisados apenas com crianças que experimentam tais questões diariamente, mais de perto e de forma mais intensa, por conta de algum problema de saúde. (Camargo *et al.*, 2016, p. 143)

É preciso avançar no campo de pesquisa para a compreensão do que pensam as crianças dentro das unidades escolares a respeito do tema. Na antropologia da saúde, ouvir as crianças para que elas possam se expressar, manifestando suas opiniões, propicia um estado de autonomia e empoderamento. E por consequência o entendimento do conceito ampliado de saúde para além do biológico.

Compreendendo também como a criança se constitui quando ela diz o que pensa a respeito do assunto em um caráter antropológico: conhecendo os significados expressos pelas crianças do que é saúde, ser/ estar limpo/ sujo pode auxiliar as professoras na maneira de abordar questões, conteúdos, atitudes, procedimentos voltados para a saúde na Educação Infantil com as crianças pequenas.

Uma criança pequena também pode expressar o seu bem estar ou demonstrar que está doente através do seu corpo, categoria que será abordada a seguir.

2.6 Antropologia do Corpo

A concepção de criança também está ligada às experiências corpóreas, sentido, percepção. As crianças também falam com seus corpos, com seus movimentos, com sua maneira de agir, como olham, escutam, inclinam o corpo, como desejam se vestir, como se alimentam, como circulam de um lado para o outro e até quando ficam paradas. A corporalidade é, portanto, um importante local de produção de infância. Constituindo-se foco de pesquisa e de produção da mesma.

David Le Breton é um dos maiores antropólogos contemporâneos que estudam sobre a dimensão corporal da existência. A antropologia do corpo foi pautada em seus estudos não pretendendo esgotar o assunto, mas adentrando à dimensão corpórea através de um estudioso do assunto que discursa a respeito nas dimensões histórica, sociológica e antropológica.

O corpo é uma construção de símbolos e não apenas uma dada realidade que se apresenta. O corpo não é apreendido e nem compreensível em sua totalidade pois é uma construção social e cultural:

“As representações do corpo, e os saberes que as alcançam, são tributários de um estado social, de uma visão de mundo, e, no interior desta última, de uma definição da pessoa. O corpo é uma construção simbólica, não uma realidade em si. Donde a miríade de representações que procuram conferir-lhe um sentido, e seu caráter heteróclito, insólito, contraditório, de uma sociedade a outra” (Le Breton, 2011, p. 18).

Não há nada de evidente no corpo, sempre há algo que possa ser discutido a seu respeito pois ele é social, cultural. O corpo muitas vezes apresenta-se como um marcador de limites entre o indivíduo que detém este corpo e o mundo que o cerca e em outro momento ele é visto como algo separado deste indivíduo. E nesta separação acontece um distanciamento e também uma desvalorização, que não há necessidade de existir.

Corpo também fala da identidade do indivíduo, um sentimento do ser antes de ser e se tornar membro de uma dada comunidade, portanto há uma dimensão individual, particular de pessoa para pessoa. Uma posse do corpo pelo indivíduo que nasce da urgência e do desenvolvimento do individualismo nas sociedades ocidentais a partir do Renascimento.

Já a noção moderna do corpo: [...] “é um efeito da estrutura individualista do campo social, uma consequência da ruptura da solidariedade que mescla a pessoa a um coletivo e ao cosmos por meio de um tecido de correspondências no qual tudo se entrelaça” (Le Breton, 2011, p. 21). Não há coletivo sem individual, o coletivo é a junção de vários “individuais”.

Ao contrário da Idade Média e no Renascimento, na Modernidade há a concepção de homem separado de si mesmo (homem e corpo), dos outros e do universo. E rompe com o pensamento tradicional em que não se admitia separação entre uma pessoa e seu corpo, as matérias que compõem a pessoa, matéria e energias do universo.

Da modernidade aos dias atuais, no ocidente, há uma proliferação de conceitos e significados ligados ao corpo que foram se constituindo em uma multiplicidade de sentidos. E dessas concepções, há três esferas sociais e culturais: o individualismo (vida pública e vida privada), emergência a um saber racional e

laico a respeito da natureza e um decaimento das tradições populares e locais dando lugar progressivamente à medicina. E a respeito dos anos 60 do século XX:

“Um novo imaginário do corpo desenvolveu-se nos anos de 1960. O homem ocidental descobre um corpo, e a novidade segue seu curso, drenando discursos e práticas revestidos da aura das mídias. O dualismo contemporâneo opõe o homem ao seu corpo. As aventuras modernas do homem e de seu duplo fizeram do corpo uma espécie de *alter ego*. Lugar privilegiado do bem-estar (a forma), do bem-parecer (as formas, body-building, cosméticos, dietéticas etc.), paixão pelo esforço (maratona, jogging, windsurfe) ou pelo risco (escalada, “a aventura” etc) [...] (Le Breton, 2011, p. 10).

Nas sociedades ocidentais o corpo é “o signo do indivíduo, o lugar de sua diferença, de sua distinção; e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, está frequentemente dissociado dele, devido à herança dualista que pesa sempre sobre sua caracterização ocidental” (Le Breton, 2011, p. 11).

O corpo sendo constituído e entendido socialmente e culturalmente, desejou-se entender qual é a construção vigente na creche de corpo, *locus* da pesquisa, tanto para as crianças pequenas como para as profissionais de educação. Deseja-se verificar qual foi o sistema acionado pelos atores, participantes do contexto em que questão que desencadeou na construção do conceito de corpo e como ele é visto pela criança e pelo coletivo da creche.

2.6.1. As pesquisas a respeito do Corpo na Educação Infantil

A categoria Corpo vem sendo objeto de pesquisa na Educação Infantil com frequência, visto que nos primeiros anos da creche o corpo da criança pequena é visto como centralidade e objeto de atividades diversas com a intenção de auxiliar a criança em seu desenvolvimento motor.

Buss-Simão (2007) em sua dissertação de mestrado intitulada “Infância, corpo e educação na produção científica brasileira (1997-2003)” e que teve como principal objetivo analisar as concepções das categorias corpo, criança / infância e educação inseridas nas pesquisas (dissertações de mestrado) nas diferentes áreas do conhecimento do banco de dados da CAPES entre 1997 e 2003, relata que foram identificadas 29 dissertações e apenas 18 fizeram parte do *corpus* analisado pois se enquadravam no objetivo da pesquisa.

A dimensão corporal das crianças pequenas sempre foi motivo de preocupação nas unidades escolares de Educação Infantil. Sempre há questionamentos por parte dos profissionais da educação em como se contemplar esta categoria sem deixar de lado a multiplicidade de linguagens que constituem a infância. Buss-Simão (2007, p. 12) justifica a legitimidade da dimensão corporal a partir de quatro aspectos: “**corpo como suporte**, instrumento e portador da aprendizagem humana; **corpo como direito ético**, no qual todos têm o direito de ter um corpo; **corpo como linguagem**, expressão, “fala”, meio de comunicação; e, finalmente, **corpo como conhecimento**, objeto de consciência.”

A compreensão é de que as circunstâncias e condições adversas e diversas, sociais, culturais, étnicas e de gênero das crianças apresentam-se em diferentes facetas da infância. Nesta perspectiva, buscar conhecimentos a respeito do corpo em uma dimensão cultural e histórica estão em consonância com os estudos a respeito da própria infância.

Numa dimensão cultural o corpo ultrapassa a dimensão física que normalmente é observada em todas as etapas da vida humana, Vigarello (1978, p. 9 apud Soares, 1998, p. 17) enfatiza que: “o corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança, ele é o primeiro espaço onde se impõe os limites sociais e psicológicos que forma dados a sua conduta, ele é o emblema onde a cultura vem inscrever seus signos como também seus brasões. ”

O corpo percebido por um viés antropológico encontra-se imbuído de um contexto histórico, social e cultural onde se insere não apenas em uma perspectiva natural ou biológica. Buss-Simão (2007, p.46) nos explica que até esta dimensão biológica explica-se por uma construção social, de uma forma cíclica, a própria determinação biológica reforça a importância da dimensão antropológica: “A compreensão dessa perspectiva cultural do corpo implica, portanto, considerar que o fato de, tradicionalmente, a dimensão corporal ter sua ênfase na determinação biológica é também uma construção social, que atendeu necessidades e interesses históricos e políticos. ”

Há também um paradoxo no que diz respeito à categoria corpo e sua relação com as crianças. Da mesma forma, Sacristán (2005, p. 71) confirma esta incongruência na dimensão corporal das crianças: “[...] o corpo dos menores é amado, respeitado e educado, e ao mesmo tempo disciplinado, reprimido e castigado”. Esse paradoxo ante a dimensão corporal das crianças pequenas

necessitam ser superados, pois, em ambas concepções, as crianças não são concebidas efetivamente como sujeitos de direitos (Buss-Simão, 2007). Uma problemática que necessita ser enfrentada quando se fala em pesquisa com a dimensão corporal de crianças e crianças bem pequenas.

Quando se priva as crianças do movimento, da livre expressão, impossibilitam seu desenvolver da autonomia, cerceando suas capacidades e possibilidades de experimentação com seus corpos, gestos, movimentos, comunicação própria de sua cultura onde convivem e vivem enquanto grupos e sociedade e que são reinventadas de forma particular por elas mesmas.

Há uma historicidade na dimensão corporal e em seu cunho tradicional:

Em uma perspectiva tradicional de socialização, o corpo geralmente é compreendido como o órgão das paixões, dos desejos, do cansaço, das dores, dos sofrimentos, das emoções fracas e fortes, da fome, da sede, da “preguiça”, do “agito” e da “desordem”. Desse modo, no imaginário educacional, é consenso a ideia de que a socialização deve contribuir para que ele seja contido, educado, disciplinado para, em uma visão adultocêntrica, chegar aos padrões de comportamento corporal dos adultos. Esse ideário faz parte da história da educação do corpo, possível de resgatar nas predicções de Platão, nas quais ele afirmava que a ginástica ajudava na educação do guerreiro cidadão. A mesma ideia de disciplina e controle mais rigoroso dos impulsos, das emoções e dos bons modos também podem ser encontrada nos manuais de etiqueta da Alta Idade Média, nos quais a tendência do “processo civilizador” foi tornar mais íntimas todas as funções corporais, colocando-as “atrás de portas fechadas”. Do mesmo modo, as regras de cuidados com o corpo, podem ser evidenciadas no período do início da República brasileira, período no qual, se destacou a ênfase na profilaxia tão necessária para o processo civilizador inaugurado com a Modernidade que se buscava instaurar (Buss-Simão, 2007, p. 49-50).

Historicamente, a disciplina acompanhou a dimensão corpo e ao longo do tempo, já no início da República, a prevenção, a preservação foi a busca fundamental para que o corpo fosse preservado limpo e salubre e na Modernidade confirmando o corpo ainda como desenvolvimento da civilidade.

É com esse enfoque que se justifica a relevância científica, social e educacional da pesquisa realizada. Pois um trabalho pedagógico, principalmente com as crianças pequenas, é integralizado na dimensão do corpo. Por isso, Sacristán (2005, p.70), ao se referir às relações com o corpo na infância, afirma que “[...] o trabalho pedagógico com os alunos sempre é um trabalho com e no corpo, ainda que no discurso sobre as práticas educativas ele não seja uma categoria muito visível (contrariamente à evidência de sua materialidade)”.

A metodologia da pesquisa, pautada no estudo teórico até aqui exposto, será descrita no próximo capítulo.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa, bem como a metodologia que será detalhada, foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade do Grande Rio Professor José de Souza Herdy - UNIGRANRIO, que é composto por um grupo de pesquisadores que trabalham para garantir que os direitos dos participantes da pesquisa sejam respeitados. A numeração do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) é 69290223.6.0000.5283 e o parecer consubstanciado de aprovação é de número 6.063.845.

A motivação para a construção desta pesquisa e início dos trabalhos, como já relatados anteriormente, foram as indagações quanto à percepção das crianças a respeito dos conceitos de limpo e sujo. Imbuídas da preocupação em entender e não apenas repassar informações a respeito de eixos geradores e conceitos importantes que surgiam nos projetos de higiene desenvolvidos na creche ano após ano. Fazendo a relação com os eixos fundamentais da pesquisa, visto por uma abordagem antropológica: Infância, Saúde e Corpo. Por conseguinte, é apresentada nesta seção o trajeto, o caminho metodológico da pesquisa e a organização da estrutura dos procedimentos adotados, a saber: 3.1 Contexto da Pesquisa, 3.2 Participantes do estudo, 3.3 A busca pelo problema, 3.4 Método de coleta de dados e 3.5 Métodos de análise de dados.

A pesquisa foi caracterizada como uma pesquisa qualitativa e também participativa. Os autores Bogdan e Biklen (1994), ratificam que na investigação qualitativa o objetivo do pesquisador é realizar tentativas de compreender da melhor maneira o comportamento e as experiências dos participantes envolvidos. Esses autores nos apresentam as cinco características da investigação qualitativa:

1. Na investigação qualitativa, a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal;
2. A investigação qualitativa é descritiva;
3. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos;
4. Os investigadores tendem a analisar os seus dados de forma indutiva; e
5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa (Bogdan; Biklen, 1994, pp. 47-51).

Ideia que corrobora para a confirmação desta investigação participativa de caráter antropológico que caminhou a pesquisa, com observação do dia a dia das

crianças pequenas e profissionais da creche. O olhar para estes participantes segue em acordo ao que os autores ressaltam. A pesquisa assumiu o papel investigatório de tentar compreender o processo pelo qual os profissionais e as crianças constroem o significado do que é limpo e sujo e descrever em que consistem estes significados.

Marconi e Lakatos (2003), caracterizam a pesquisa participante também como pesquisa exploratória. No processo de pesquisa, de investigação, haverá a formulação de questões e de um problema. O pesquisador necessitará participar ativamente, interagindo com todos os participantes da pesquisa e no *lôcus* da pesquisa. Por isso, a pesquisa participante é o resultado da busca pelo conhecimento e estudo dos problemas da comunidade envolvida e que leva em conta seus desejos e potencialidades para conhecer e agir em sua realidade.

De igual modo, Gil (2008), chama a atenção para quando se desenvolve uma pesquisa participante, é preciso tomar cuidado para que o pesquisador, inserido no grupo e fazendo parte deste, pode se esbarrar em dificuldades para se obter os dados e encontrar variantes que impossibilitem sua interpretação.

A pesquisa foi exploratória porque teve por objetivo proporcionar uma visão geral do projeto Higiene desenvolvido na etapa da Educação Infantil em uma creche do município de Duque de Caxias, no estado do Rio de Janeiro. Pela ótica das participantes da pesquisa, buscou-se identificar como o ensino de hábitos de higiene é realizado e quais conceitos são introduzidos durante o projeto. Posteriormente, teve como objetivo identificar as percepções das crianças e dos profissionais da educação para os conceitos de limpo e sujo. Gil (2008) define a pesquisa exploratória a qual tem a principal finalidade em desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias. Realizar o enfrentamento de um problema ou desenvolver um novo processo e produto mediante a investigação das práticas pedagógicas das profissionais de educação infantil e das crianças pequenas.

Na busca em responder à pergunta de partida: como ocorre a produção do conceito de Saúde, a partir das noções de limpo e sujo na creche por parte de seus agentes: crianças, professoras e auxiliares em um contexto coletivo educativo? de modo que o Produto Educacional (PE) produzido contribua para um ensino em ciências reflexivo, pautado na observação do modo de vida e do conhecimento cultural de determinado grupo de indivíduos, crianças e profissionais da educação em convivência, sendo acionados entre si por um conjunto de códigos culturais. E

que considerasse essas vozes, como produção de conhecimento nas relações entre adultos, crianças e sociedade. Sendo assim, será apresentado o contexto em que ocorreu o desenrolar desta pesquisa.

3.1 Contexto da Pesquisa

A creche *lócus* da pesquisa, de caráter público e municipal, está situada no município de Duque de Caxias no estado do Rio de Janeiro. A escolha da unidade se oportunizou devido à pesquisadora estar inserida no contexto dessa modalidade de ensino. À época das primeiras escritas do projeto de pesquisa atuava como professora regente de uma turma de dois anos nessa mesma Instituição.

A proximidade facilitou a entrada no *lócus* de investigação e auxiliou na busca pelo problema de pesquisa. Uma vez que, decorrido os anos, foi percebido que as práticas no projeto higiene se tornavam engessadas e as atitudes das crianças em relação ao que é sujo ou limpo delineava-se em sua postura de ver e enxergar as coisas como limpas ou sujas, a partir da perspectiva do adulto. As crianças, passivamente, recebiam a informação no decorrer das atividades propostas dos comportamentos corretos, de acordo com o planejamento da professora, a ser feito para que adquirissem bons hábitos de higiene. Não haviam perguntas iniciais para levantar os conhecimentos prévios das crianças para posteriormente realizar o planejamento de acordo com o projeto.

Pela efetivação da matrícula dos alunos ocorrer posteriormente a um sorteio de vagas, as famílias são diversas em sua composição e renda. Em conversas durante o início dos anos letivos, percebe-se que muitas famílias vivem apenas com auxílios do governo federal. Em geral, a mãe é a única fonte de renda de uma família de dois a quatro filhos e que também possui responsabilidade com o sustento dos avós dessas crianças, seus próprios pais. Porém, há famílias que ambos os genitores, pai e mãe estão empregados e possuem vínculo trabalhista, plano de saúde e uma rede de familiares que os auxiliam na educação de seus filhos.

A referida unidade atende apenas crianças de dois a quatro anos de idade e abrange exclusivamente crianças da Educação Infantil. A creche é organizada em três turmas de dois anos e três turmas de três anos de idade.

A respeito da infraestrutura, a unidade não foi construída nos moldes de uma creche, modelo da prefeitura. Seu espaço, antes uma casa de funcionário, foi cedido

para a prefeitura por uma antiga e grande fábrica que decretou falência. Atualmente possui novo proprietário, uma empresa de marca famosa. Informalmente a direção da creche sabe que esta empresa realizou a doação oficial para a prefeitura municipal de Duque de Caxias (PMDC) mas ainda não foi publicado documento que comprove tal fato. Esta empresa também realiza doações pontuais para a creche.

As turmas geralmente são organizadas no total de dezoito alunos aproximadamente pois as salas, outrora cômodos de uma casa adaptada, não oferecem o espaço adequado para uma turma de Educação Infantil. No entorno do bairro encontramos locais (conjunto de ruas) com índice de violência considerável. E se constata que ao afastar-se do pequeno centro de mercados e lojas do bairro, o índice de violência aumenta.

O maior desafio que a unidade apresenta é de não conseguir atender todas as crianças cujos responsáveis realizam inscrição para o sorteio de vagas. A oferta de vagas é bem menor do que a demanda. Há lista de espera organizada em todos os anos letivos. Muitas crianças ficam sem atendimento no momento que acontece o sorteio e seus responsáveis não conseguem outro local para matriculá-las. É observado que há crianças de bairros próximos que se inscrevem para o sorteio de vagas da unidade e não apenas do bairro onde a creche está localizada. Há o entendimento de que o histórico de uma unidade organizada, reformada e com a “boa fama” de uma direção atuante e presente, de profissionais dedicados que atuam na creche corroboram para esta alta procura.

Caminhando para o município de Duque de Caxias - RJ, onde encontra-se a unidade pública de Educação Infantil (EI), *lócus* da pesquisa em questão (Faria, 2018), apresenta informações de que a rede do município ainda não consegue absorver a maior parcela da procura na EI, apenas absorve 50% das matrículas neste nível. E ainda está abaixo do panorama nacional (INEP, 2018) apontando que entes municipais reuniram 71% da oferta da EI. É observado também que há, na cidade, considerável quantidade de creches e pré-escolas do setor privado. Fato que confirma o elevado número de inscritos na lista de espera por uma vaga nas turmas de 2 e 3 anos da unidade que será acompanhada durante toda a trajetória desta pesquisa. A fila de espera formaria de duas a três turmas de dois anos e três anos neste ano de 2023. As famílias se esforçam para custear uma mensalidade nas unidades infantis particulares. Outras pagam informalmente a pessoas leigas para

cuidar de seus filhos para trabalhar com a promessa de que durante este cuidar, eles também receberão atendimento pedagógico.

No que se refere à participação, as famílias das crianças acompanham ativamente o dia a dia de mobilização da comunidade escolar, participando e frequentando as reuniões de responsáveis, festas e culminâncias. Em todos estes eventos há sempre uma quantidade considerável de pessoas.

As professoras regentes, aquelas que realizam o trabalho pedagógico diretamente com a turma sob sua responsabilidade, trabalham de forma colaborativa. Se agrupam por turmas (grupo das turmas de dois anos e grupos das turmas de três anos) para organizarem o planejamento semanal. E direcionam um planejamento voltado para a faixa etária, entendendo que há uma especificidade para as crianças de idades de dois e três anos nas atividades relacionadas aos projetos anuais. E quando há eventos para todas as turmas, todas as professoras se reúnem para organizar coletivamente o evento. Esta facilidade se deve por existir 1/3 de planejamento organizado pela equipe diretiva, garantido por lei, porém, conquistado há pouco tempo e que há em poucas unidades escolares da Rede Municipal.

Para a coleta de dados, os participantes da pesquisa serão apresentados a seguir.

3.2 Participantes do Estudo

Primeiramente há a necessidade de explicitar que houve interação em conformidade com um trabalho conjunto da pesquisadora e os participantes do estudo quando atuou no *lócus* da pesquisa. Minayo (1994) aborda este caráter participante do pesquisador:

O trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer interação com os “atores” que conformam a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social (Minayo, 1994, p. 61).

Nesta pesquisa, os participantes foram: três professoras regentes das turmas de três anos; dez auxiliares de desenvolvimento da educação básica dessas respectivas turmas e vinte e seis crianças no total. Oito crianças da turma 31, dez crianças da turma 32 e oito crianças da turma 33:

Quadro 01: Participantes da pesquisa

Participantes	Quantidade
Crianças	26
Auxiliares (ADEBs / EMI)	10
Professoras	03
Total	39

Fonte: elaborado pela pesquisadora

As identidades pessoais dos participantes do estudo foram preservadas a fim de respeitar os princípios éticos da pesquisa. Os nomes dos profissionais da educação e das crianças pequenas foram substituídos por nomes fictícios.

Com as crianças pequenas, seus respectivos responsáveis foram informados a respeito da pesquisa em questão, em que etapa e de que maneira seus filhos participariam

Ficou à disposição, para assinatura dos participantes e responsáveis das crianças participantes da pesquisa, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No ato da declaração foram informados que suas imagens serão preservadas e seus nomes reais também, sendo substituídos por nomes fictícios apenas para organização e delineamento no decorrer da pesquisa.

Considera-se que toda pesquisa com seres humanos apresenta riscos. Os participantes podem se sentir julgados, avaliados, obrigados a participar e até mesmo constrangidos pois pesquisa pode gerar constrangimentos. Na participação das profissionais da creche e das crianças pequenas poderá surgir o cansaço e desconforto ao responder às perguntas ou desinteresse na participação dos grupos nas rodas de conversa. As crianças pequenas podem chorar, não desejar ficar no local onde haverá a roda de conversa ou na oficina.

Os caminhos para diminuir os riscos foram a conversa com os participantes e o convite realizado com respeito e seriedade, falando-lhes a respeito do motivo da escolha das profissionais para participar da pesquisa, visto que são detentoras e agentes ativas na aplicação de ideias e saberes importantes e norteadores para uma busca de entendimento da realidade, da rotina, dos dilemas, do cotidiano vivo que há quando se atua na Educação Infantil com crianças pequenas.

Foi de extrema importância ofertar um lugar adequado, acolhedor onde as profissionais e crianças sentiram-se à vontade para participar da pesquisa. E atentando para sinais de desconfortos em situações ou perguntas, fazendo adaptações de forma a romper com a insegurança.

Em relação às crianças pequenas, se alguma criança chorasse ou externasse sua vontade de não participar, haveria conversa com a criança no sentido de entender seu desconforto e auxílio das profissionais da creche para assegurar o acolhimento de que a criança necessitasse no momento.

O que foi esclarecido para todos os participantes e os responsáveis das crianças pequenas que juntos, seguiríamos pelo caminho de conhecer para transformar. E que não foi obrigatório a participação na pesquisa. Também serão informados de que não haverá problema, caso optem por não participarem. E mesmo para aqueles que decidiram participar durante os trabalhos iniciais, em qualquer momento da pesquisa poderão optar por deixar de participar. A mesma conversa foi dirigida aos responsáveis das crianças pequenas participantes da pesquisa.

Pretendeu-se ouvir as pessoas, os atores da pesquisa e acolher suas diferentes formas de perspectiva e opinião. A fala em todos os momentos foi valorizada pois há entendimento de que todos vivem e vivenciam o *lócus* da pesquisa e de que certamente haverá contribuições ricas e esclarecedoras do conhecimento de cada um dos participantes. E que esses participantes contribuirão com suas experiências e entendimento, para construirmos novas experiências e novos saberes.

Durante toda a pesquisa foi explicitado de que não haveria julgamento para com os participantes, nas suas colocações, proposições e atitudes. O conhecimento adquirido seria sistematizado pois é preciso entender melhor as percepções dos participantes atuantes no “chão da escola”, que constituem a estrutura da creche, do dia a dia, compartilhando saberes e experiências a todo momento, contribuindo com a Educação e a construção de propostas de melhoria conjunta.

Os benefícios relacionados com a participação dos voluntários foram durante toda a pesquisa: colaborar para a formação profissional da pesquisadora e dos participantes da pesquisa, contribuir para a prática do Ensino na Educação Infantil com as crianças pequenas ao trazer a perspectiva antropológica como método de aprendizagem para crianças pequenas, absorvida no cotidiano da creche.

A pesquisadora assumiu total responsabilidade de dar assistência integral aos participantes durante a coleta de dados e se em algum momento percebesse que os participantes demonstraram desconforto ou desmotivação, suspenderia a coleta de dados imediatamente e agradeceria aos participantes pela contribuição, sem interferências no relacionamento profissional e pessoal de ambos.

As professoras participantes cumprem a carga horária de quatro horas e semanalmente 20 (vinte) horas totais. No planejamento, cada professora dispõe de uma hora por dia para organizar suas atividades semanais. Ainda não é o ideal, contudo, o possível. Uma hora por dia, deixa o planejamento segmentado, como dizem as professoras. Muitas vezes elas não conseguem finalizar as atividades propostas de um dia de rotina da aula, dado que na Educação Infantil é preciso uma primorosa organização, diferentes materiais e possibilidades. Há também a escrita bimestral dos relatórios individuais das crianças da turma, preenchimento do diário de classe com os conteúdos dados e marcação da frequência das crianças, todas as atividades de planejamento precisam ser realizadas dentro do espaço de tempo de uma hora por dia.

Tendo em vista o tempo de planejamento limitado diário, foi percebido que ocorreram dificuldades para a concretização das estratégias de coleta de dados com as professoras, pois as mesmas estão na instituição apenas quatro horas diárias, sendo uma hora exclusiva para o planejamento. Como as mesmas estão sempre com seu tempo reduzido, foram possibilitados momentos com as professoras à parte deste mesmo horário, desde que não resultassem em prejuízo às crianças no cumprimento de suas atividades pedagógicas e nem nas atividades particulares das professoras e qualquer profissional participante.

No grupo das Auxiliares de Desenvolvimento da Educação Básica (ADEBs) e Estimuladora Materno-Infantil (EMI), durante o levantamento inicial da quantidade de funcionárias, foi identificada a atuação de uma auxiliar concursada no quadro de funcionários da creche. Esta auxiliar foi lotada na unidade mediante concurso público realizado pela Prefeitura Municipal de Duque de Caxias (PMDC) para o provimento do cargo efetivo e estatutário de EMI, com uma carga horária de seis horas diárias, perfazendo trinta horas semanais e com exigência inicial de nível médio em formação de professores.

Comumente, há três auxiliares em cada turma na educação infantil. A finalidade das auxiliares é acompanhar e auxiliar toda a rotina do dia a dia da creche.

A carga horária diária é de oito horas e o total é de quarenta horas semanais. Há grandes mudanças neste grupo, visto que o regime de trabalho é o contrato, firmado apenas pelo período de um ano. Nem sempre o grupo que inicia em um ano letivo continua no ano posterior. É notória, entre a indicação dessas auxiliares, a presença de lideranças políticas ou lideranças da própria área educacional do município.

Um fato muito preocupante para a equipe diretiva e professoras é de que para as funcionárias contratadas (ADEBs), que estão presentes em toda a rotina, seja pedagógica, alimentar e de higiene, não há a exigência de formação de professores no nível mais básico da educação, ou seja, o ensino médio normal (Curso de Formação de Professores). Tão pouco se exige experiência profissional em educação. Fato que denota muita preocupação em formação e aperfeiçoamento para essas auxiliares, muitas vezes, sem espaço de tempo e parceria para que se concretize.

No Regimento Interno do município de Duque de Caxias /RJ (RIMDC,2015, p.22), quando discorre a respeito da função da EMI, percebe-se que há no artigo 52, uma observância das auxiliares quanto à higiene do ambiente e das crianças: “IV- preservar a organização e higiene do ambiente e de materiais usados pelos educadores e pelas crianças; V-responsabilizar-se pela higiene da criança, desenvolvendo hábitos e atitudes saudáveis;” Em contraponto, nas funções previstas para as professoras regentes no artigo 39, há apenas uma menção à atividade na área da saúde: “XIV - comunicar à Equipe Diretiva os casos de suspeita ou constatação de doenças infecto contagiosas para os devidos encaminhamentos;”. Importante destacar que a redução de carga horária dessas auxiliares de oito horas diárias para seis horas, devido à intensidade do trabalho e muitas funções delegadas é uma luta antiga. Corroborando para a inclusão dessas auxiliares como participantes da pesquisa, entendendo que passa por elas, toda a rotina diária da criança na creche.

As crianças pequenas permanecem na creche de 7:30 da manhã até às 16:30. Elas participaram da pesquisa com seu grupo da sua respectiva turma. Cada turma formou um grupo de cada vez para participar das propostas de oficinas e rodas de conversa.

A intenção da pesquisadora foi de se aproximar das falas das crianças pequenas durante as atividades realizadas. Onde pudessem ser captadas com maior intensidade e riqueza de detalhes as percepções das crianças no que diz

respeito aos conceitos de limpo e sujo. Além disso, haveria uma observação mais detalhada e com possibilidade de levantar perguntas e realizar comentários espontâneos por parte da pesquisadora diante das observações e falas das crianças pequenas. A escuta atenta permitiu maior aproximação e captação de riqueza de detalhes nos olhares, inclinação dos corpos, agrado ou desagrado ao observar os rostos das crianças pequenas.

3.3. A busca pelo problema

É preciso considerar que a creche, *lócus* da pesquisa, está inserida em um contexto (como muitas creches do município de Duque de Caxias) em que há diversos problemas relacionados à higiene (ou falta dela) e suas consequências para as crianças pequenas. E que também foram percebidas e vivenciadas no dia a dia da rotina da creche pela pesquisadora, no exercício da regência de turmas de dois e três anos de idade desde o ano de 2009, ano este em que a pesquisadora foi lotada na creche em questão e que permanece até os dias atuais. Assim, foi iniciada a busca para identificar, no processo de investigação, indícios de dificuldades que porventura são encontradas pelas profissionais da creche para se trabalhar o projeto Higiene.

O tema de pesquisa surgiu primeiramente, como necessidade de compreender o que as crianças pequenas, na Educação Infantil, entendem a respeito dos conceitos de limpo e sujo. Nesta pesquisa, realizamos um movimento inverso a projetos assistencialistas sobre o tema *Higiene* desenvolvidos por anos nas turmas de Educação Infantil. Geralmente nestes projetos, os professores apresentam ações que proporcionam à criança pequena um entendimento sobre a importância de se manter limpo a fim de cuidar da própria saúde. Não há uma busca para entender o que essas crianças pequenas pensam e sim uma realização de formação a partir da percepção do adulto. Quando há, e nem sempre há, uma avaliação ao término do projeto, conclui-se que não se sabe o que as crianças entendiam ou passaram a entender após a realização das atividades propostas. Não há propósito razoável para insistir numa metodologia de projeto como esses em que não há o intuito de compreender o que de fato estes conceitos significam para estas crianças.

É proposto a abordagem do tema Higiene a partir de uma perspectiva de Educação Antropológica (considerando o aporte cultural de cada grupo de participantes), com o intuito de realizar tentativas de compreender como as crianças pequenas (3 e 4 anos de idade) entendem o conceito de limpo, sujo e demais categorias, partindo do princípio de que o desconhecimento destes conceitos impacta de forma concreta na saúde de seus corpos, possibilitando o surgimento de novas doenças.

A respeito da Educação Antropológica, existe a possibilidade da Antropologia e a Educação desenvolverem um trabalho harmônico e de grande valia:

O antropólogo e o mestre devem estar dispostos a *ouvir*, repensando sempre os conceitos que formulam, a relação da academia com a comunidade e, acima de tudo, evitando qualquer reducionismo ou distorção. [...] Urge repensar o que entendemos por cultura e como esta é tomada no interior dos projetos educativos que regem as práticas escolares cotidianas, problematizando assim a visão da escola enquanto agente homogeneizador de um *bricolage* cultural como o brasileiro. [...] Uma possível relação entre pedagogia e antropologia revela-se através da recomendação de que o olhar do educador se estenda para além dos muros da escola, contemplando as construções sociais [...] (Souza, 2007, p. 494-495).

O processo de busca pelo problema deu-se por observação pura e simples. Agora, como parte integrante do método de coleta e precedida por um referencial teórico diminuindo o risco da observação sem objetivo e sem compromisso com a realidade. A respeito, Martins (2008) esclarece que é preciso atenção para este risco e como atenuá-lo na observação participante:

[...] A significância de um trabalho desta natureza é evidenciada pela riqueza, profundidade e singularidade de descrições obtidas. Aliás, esse é o grande desafio intelectual para os pesquisadores que buscam avaliações qualitativas. É grande o risco de se produzir um relatório do cotidiano sem nada de novo e, geralmente especulativo. O risco será atenuado pela orientação de um referencial teórico, ao longo do processo de observar e participar, e, fundamentalmente, pela execução das tarefas de acordo com o planejamento e protocolo de estudo. Impressões, vagas sensações, projeções psicológicas etc. São características próprias do senso comum, portanto, distanciadas de uma OP cientificamente praticada (Martins, 2008, p. 25-26).

Minayo (2010) nos fala que a observação participante acontece quando o observador, observa uma situação social, o cotidiano, com a finalidade de realizar uma pesquisa, uma investigação científica. Participando do dia a dia, do coletivo com a finalidade de recolher dados e realizar tentativas de compreendê-los. Por isso,

o pesquisador observador se torna parte integrante deste cotidiano e por conseguinte, modifica este cotidiano, interfere nele modificando-o, na mesma proporção em que é transformado.

Há também um desafio da observação participante, que consiste na aceitação do grupo e conquista de sua confiança. E para o bom resultado da pesquisa, o investigador observador buscará integrar-se ao grupo de forma harmoniosa.

Com esta postura e entendimento do problema a ser enfrentado, os métodos de coleta de dados serão descritos na próxima subseção.

3.4 Métodos de coleta de dados

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: Para as profissionais da creche ADEBs: 1) Associação Livre de Palavras e 2) Roda de Conversa. Professoras: 1) Associação Livre de Palavras e 2) Entrevista semiestruturada. Para as crianças: 1) Oficina de desenho livre com as percepções iniciais a respeito dos conceitos de limpo e sujo; 2) Roda de conversa com fotos reais ilustrativas dos espaços da creche sem a presença das crianças, comparadas com fotos desses espaços ocupados pelas profissionais e as próprias crianças.

O quadro 2, a seguir, apresenta uma previsão inicial da ordem cronológica em que as etapas de coleta de dados seriam desenvolvidas:

Quadro 02: Linha do tempo da coleta de dados

Mês/ ano	Procedimento	Participantes
Junho / 2023	Associação livre de palavras	Auxiliares Professoras
Junho / 2023	Oficina de desenho livre	Crianças
Julho / 2023	Roda de Conversa	Crianças / ADEBs / estimuladora
Julho / 2023	Primeira Entrevista	Professoras
Setembro / 2023	Validação do produto educacional	Crianças
Setembro/ 2023	Validação do produto educacional e segunda entrevista	Professoras / ADEBs

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

3.4.1 Associação Livre de Palavras

Na metodologia de associação livre de palavras relacionada aos três eixos fundamentais dessa pesquisa: Infância, Saúde e Corpo e das palavras: limpo e sujo. As auxiliares de sala escreveram palavras que representassem seus pontos de vista sobre o que pensavam dos mesmos.

A associação livre de palavras foi utilizada com as ADEBs e estimuladora. Esse é o grupo maior de profissionais da creche. Em sua maioria, mulheres contratadas para esta função, a de cuidar das crianças de pequenas de 7:30 às 16:30, com apenas uma hora de almoço. Muitas dessas auxiliares não demonstram estar à vontade para opinar nas decisões da creche e se abstém ante à fala das professoras, concursadas e com níveis elevados de instrução acadêmica.

O objetivo da associação livre de palavras foi deixar que essas profissionais registrassem suas opiniões em “pouca fala”. Acreditando na importância de trazer este grupo, como todos os outros, para as discussões que abrangem o compartilhar de saberes com as crianças pequenas. Após a associação livre de palavras foi proposto uma conversa com o intuito de ampliar e dar voz às meninas que desejassem falar a respeito da associação de suas palavras, caracterizando assim, a Roda de Conversa.

Com o intuito de fazer uma relação com as ideias e significados das palavras empregadas entre as auxiliares e as professoras, a associação de palavras também será realizada com as professoras, uma vez que o entendimento é de que se pôde verificar semelhanças e/ou diferenças entre os pensamentos dos dois grupos, concluindo que há ou não o compartilhar de saberes nas equipes de sala de aula.

Martins (2008, p. 38) quando aborda os tipos de perguntas em uma construção de questionários e escalas sociais, pontua a respeito das questões abertas em um de seus exemplos: “b) Associação de palavras - qual a primeira palavra que vem à sua mente quando você ouve, ou lê, o seguinte...? Exemplo: Qual a primeira palavra que vem à sua mente quando você ouve a palavra TAM?” E este questionamento serviu de incentivo inicial para a explicação da associação de palavras realizada.

As profissionais receberam uma folha (apêndice A) solicitando que, em um tempo aproximado de cinco minutos (para cada grupo de palavras), escrevessem

três palavras que viessem as suas mentes no momento que pensaram a respeito do conceito da palavra sugerida.

3.4.2 Oficina de desenho

A oficina de desenho livre se constituiu em uma produção individual das crianças pequenas de cada grupo das turmas de 3 anos, descrita no apêndice B. O desenho teve a finalidade de captar a percepção inicial do que as crianças participantes entendiam a respeito os conceitos de limpo e sujo. Foram oferecidas folhas de papel A4, lápis de cor, giz de cera, lápis de escrever, canetas tipo hidrocor e borracha.

É preciso considerar que quando as crianças desenhavam, representam suas mentes conscientes, mas também de uma maneira significativa, fazem referência ao inconsciente. Considerando-se também que o objetivo da oficina de desenho foi de trazer o simbolismo e as mensagens que o desenho transmitiu e não somente o desenho perfeitamente estético.

Muitas vezes a criança faz a transposição do estado anímico ao papel. E este estado está relacionado à parte imaterial do homem pois diz respeito à sua alma, e por isso não foi obrigatório para as crianças participantes desenharem, caso não sentissem a necessidade de fazê-lo. Crianças pequenas devem desenhar por prazer e nunca por obrigação.

Há indicações, especificamente, sobre a evolução do desenho da criança. Obviamente, considerando que cada criança possui seu ritmo e pode existir variação nas faixas etárias. Há quatro fases do desenho da criança, que se inicia aos dezoito meses até cinco anos de idade. E na faixa etária das turmas que estarão nesta pesquisa: “Entre três e quatro anos a criança começa a se expressar através dos seus desenhos. Algumas vezes, antes de realizar os primeiros traços no papel, ela nos diz o que pretende desenhar” (Berdárd, 2021, p. 6).

A oficina de desenho com as crianças foi gravada em áudio, pois elas poderiam falar e comentar a respeito do que pretendiam desenhar, realizando riquíssimas argumentações em resposta as nossas indagações. Trazendo sua percepção não apenas para o desenho, mas também para a sua fala inicial sobre o que pretende desenhar.

Os desenhos realizados pelas crianças é de importância indiscutível:

[...] os desenhos podem revelar coisas que não conseguiríamos compreender de outra maneira, manifestando sua importância como uma técnica que possibilita o estabelecimento de diálogos diretos e reentrantes com as crianças. Eles também proporcionam a interpretação infantil sobre suas obras e seus contextos, uma autorreflexão que só em casos de trabalho de campo bem-sucedido pode ocorrer (Pires; Sousa, 2021, p. 67).

Os desenhos, portanto, se constituem como via de acesso para uma pesquisa com as crianças e não sobre elas. É um recurso que a criança pequena utiliza para falar pois geralmente não encontra caminho no discurso oral. O desenho da criança não é sua mera representação, mas sua criação.

O desenho tem o poder de traduzir aquilo que a retórica não consegue revelar. E ele teve seu lugar de importância para traduzir o que as crianças pensavam a respeito das categorias limpo e sujo.

3.4.3 Roda de Conversa

Na roda de conversa com as auxiliares, foi dada a oportunidade para, caso desejassem, ampliarem a conversa a respeito das palavras que foram associadas aos eixos norteadores da pesquisa e às palavras limpo e sujo.

A roda de conversa com as crianças (apêndice C) foi filmada com o objetivo de dar importância à fala das crianças, pois é indispensável que elas tenham um momento de liberdade para conversar e que tenham a plena certeza de que estão sendo ouvidas e que terão a atenção devida. Desta forma é de suma importância que as profissionais de educação que atuam nas creches vejam as crianças pequenas, como um ser humano que também têm suas opiniões próprias:

Assim, a roda de conversa é este elemento imprescindível que deve ser explorado pelos professores, pela sua relevância e contribuições que proporciona às crianças e ao fazer docente. Um espaço cheio de vida, de compartilhar saberes, emoções, de aprender a conversar, respeitar o outro, de planejar, avaliar, alicerce para a construção do novo e um espaço que também revela as pluralidades infantis (Vargas, 2016, p. 133).

A roda de conversa se constituiu em uma conversa com as crianças, realizando a tentativa de captar o que elas pensavam e colocar em discussão suas hipóteses a respeito dos conceitos de limpo e sujo. Para tanto, como motivação para o despertar de suas falas, houve uma mostra de fotos (apêndice D) dos lugares

comuns da creche (refeitório, parquinho, gramados e salas) com as crianças e profissionais inseridos e outro grupo de fotos na ausência das crianças e profissionais, realizando uma comparação entre semelhanças e diferenças do ponto de vista das crianças. Triviños (1987, p. 139) nos fala que, na coleta de dados, a fotografia se constitui um dos elementos produzidos pelo meio, “[...] fotografias sobre a vida do sujeito, colegas, atividades, etc. É interessante sublinhar que as fotografias podem constituir-se também como fontes de informações dos Processos e Produtos centrados no Sujeito.”

Segundo Bogdan e Biklen (1994), os adultos apresentam dificuldade em considerar as crianças como participantes atuantes e que têm algo a dizer. Culturalmente, os adultos não levam as crianças a sério. E na pesquisa com elas, poderemos repetir a grave tendência de conduzir as conversas, hábito que o investigador qualitativo necessita abandonar. E uma alternativa para a busca pela solução deste problema é participar do coletivo das crianças pequenas, não como uma autoridade adulta, mas como uma pessoa próxima que ouve, considera as suas falas, assemelhando-se à figura de uma amiga.

A roda de conversa é um instrumento que tem por objetivo trabalhar a linguagem verbal na Educação Infantil. Exerce a função de oportunizar a interação e diferentes visões de mundo. A linguagem verbal cumpre o papel de mediação do sujeito com o mundo. A respeito da roda de conversa no espaço da Educação Infantil:

No âmbito educativo, a RC se constitui como espaço formativo na constituição da criança, que pode contribuir para uma educação emancipatória, com vistas à formação, na sua integralidade, considerando o discurso infantil como atividade criadora. Nessa perspectiva, apresenta-se como mecanismo de valorização do enunciado infantil, de ampliação do universo de referência da criança, ou seja, de incorporação de conhecimentos sistematizados. Trata-se de uma atividade que potencializa opinar, criar, imaginar, interpretar, negociar, resolver problemas, constituir-se a partir do outro, enfim, espaço democrático de troca de saberes (Bertonceli, 2018, p. 91-92).

A roda de conversa se constitui em uma fonte de criação para formação de valores:

“Ao se propor a escuta e a reflexão, a abertura ao diálogo, o colocar-se no lugar do outro e fazer das experiências do outro as suas próprias experiências, promove-se a criação de um espaço para formação de valores que permitem a convivência: generosidade, respeito, responsabilidade,

colaboração, ética e solidariedade. Paralela a essa potencialidade formativa, estudos têm demonstrado que o uso da metodologia da RC tem se evidenciado como uma ferramenta de coleta de dados que contribui para os achados científicos [...] (Silva, 2020, p. 45).

As profissionais explicitaram a matéria-prima ao acessarem suas memórias através da conversa com seus pares e com a pesquisadora participante. A roda de conversa transcende para além de uma simples conversa, integra o espaço com formação daqueles que participam e estão engajados tanto para escutar como para falar. É um espaço democrático de direito onde é exposto opiniões e também há a oportunidade de ouvir tantas outras.

3.4.4 Entrevista

A entrevista, também gravada mediante a áudio, foi organizada de forma semiestruturada. Entende-se por entrevista como uma forma de interação social, de diálogo e consiste na realização de perguntas ao participante da pesquisa com o objetivo de obter dados que interessem à investigação. Minayo (2009) nos diz que a entrevista semiestruturada apresenta perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a oportunidade de falar sobre o tema em questão sem se prender à pergunta formulada.

Na entrevista foram realizadas perguntas iniciais e que envolveram os três pilares estruturais da pesquisa, a saber: Infância, Saúde e Corpo, direcionadas às professoras regentes das turmas participantes descritas no apêndice E. Entendendo que às professoras é direcionada a responsabilidade de organizar planejamentos, projetos concretizados nas atividades pedagógicas para as crianças pequenas e que cabe à elas referenciar teoricamente suas práticas e comparecer a todos os eventos relacionados à estruturação/reestruturação curricular, cursos, palestras, rodas de conversas para compartilhar trabalhos e projetos desenvolvidos em toda a rede de educação do município.

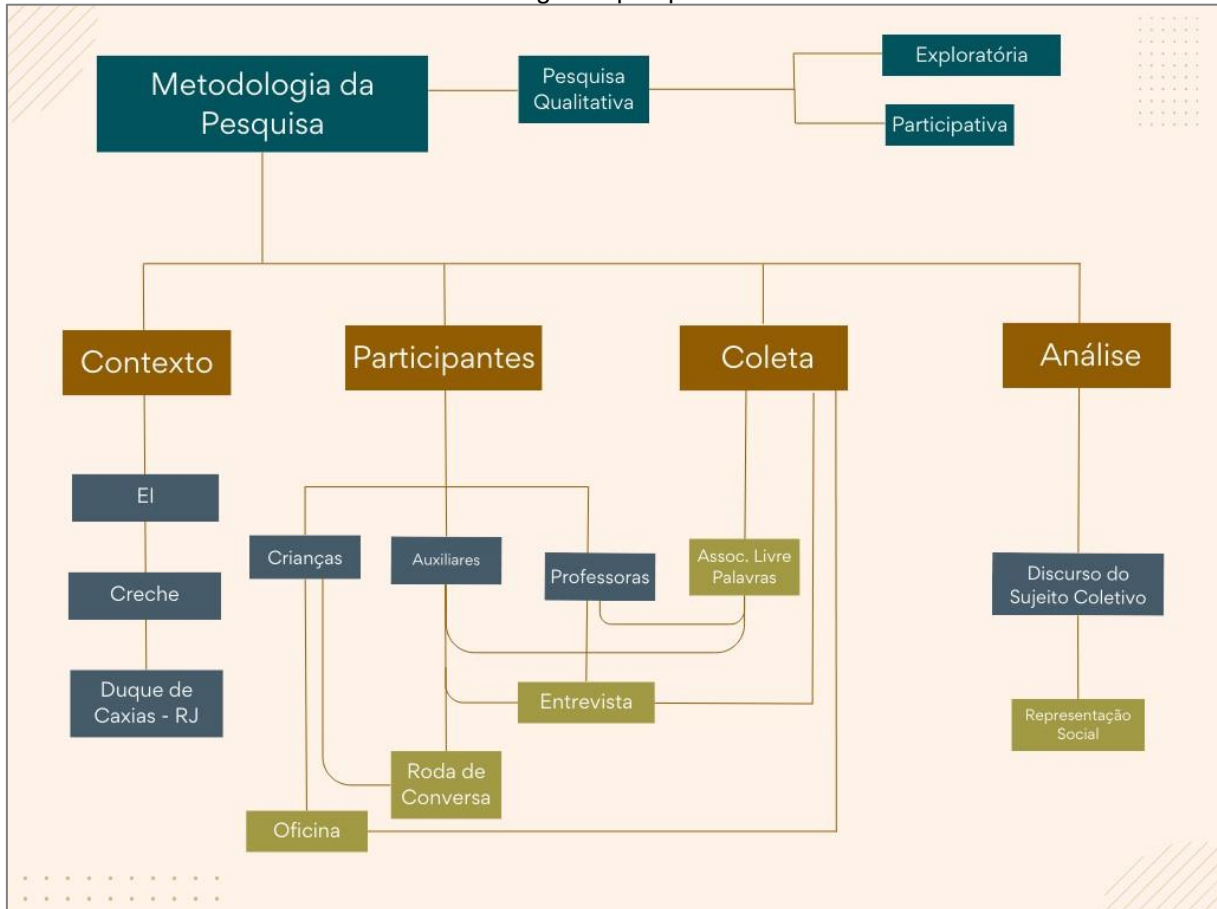
Minayo (2009) nos fala de algumas considerações práticas que devemos nos atentar e seguir para a realização de uma entrevista e das demais abordagens com os participantes da pesquisa:

Apresentação: [...] uma pessoa de confiança do entrevistado faça a mediação entre ele e o pesquisador [...]; Menção do interesse da pesquisa:

o investigador deve discorrer resumidamente sobre o trabalho para seu entrevistado; Apresentação de credencial institucional; Explicação dos motivos da pesquisa em linguagem de senso comum, [...]; Justificativa da escolha do entrevistado buscando informar em que ponto e porque foi selecionado para essa conversa. Garantia de anonimato e sigilo dos dados, assegurando aos informantes que não se trata de uma entrevista de mídia [...]; Conversa inicial a que alguns pesquisadores denominam “aquecimento”. Visa a quebrar o gelo [...] (Minayo, 2009, p. 66-67).

A apresentação da pesquisadora se deu apenas para informar os dados da instituição do mestrado e os objetivos da pesquisa, visto que já é conhecida por suas colegas de trabalho. Os roteiros descritos nos apêndices não seguiram uma estrutura fechada e padronizada. Foram organizadas perguntas e comentários iniciais explicando o objetivo de determinada atividade, posterior esclarecimento de dúvidas e acompanhamento dos participantes envolvidos durante a realização das atividades de coleta dos dados.

A seguir, no quadro 3, será demonstrado um breve resumo da metodologia da pesquisa e os tipos de coletas escolhidos para cada um dos participantes da pesquisa bem como a estruturação da análise desses dados:

Quadro 3: Metodologia da pesquisa e análise de dados

Fonte: elaborado pela autora.

Na próxima seção, serão apresentados os métodos de análise de dados.

3.5 Método de análise de dados

3.5.1 Análise do Discurso do Sujeito Coletivo

A análise de dados foi pautada na análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) proposto por Fernando Lefèvre. Porém deve-se, antes da apresentação da metodologia em questão, realizar tentativas de demonstrar o que o autor nos fala a respeito das categorias coletividade e opinião.

Existe uma visão contextual do que seja um ambiente de pesquisa aberto à novas possibilidades e a análise do DSC seria uma nova possibilidade de atuar no campo da pesquisa de representação social quando se deseja saber o que uma

comunidade pensa, avalia e opina sobre um tema que lhe diz respeito (Lefèvre, 2006).

Quando deseja-se saber a opinião de uma coletividade, é preciso escolher o tipo de investigação mais adequada. Quando se coloca este tipo de pergunta, quatro entidades estão envolvidas: Saber, Opinião, Coletividade e Investigação. Uma situação complexa que envolve estas palavras. É preciso esclarecimento sobre as relações complexas entre elas. E o DSC é uma resposta à intrincada questão de relação entre essas quatro entidades.

Coletividade pode ser um termo genérico pois há uma infinidade de grupos, conjuntos de pessoas, de áreas, de atividades das mais diversas que estão envolvidas na pesquisa de opinião de uma coletividade.

Segundo Lefèvre (2009), Uma pesquisa que envolve uma coletividade pode ser de toda natureza, mas ela é sempre uma entidade sociológica. E significa que todo tipo de pesquisa tem que caracterizar a população que é investigada de uma perspectiva sociológica. Uma pesquisa envolve uma comunidade e essa comunidade é afetada por uma série de variáveis: renda, nível de instrução, tipo de habitação. Mas também, por um ângulo direto, uma coletividade é a soma dos indivíduos com características sociológicas visíveis.

Lefèvre (2021) conclui que a opinião de um coletivo é a soma das opiniões de indivíduos que compõem uma coletividade. É preciso esmiuçar essa ideia, não uma coletividade qualquer, mas uma representada pela soma de opiniões dos indivíduos nela inseridos.

Na análise do DSC é preciso ter uma ideia clara a respeito do que seja opinião, pode-se ter vários tipos de respostas. Também é importante assinalar que a discussão é complexa e não elementar. Há uma definição de opinião, dentre tantas outras definições existentes, que se adequa à metodologia do DSC, compatível com a perspectiva em questão:

Uma opinião é um parecer, uma avaliação, um posicionamento, um enunciado de crenças e valores de um indivíduo sobre um determinado tema: o governo do seu país, a sua experiência com o Uber, o atendimento na farmácia, a aula do professor de matemática, o racismo, etc. (informação verbal)³

³ Fala do professor Fernando Lefèvre no youtube da página da Enfermagem UFBA SSA, em 1 de out. 2021.

Opinião é, portanto, a soma de pareceres, de avaliações, de posicionamentos e de crenças de indivíduos sobre os temas que se deseja pesquisar. Os indivíduos, em conjunto, realizam a interlocução, conversam, emitem pareceres, valores, sobre determinado tema, constituindo um grupo de sujeitos opinantes.

Há um outro elemento sublevado: opiniões iguais ou semelhantes. Para que exista uma soma de opiniões é preciso ter elementos iguais ou semelhantes que possam se agregar.

Mas como é possível somar pareceres ou opiniões semelhantes e obter os pareceres ou opiniões de uma coletividade? Lefèvre (2021) explica que o modo aparentemente mais simples de constituir opiniões semelhantes e obter opiniões coletivas é, **no momento da coleta de dados**, usando questões fechadas, transformar as opiniões em entidades iguais ou equalizáveis. Esta estratégia valorosa, porém, deve ser ampliada incorporando todo o componente de narrativa característico das opiniões como experiências de vida. E essa é a proposta da análise do DSC.

É preciso ter uma visão mais ampliada do coletivo, com opiniões adequadamente somadas. E uma dessas formas pode ser traduzida pela entrevista semiestruturada e conversas formuladas de maneira que permitam ao entrevistado relatar a sua experiência de vida com o tema pesquisado. Estas serão utilizadas na pesquisa apresentada, nas perguntas das entrevistas, nas atividades de RC e oficinas com os participantes envolvidos que não responderão a uma pergunta prefixada. As conversas e entrevistas semiestruturadas, serão correlacionadas às experiências de vida das profissionais com o próprio tema de pesquisa. Permitindo a liberdade para falar livremente durante toda a caminhada de trabalho de campo.

Lefèvre (2021) nos diz que relatos de experiências de vida podem ser somados porque, há muito tempo, a Sociologia descobriu que as pessoas vivendo numa sociedade e numa cultura pensam de maneira semelhante. Existem conjuntos de pensamentos comuns. As pessoas não pensam de forma inesperada e acidental. Explicando como o sistema de códigos culturais são acionados pelos seus atores e em sociedade, as pessoas passam por experiências comuns, situações da sua própria vida, vão a lugares comuns, compram, residem em um mesmo lugar, estudam, trabalham. É o que permite agregar opiniões, representações e valores comuns a uma coletividade.

3.5.2. Como foi o processo?

O método de análise desta pesquisa teve como objetivo principal identificar as Representações Sociais Discursivas das profissionais da educação e, como inventividade, as falas das crianças pequenas proferidas nas atividades que as envolveram no que diz respeito às percepções que elas apresentaram dos conceitos de limpo e sujo na creche.

Explicitando, a análise foi aportada na metodologia da técnica do DSC. O conteúdo das Representações Sociais Discursivas das profissionais de Educação e das falas das crianças pequenas resultantes das entrevistas, conversas e falas espontâneas foram organizados em tabelas e a técnica citada foi aplicada.

A Técnica do DSC reúne os discursos-síntese dos conteúdos, falas e opiniões que se assemelham. Esta Técnica ancora-se na Teoria das Representações Sociais e traz o sujeito plural, capaz de revestir-se do discurso do pensamento coletivo.

No DSC há a identificação das “expressões-chave”, “ideias centrais” e “ancoragens” nas falas organizadas em forma de material. As expressões e as ideias são recortes do discurso que trazem conteúdo com significado e o seu teor é organizado em temas que representam as ideias centrais. As ancoragens são as certezas do sujeito que fala, as afirmações reveladas por ele.

A construção do DSC inicia-se com expressões-chave individuais que apresentam a mesma ideia para fazer uma síntese em um discurso único. Pode-se considerar como discurso coletivo as respostas semelhantes na quantidade de metade ou mais do que a metade das respostas apresentadas.

Para a construção do DSC, após a coleta de dados, há quatro operadores fundamentais em sua ordem que serão organizados no quadro a seguir:

Quadro 04: Os operadores do DSC

Operadores	Significado
Expressões-chave	Frases literais dos próprios pesquisados.
Ideias Centrais	Formas sintéticas de referência a várias ideias centrais que aparecem em vários discursos.
Ancoragens	São marcas linguísticas identificadas no texto referentes a teorias e conceitos. Dentro de um discurso há sempre alguma teoria. Por isso, pode-se dizer que o sujeito está “ancorado” em algum pressuposto teórico.

Operadores	Significado
DSC	É o próprio Discurso do Sujeito Coletivo resultante de uma reunião das expressões-chave que apresentam as mesmas ou semelhantes ideias centrais e / ou ancoragens.

Fonte: Figueiredo, 2021.

Quando se começa a categorizar as expressões-chave e identificar que estas possuem as mesmas ideias centrais, consegue-se agrupar as expressões-chave e conversar entre elas, realizando tentativas de uni-las. Esse agrupamento consegue unir os discursos singulares em um discurso coletivizado.

No quadro a seguir, será explicitado os passos para a tabulação dos dados:

Quadro 05: Tabulação dos Dados

Passos	Procedimentos
Primeiro Passo	As questões devem ser analisadas isoladamente. Copia-se de forma integral, todo o conteúdo das perguntas, colocando-as em ordem.
Segundo Passo	Destacam-se as expressões-chave das ideias centrais, e, se houver, as expressões-chave de ancoragens.
Terceiro Passo	Identificação das ideias centrais e, se houver, das ancoragens, a partir das expressões-chave.
Quarto Passo	Identificar e agrupar as ideias centrais e as ancoragens de mesmo sentido, de sentido equivalente ou de sentido complementar. Para isso utiliza-se de uma codificação. (números, letras...)
Quinto Passo	Nomear cada um dos agrupamentos, permitindo expressar, da melhor maneira possível, todas as ideias centrais e ancoragens de mesmo sentido.
Sexto Passo	Construção do DSC, (construído para cada agrupamento).

Fonte: Figueiredo, 2021.

Na própria associação livre de palavras que foi realizada com as ADEBs e professoras, houve a possibilidade de organizar as respostas semelhantes, fazendo

uma análise inicial do que estas profissionais entendiam a respeito dos pilares da pesquisa: Infância, Saúde e Corpo.

Na técnica do Índice de Representatividade, a interação social entre os sujeitos e o volume de informação representa a parte linguística de um discurso. O discurso oral ou escrito recebe influência das marcas de um indivíduo que é social, cultural, histórico, aproximando-se de suas vivências e experiências de vida.

A fim de confirmar a hipótese de representatividade, a análise do discurso, falas e ideias centrais com seus sentidos, fundamentaram as teorias próprias dos discursos das profissionais e crianças acerca de suas percepções de limpo e sujo e o significado dos eixos norteadores da pesquisa para as profissionais de Educação.

O Discurso do Sujeito Coletivo é uma modalidade de apresentação de resultados de pesquisas qualitativas, que tem depoimentos como matéria prima, sob a forma de um ou vários discursos-síntese escritos na primeira pessoa do singular, que visa expressar o pensamento de uma coletividade, como se esta coletividade fosse o emissor de um discurso:

“(...) o discurso do sujeito coletivo, pelas suas características, abre, no que toca às representações sociais como objeto de pesquisa empírica, novas possibilidades de relações – no caso de diálogo – entre o todo e as partes, entre o individual e o coletivo, entre o teórico e o empírico, entre a descrição e a interpretação, entre a síntese e a análise, entre o paradigma e o sintagma e, last but not least⁴, entre o qualitativo e o quantitativo, o que justifica, e talvez exija, a sua inserção no quadro das reflexões atuais sobre o tema da complexidade (Lefèvre, Lefèvre; Marques, 2006, p. 1194).

A análise DSC consiste em selecionar, de uma resposta individual, as expressões-chave, que são trechos mais significativos destas respostas. Estas expressões correspondem às ideias que são o ponto central, a síntese do conteúdo discursivo manifestado. Com este material, os discursos-síntese são construídos, e se torna o DSC, onde o pensamento de um grupo ou coletividade aparece como se fosse um discurso individual:

O segundo nível nas pesquisas com o DSC, a etapa da reprodução coletiva das representações sociais, do processamento da matéria-prima dos depoimentos, permitirá que se implemente a respeito do tema X, os discursos que revelam o que as coletividades pensam, como pensam o que pensam e como este pensamento se distribui no espaço social. (Lefèvre; Lefèvre; Marques, 2006, p. 1197)

⁴ Last but not least, expressão em inglês que significa: “por último mas não menos importante.”

A escolha da análise do DSC teve como objetivo principal verificar quais são as percepções coletivas dos conceitos de limpo e sujo na creche e também dos pilares da pesquisa: Infância, Saúde e Corpo. No que diz respeito às Representações Sociais (RSs) e o DSC, os autores acrescentam:

O Discurso do Sujeito Coletivo-DSC é uma forma de metodologicamente resgatar e apresentar as RSs obtidas de pesquisas empíricas. Nessas, as opiniões ou expressões individuais que apresentam sentidos semelhantes são agrupadas em categorias semânticas gerais, como normalmente se faz quando se trata de perguntas ou questões abertas. O diferencial da metodologia do DSC é que a cada categoria estão associados os conteúdos das opiniões de sentido semelhante presentes em diferentes depoimentos, de modo a formar com tais conteúdos um depoimento síntese, redigido na primeira pessoa do singular, como se tratasse de uma coletividade falando na pessoa de um indivíduo. (Lefèvre, Lefèvre, Marques, 2014, p. 503)

O DSC apresenta-se como uma metodologia ao trazer as Representações Sociais advindas das pesquisas empíricas e experiências de vida. As opiniões semelhantes são agrupadas em categorias semânticas gerais e a cada categoria há uma associação das opiniões semelhantes, provenientes de depoimentos diversos, formando um depoimento síntese na primeira pessoa do singular, constituindo-se em uma coletividade representada pela pessoa de um indivíduo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA

Os dados coletados na associação livre de palavras com as auxiliares e professoras; RC com as auxiliares; oficinas e RC com as crianças pequenas; a primeira entrevista com as professoras, a análise e discussão dos resultados obtidos foram descritos nesta seção. Da previsão do quantitativo de crianças participantes, apenas vinte e seis crianças participaram das atividades. Pois no momento da coleta de dados, algumas crianças estiveram afastadas por motivo de problemas de saúde. Participaram da coleta de dados as três professoras e dez auxiliares das turmas de três anos.

A associação livre de palavras (também para os termos indutores limpo e sujo), RC e a primeira entrevista com as profissionais ficaram concentradas nos eixos norteadores desta pesquisa: Infância, Saúde e Corpo. Com o intuito de relacionar os resultados obtidos nestes dois procedimentos, os dados foram apresentados em conversa com teóricos que sustentam a narrativa de valorização da criança pequena e do profissional da EI.

As contribuições advindas dos dados coletados foram necessárias para conduzir a visão da pesquisadora sobre a elaboração, aplicabilidade e possíveis contribuições dos Produtos Educacionais para a melhoria da prática docente no ensino de ciências, onde crianças e profissionais tecem, coletivamente, no decorrer das atividades e rotinas diárias na creche.

A associação livre de palavras, RCs, oficina e entrevistas completas estão apresentadas nos apêndices J, K, L, M, N e O.

4.1 Cuidar e Educar: a Infância, a Saúde e o Corpo na Educação Infantil sob a ótica das Auxiliares e Professoras Participantes

Durante muito tempo foi construído o imaginário de que à creche cabia apenas a responsabilidade de cuidar e de que caberia apenas às profissionais da educação zelar pelo cuidado da criança pequena. Nas unidades de EI, as atividades relacionadas à higiene, alimentação e descanso seriam tarefas de cuidado, enquanto as tarefas de pintar, desenhar, construir experiências em ciências, elaborar texto coletivo e a rotina compondo-se de: leitura compartilhada, rodas de conversa e chamada (com apoio visual para a identificação do primeiro nome da criança) estariam classificadas em tarefas pedagógicas.

O avanço dos estudos e pesquisas contribuíram para explicitar que o cuidar e o educar estão intimamente ligados ao “ser” humano. A educação é própria da existência humana. E, enquanto ato humano, é prática social entendida por uma visão de mundo, de concepção. “Enquanto atividade humana e consciente, a educação incorpora desde as funções humanas mais naturais até as mais sofisticadas funções intelectuais” (Kramer, 1998, p. 39). Das tarefas consideradas mais simples na creche às mais sofisticadas, todas contribuem para o desenvolvimento da criança em sua integralidade.

Educar e cuidar são situações que acontecem ao mesmo tempo. Não se pode desejar educar uma criança sem cuidá-la. Se há preocupação com a educação é porque as crianças inspiram cuidados.

A Infância é valorizada quando as profissionais da educação que atuam na EI são responsáveis por fortalecer a integração corpo/mente, cuidar/educar. E que é promovida por um movimento, por um esforço histórico para que mudanças significativas aconteçam na forma de se conceber a Infância e a criança.

As representações sociais na coleta de dados a respeito da concepção de Infância das profissionais da creche evidenciaram o discurso da **brincadeira** e da **alegria** como elementos imprescindíveis à Infância.

No RCNEI, há a dimensão única constituída para a dimensão cuidar-educar relacionadas também à brincadeira, ao prazer e às relações interpessoais:

Educar significa:

[...] propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada, que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis (RCNEI, vol. 1, 1998, p.23).

Constata-se nas narrativas das profissionais uma concordância com o Referencial Curricular da EI quando fala das brincadeiras e por consequência, da alegria, da felicidade na dimensão educar.

A professora Daniela, na pergunta da entrevista do eixo Infância traz uma contribuição quanto ao brincar nos dias atuais e sua preocupação frente à exposição tão cedo das crianças em telas quando fala da sua infância e o que mudou nos dias atuais. A pergunta foi: **Da sua infância para os dias atuais, na sua opinião, o que mudou?:**

Eu acho que mudou muito. Eu vejo as crianças brincando menos, especialmente em casa. Mais com contato com tecnologia. Mais com isso. Muita televisão, muito computador, muito celular, desde muito pequeninhas. Às vezes, bebês já mexem no celular. E na minha época, não tinha. Não tinha nada disso. Então, eu vejo as crianças brincando pouco, de um modo geral. Por isso que é o ideal a gente realmente tentar, aqui, garantir esse momento da brincadeira. Porque nem sempre em casa elas têm. *(Informação verbal)*⁵

É neste ínterim que a função social de uma unidade infantil emerge de forma a consolidar a Infância sadia da criança pequena. A brincadeira precisa ter seu lugar de destaque no dia a dia da creche. A criança aprende a brincar com outras crianças e também com adultos:

Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar. Ao brincar, a criança experimenta o poder de

⁵ Entrevista concedida pela professora Daniela. Primeira entrevista. Coleta de dados. [Julho/2023]. Entrevistadora: Lenine Bandeira. Duque deCaxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice O desta dissertação.

explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver. A pouca qualidade da educação infantil pode estar relacionada com a oposição que alguns estabelecem entre o brincar livre e o dirigido. É preciso desconstruir essa visão equivocada para pensar na criança inteira, que, em sua subjetividade, aproveita a liberdade que tem para escolher um brinquedo para brincar e a mediação do adulto ou de outra criança, para aprender novas brincadeiras. A criança não nasce sabendo brincar, ela precisa aprender, por meio das interações com outras crianças e com os adultos. Ela descobre, em contato com objetos e brinquedos, certas formas de uso desses materiais. Observando outras crianças e as intervenções da professora, ela aprende novas brincadeiras e suas regras (Kishimoto, 2010, p.1).

Na RC, as auxiliares Micaela e Joana apontam também para o termo brincar como uma via importante para a construção da Infância. Elas também seguem com suas colocações e indicam a relação entre os três eixos norteadores da pesquisa:

Ter saúde é estar confortável. Ter um um corpo limpo é estar confortável. Para você ter uma mobilidade para brincar, se divertir, você tem que estar se sentindo confortável. Eu penso assim porque quando eu era criança, eu brincava muito, se eu não estivesse com saúde, não estivesse limpa, não tivesse uma alimentação saudável, se eu não tivesse o carinho da família eu não teria a infância que eu tive. *(Informação verbal)*⁶

Para criança brincar, tem que ter saúde. Criança tem que ter infância e se movimentar com seu corpo. É um conjunto. *(Informação verbal)*⁷

Para Micaela e Joana, há uma importante conexão entre brincar e ser criança, atentando para a saúde como fator importante para que o direito da criança seja garantido. A brincadeira é a essência e também um importante viés para a produção de cultura pela criança pequena.

Cuidar-educar também é parte integrante da brincadeira para garantir o desenvolvimento integral da criança pequena. É preciso que esse binômio seja assegurado e com integração dos aspectos afetivos e biológicos do corpo, como alimentação, cuidados com a saúde e também como esses cuidados são

⁶ Fala da auxiliar Micaela na roda de conversa. Coleta de dados. [Julho/2023]. Dinamizadora da RC: Lenine Bandeira. Duque deCaxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A RC na íntegra encontra-se transcrita no apêndice N desta dissertação.

⁷ Fala da auxiliar Joana na roda de conversa. Coleta de dados. [Julho/2023]. Dinamizadora da RC: Lenine Bandeira. Duque deCaxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A RC na íntegra encontra-se transcrita no apêndice N desta dissertação.

transformados em acesso a conhecimentos variados para a criança. Cuidar-educar é uma condição sem a qual não há EI.

Para se construir um novo paradigma de Infância e para a criança, destacam-se algumas proposições:

1. A infância é uma construção social. 2. A infância é variável e não pode ser inteiramente separada de outras variáveis como a classe social, o sexo ou o pertencimento étnico. 3. As relações sociais das crianças e suas culturas devem ser estudadas em si. 4. As crianças são e devem ser estudadas como atores na construção de sua vida social e da vida daqueles que as rodeiam. [...] (Montandon, 2001, p. 51).

Na antropologia da criança considera-se este novo paradigma, no qual as diferentes formas de ser criança são consideradas. Há a construção histórica e a autonomia do universo infantil, sendo coparticipantes do universo adulto, produzindo cultura enquanto vive e participa em sociedade.

Desperta atenção a representação social do eixo Saúde pelos termos **cuidado** e **vida**. A Saúde é entendida como a própria vida e para manter-se com saúde, é preciso cuidado. Essas representações sociais remetem ao conceito de saúde definido pela OMS, anteriormente mencionado no tópico a respeito da Antropologia da Saúde: “estado de completo bem-estar físico, mental e social.”, sendo também explicativo para o conceito de Saúde e vida plena. A Saúde representa as funções do ser humano em sua plenitude.

Em resposta às perguntas **“Dentro da sua formação enquanto educadora, como foi trabalhado o tema Saúde? E você acha importante esta temática?”** as professoras apresentaram as seguintes respostas:

Não, não foi. Acho que é importante. Acho que são coisas que são práticas do dia a dia. Para o nosso crescimento enquanto uma pessoa, por exemplo, hoje em dia, qual é o foco? É o nosso bem-estar. A gente precisa cuidar da nossa saúde, da nossa alimentação. A gente precisa se movimentar, sim. Então assim, são coisas que precisam sim, ser abordadas. Acredito que a creche está no papel certo [...] (*Informação verbal*)⁸.

Eu não lembro de ter sido trabalhado. Eu acho que é importantíssimo, é fundamental, mas realmente na formação não tive. Eu não lembro. A gente tinha nossas disciplinas que eram ciências e biologia, que tratavam os

⁸ Entrevista concedida pela professora Gislaine B. Primeira entrevista. Coleta de dados. [Julho/2023]. Entrevistadora: Lenine Bandeira. Duque de Caxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice O desta dissertação.

conteúdos de biologia, mas não tinham essa parte, assim, de trabalhar a saúde. E como a gente iria trabalhar isso com a criança? Como é que a gente atua nessa prevenção? Mesmo enquanto educadoras, numa questão pedagógica? A gente procura, que a gente pesquisa, que a gente lê (*Informação verbal*)⁹.

É algo que hoje a gente sente muita falta, porque muitas das vezes hoje também, por exemplo, principalmente aqui na creche, quando a criança está doente, a gente fica assim, e é uma coisa que a gente deveria ter trabalhado. Eu não me lembro de ter tido, não. Um pouco que a gente sabe por conta própria, assim, né? Pelas experiências. Mas a formação não teve nada (*Informação verbal*)¹⁰.

O tema Saúde não foi abordado na formação das três professoras entrevistadas, mas elas entendem que Saúde é bem-estar, é alimentação, movimento (corpo), prevenção e opinam que a creche, *lócus* da pesquisa, está desempenhando seu papel ao abordar esses assuntos relacionados à Saúde. Mesmo para a professora que não lembra se o tema foi trabalhado, conclui-se que, se foi abordado, foi mínimo ao ponto dela não se recordar.

E para driblar essa formação nula em Saúde, elas mesmas pesquisam e também contam com a aprendizagem do dia a dia, com as experiências que elas vão incorporando com as situações, planejamentos e projetos que precisam de certo conhecimento na área.

No que diz respeito ao eixo Corpo, a representação social evidenciou o discurso do **movimento** e da **higiene**. Nesse contexto, as profissionais parecem crer que o corpo necessita se movimentar, ser ativo e ser constituído por uma representação da pessoa. Le Breton (2011, p.11) nos diz que o corpo é “o signo do indivíduo, o lugar de sua diferença, de sua distinção” [...] E ao associarem a palavra higiene ao corpo, é perceptível que o termo **limpo** também o foi, revelando que este eixo foi relacionado à abrangência da palavra e, também para a definição realizada pelas profissionais no que diz respeito à categoria limpo. Os termos foram relacionadas entre si o tempo todo.

Nas perguntas direcionadas às professoras que mencionam o corpo como linguagem: **O corpo tem sua linguagem própria. Você acredita que o corpo da**

⁹ Entrevista concedida pela professora Daniela. Primeira entrevista. Coleta de dados. [Julho/2023]. Entrevistadora: Lenine Bandeira. Duque deCaxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice O desta dissertação.

¹⁰ Entrevista concedida pela professora Suelen. Primeira entrevista. Coleta de dados. [Julho/2023]. Entrevistadora: Lenine Bandeira. Duque deCaxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice O desta dissertação.

criança pequena fala por ela? Você já percebeu ou percebe alguma situação no dia a dia da creche que a criança não falou, porém utilizou-se do seu corpo para expressar seu(s) desejo(s)?

Professora Gislane B. responde:

Eu acredito que o corpo fala, da criança e do adulto também. Você que tem que ter uma percepção também... não dá para você chegar ali, ver uma criança que você nunca viu na vida e falar assim "ele está fazendo isso", não é assim. O Marcelo, meu aluno mesmo, assim, às vezes ele está brincando com uma criança. E aí ele é mais agressivo com aquela criança. Bate no brinquedo da criança, derruba o brinquedo da criança, porque ele quer interagir com aquele colega que não está interagindo com ele, porque ele não tem a mesma fala que é sim, então o corpo dele está falando? E às vezes também, você sente que ele está, ele está andando, ele dá um empurrão, é uma forma dele. Está querendo interagir também porque ele não consegue falar, se expressar ao ponto de falar "vem brincar comigo, eu quero brincar com você". Ele cutuca a gente também, é uma maneira de ele estar se expressando, né? É para a criança e para o adulto, para qualquer fase que o corpo fala. É só saber observar isso. Demanda tempo, sim, é saber chegar. E na infância é muito isso, né? Você observar, porque muitas vezes a criança não sabe expressar o que ela quer, se é por meio ainda de das palavras. E você como adulto que vai analisar aquele comportamento (*Informação verbal*)¹¹.

E a professora Suelen acrescenta:

É mais um conhecer, né? Por exemplo, a família. Tem criança que não fala. E a família como já vive naquele ambiente... a família já consegue identificar o que a criança quer. Aí para a gente já é um pouco mais difícil. Realmente, com o convívio, você acaba interpretando: "Já sei que está com fome. Acho que é dor. Acho que é fome. Não está bem." Realmente. Hoje, por exemplo, o Thiago...ele não está bem. Ele não fala. Eu sei que ele fala, mas ele não tem falado com a gente. Mas a gente sabe que ele não está bem. Porque o corpo dele estava falando. O colega até falou assim "Olha o olho dele como que está! O olho". Até o olhar da criança muda (*Informação verbal*)¹².

As professoras revelam que é preciso conhecer a criança para entender sua linguagem corporal e observar seu corpo, gestos, atitudes, seus sons e sua expressão facial. É preciso conhecer para agir, bem como acontece no planejamento didático, é preciso conhecer a criança, saber o que ela já traz da sua vivência, do seu aporte cultural para traçar um caminho a ser percorrido:

¹¹ Entrevista concedida pela professora Gislane B. Primeira entrevista. Coleta de dados. [Julho/2023]. Entrevistadora: Lenine Bandeira. Duque deCaxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice O desta dissertação.

¹² Entrevista concedida pela professora Suelen. Primeira entrevista. Coleta de dados. [Julho/2023]. Entrevistadora: Lenine Bandeira. Duque deCaxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice O desta dissertação.

A relação ótima entre a professora e as crianças é que se estabelece através de situações de comunicação real, que permite à menina ou ao menino criarem novos significados, com os quais poderão dar sentido a suas novas aprendizagens [...] Os meninos e as meninas dessa idade apresentam necessidades educativas diversas, as quais a professora deverá conhecer para poder ajustar à sua ajuda [...] (Bassedas *et al.*, p. 64)

As falas das professoras também acompanham uma concepção embasada nas visões de Piaget, Vygotsky e Wallon:

Piaget, Vygotsky e Wallon tentaram mostrar que a capacidade de conhecer e aprender se constrói a partir das trocas estabelecidas entre o sujeito e o meio. As teorias sociointeracionistas concebem o desenvolvimento infantil como um processo dinâmico, pois as crianças não são passivas, meras receptoras das informações que estão à sua volta. Através do contato com as coisas do seu ambiente, bem como através da interação com outras crianças e adultos, as crianças vão desenvolvendo a capacidade afetiva, a sensibilidade e a auto-estima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem [...] (Felipe, 2007, p. 27).

O professor necessita, sobretudo com as crianças pequenas, buscar conhecê-las em sua individualidade, como se comunicam ou quando desejam se comunicar e buscar conhecer o que elas já sabem. Não é um processo fácil, demanda tempo para desenvolver a acuidade de observação, comunicação e planejamento.

As reflexões realizadas acerca das representações sociais das profissionais da creche diante dos três eixos norteadores Infância, Saúde e Corpo possibilitaram entender que há uma compreensão das participantes de que o **cuidado** passa por essas três categorias no cotidiano da creche. Essa palavra esteve presente nos três termos indutores na associação livre de palavras. De acordo com Rossetti-Ferreira (2008, p. 17) “a indissociabilidade entre cuidado e educação precisa permear todo projeto pedagógico de uma creche ou pré-escola. Trata-se, de certa forma, de uma filosofia de atuação que prevalece, ou não, em todo o planejamento.”

O parecer do Conselho Nacional de Educação que faz a revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil também enfatiza que a EI deve ser um espaço de aprendizagem com o importante papel de compartilhar a educação e o cuidado das crianças pequenas:

[...] O cuidado, compreendido na sua dimensão necessariamente humana de lidar com questões de intimidade e afetividade, é característica não

apenas da Educação Infantil, mas de todos os níveis de ensino. Na Educação Infantil, todavia, a especificidade da criança bem pequena, que necessita do professor até adquirir autonomia para cuidar de si, expõe de forma mais evidente a relação indissociável do educar e cuidar nesse contexto [...] [...] Educar cuidando inclui acolher, garantir a segurança, mas também alimentar a curiosidade, a ludicidade e a expressividade infantis. Educar de modo indissociado do cuidar é dar condições para as crianças explorarem o ambiente de diferentes maneiras (manipulando materiais da natureza ou objetos, observando, nomeando objetos, pessoas ou situações, fazendo perguntas, etc.) e construir sentidos pessoais e significados coletivos, à medida que vão se constituindo como sujeitos e se apropriando de um modo singular das formas culturais de agir, sentir e pensar. Isso requer do professor ter sensibilidade e delicadeza no trato de cada criança, e assegurar atenção especial conforme as necessidades que identifica nas crianças (Brasil, CNE/CEB, 2009, p. 10).

Cuidar e educar são “dimensões intercomplementares e indissociáveis da EI, este é o mais novo posicionamento da política educacional brasileira, assumido na década de 90.” (Lopes *et al.*, 2006, p. 28). O binômio cuidar-educar já está definido em documentos oficiais, muito embora na prática seja ainda um conceito em construção e que vem sendo fortalecido nas construções de pesquisas com crianças pequenas.

A análise de dados apresentados corroborou para confirmar a relação dos eixos norteadores da pesquisa com a Educação Infantil. Eles se cruzam e se inter-relacionam para se posicionarem ao lado de uma Educação para a Infância que almeja o desenvolvimento integral das crianças pequenas.

Para a próxima seção, os conceitos limpo e sujo serão apresentados na percepção do coletivo da creche.

4.2 Limpo e Sujo: o pensamento vigente do coletivo da creche

Os termos limpo e sujo foram evidenciados nos dados obtidos da oficina e da roda de conversa com as crianças pequenas; da associação livre de palavras com as auxiliares e professoras e também da roda de conversa com as auxiliares.

Para os dados da oficina de desenhos com as crianças pequenas, apenas o áudio foi considerado, dado que as crianças verbalizaram muito mais do que desenharam.

As evocações que irão compor os resultados apresentados (e com alta prevalência) serão aquelas de maior importância no esquema de cognição dos

sujeitos (Macedo; Gonzaga, 2023) e, portanto passíveis de representação dos conceitos de limpo e sujo.

Os resultados demonstraram que a representação social das pessoas da família: **mamãe**, e **papai** foi o discurso que mais esteve presente na oficina de desenho com as crianças pequenas para o termo indutor **sujo**.

A representação social evidenciou a palavra mamãe/mãe para o termo indutor **limpo**, considerando o índice de similitude:

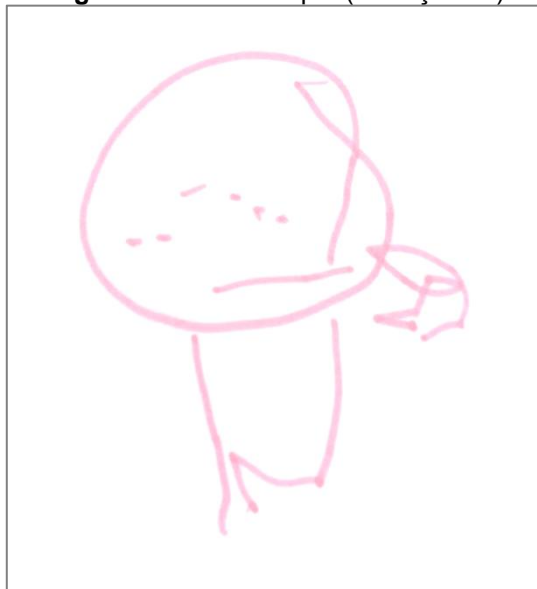
Minha mãe é limpo.
Meu irmão Ronaldo é sujo. Ele não toma banho. *(Informação verbal)*¹³

Mamãe é limpa quando tá de vestido lavado.
Mamãe é sujo quando tá de vestido, ele não tá lavado. *(Informação verbal)*¹⁴

Eu e mamãe é limpo.
O monto (monstro) e o papai é sujo. *(Informação verbal)*¹⁵

Alguns desenhos da representação do termo limpo e sujo das crianças pequenas para a subjetividade - pessoas da família:

Figura 1: Mamãe limpa. (Criança Mel)



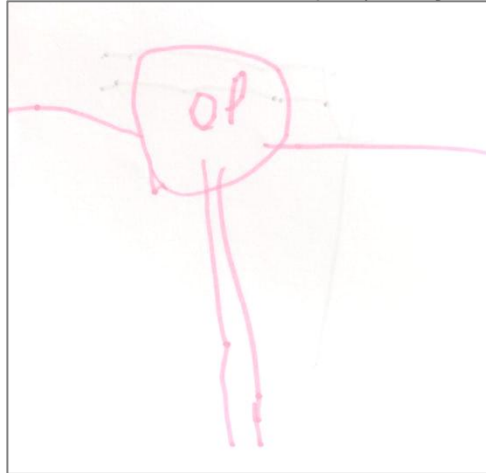
Fonte: da pesquisa.

¹³ Informação verbal da criança Rafael. Turma 32. Oficina de desenho. Coleta de dados. [Julho/2023]. Dinamizadora da Oficina: Lenine Bandeira. Duque de Caxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A oficina de desenho na íntegra encontra-se transcrita no apêndice J desta dissertação.

¹⁴ Informação verbal da criança Eliel. Turma 32. Oficina de desenho. Coleta de dados. [Julho/2023]. Dinamizadora da Oficina: Lenine Bandeira. Duque de Caxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A oficina de desenho na íntegra encontra-se transcrita no apêndice J desta dissertação.

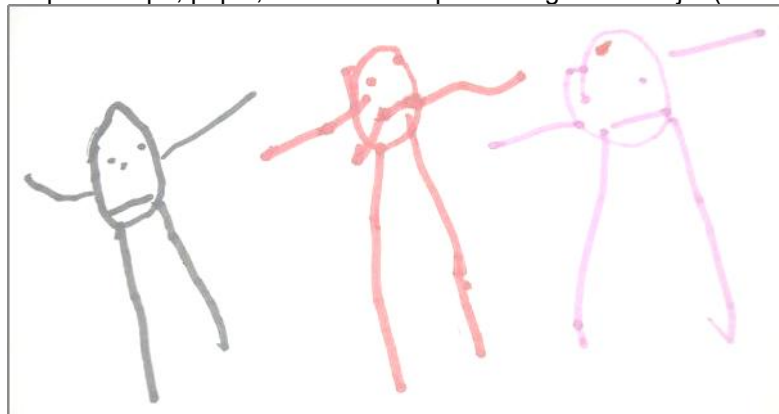
¹⁵ Informação verbal da criança Maurício. Turma 33. Oficina de desenho. Coleta de dados. [Julho/2023]. Dinamizadora da Oficina: Lenine Bandeira. Duque de Caxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A oficina de desenho na íntegra encontra-se transcrita no apêndice J desta dissertação.

Figura 2: Eu vou fazer a mamãe limpa. (Criança Guilhermino)



Fonte: da pesquisa

Figura 3: Papai é limpo; papai, mamãe e eu quando a gente tá sujo. (Criança Isabel)



Fonte: da pesquisa

Figura 4: O monto (monstro) e o papai é sujo. (Criança Maurício)



Fonte: da pesquisa

A atenção se volta mais uma vez para o componente *peças da família* como elemento imprescindível para a explicação das crianças pequenas para o que é limpo e sujo. Segundo Zago (2013, p.12) “A família é um dos aspectos formadores da subjetividade humana. A subjetividade, por sua vez mediatiza como forma de conhecimento, elaborada socialmente - a representação social que se tem da família.” Estas respostas identificam a primeira identidade social da criança, como também a constituição da sua subjetividade. A subjetividade da criança é o seu próprio mundo interno. É por meio deste mundo que a criança se relaciona com seu mundo social. E a partir desta relação, se forma o indivíduo, único, singular.

A representação social **casa**, que também representa núcleo familiar, foi citada tanto pelas crianças na oficina de desenho (apêndice J) como pelas profissionais da educação na associação livre de palavras (apêndice K). A casa apresenta também um caráter emocional como resultado das escolhas, ora limpa ora suja, como conclusão em que há desordem, confusão, falta de tempo para limpeza da casa considerada suja. E, para a casa limpa, associa-se equilíbrio e organização das pessoas que moram nela:

A casa da minha mãe é limpa.

A outra casa verde lá na praia, tem uma *pueira*, uma *pueira*. O nome dela é linda, essa casa lá. (*Informação verbal*)¹⁶

A minha casa é limpa, vou desenhar ela.

Quando a casa é suja, de *sujeira* tem que limpar. Tem casca de banana lá fora da casa. (*Informação verbal*)¹⁷

Auxiliar Gislaine A.

O sujo e o limpo são coisas que me incomodam bastante. O limpo para positivo e o sujo para o negativo. A limpeza me gera muito prazer, bem estar, traz harmonia, descanso. Já o sujo representa muita coisa negativa pra mim, desequilíbrio, preguiça, causa mal estar. Uma paisagem onde tem muita sujeira é algo desagradável de ficar. (*Informação verbal*)¹⁸

¹⁶ Informação verbal da criança Amanda. Turma 31. Oficina de desenho. Coleta de dados. [Julho/2023]. Dinamizadora da Oficina: Lenine Bandeira. Duque deCaxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A oficina de desenho na íntegra encontra-se transcrita no apêndice J desta dissertação.

¹⁷ Informação verbal da criança Everton. Turma 31. Oficina de desenho. Coleta de dados. [Julho/2023]. Dinamizadora da Oficina: Lenine Bandeira. Duque deCaxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A oficina de desenho na íntegra encontra-se transcrita no apêndice J desta dissertação.

¹⁸ Informação verbal da auxiliar Gislaine A. Roda de Conversa. Coleta de dados. [Julho/2023]. Dinamizadora da Roda de Conversa: Lenine Bandeira. Duque de Caxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A Roda de Conversa na íntegra encontra-se transcrita no apêndice N desta dissertação.

Segundo Douglas (1991, p. 6), a sujeira é topográfica [...]“só existe aos olhos do observador”[...]. É desordem, fora de ordem. Estar sujo é estar fora do lugar, fora do padrão de limpeza. E acima de tudo, cultural. As coisas e pessoas são sujas pela sua localização e não por determinados aspectos que a transformam em sujas.

Nos desenhos representacionais de limpo e sujo, a criança de nome João apresentou seu desenho de forma topográfica:

Um pirulito que não caiu no chão é limpo.
Um pirulito que cai no chão fica sujo. Tem um monte de bactérias.
(*Informação verbal*)¹⁹

O pirulito se torna sujo a partir do momento em que se encontra no chão. E o chão é lugar de sujeira. No entanto, se o pirulito não caiu no chão, é considerado limpo. É observado também que a criança desde a sua tenra idade, realiza comparações no momento que levanta suas hipóteses.

Na associação livre de palavras das professoras regentes e das auxiliares a representação social identificada foi **higiene**. Quando a associação foi separada por grupos, o grupo das professoras apresentou um discurso predominante pois as três regentes escreveram a palavra ao definir o que é limpo.

Foi observado o entendimento de que para ser limpo é preciso ter higiene e ter higiene é ser limpo. Conceitos relacionais quando se observa a quantidade da incidência na associação de palavras. O discurso de ser limpo e ter higiene é semelhante ao discurso vigente no meio educacional, atrelado a um conceito histórico da palavra que perdura até os dias atuais em conversas de conselho de classe, em reuniões de responsáveis nas unidades infantis e quando se realiza o levantamento das atividades e procedimentos para o início e a finalização de um projeto de higiene:

Higiene é uma palavra que veio da Grécia. Vem de *hygeinos*, que significa, em grego, “o que é são”, “o que é sadio”. Antes, em sua origem, era um adjetivo usado para qualificar a saúde. As pessoas deviam ter uma “saúde higiênica”. Depois, a palavra virou um substantivo, um conjunto de hábitos que se deve ter para conseguir o bem-estar e a saúde. A palavra higiene pode ser também entendida como a limpeza corporal, o asseio. Pode denominar, ainda, uma parte da medicina que busca preservar a saúde, estabelecendo normas e recomendações para prevenir as doenças. (Faria; Monlevade, 2008, p. 14)

¹⁹ Informação verbal da criança Maurício. Turma 33. Oficina de desenho. Coleta de dados. [Julho/2023]. Dinamizadora da Oficina: Lenine Bandeira. Duque deCaxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A oficina de desenho na íntegra encontra-se transcrita no apêndice J desta dissertação.

O próprio conceito de higiene é cultural. As profissionais podem apresentar posicionamentos a respeito deste conceito em suas inúmeras dimensões. É inegável o cuidado que é preciso ter com o que o outro fala, pois diz respeito ao seu modo de vida. E o posicionamento necessita estar alinhado ao relativismo cultural. Cada grupo tem sua cultura, suas características próprias e que devem ser analisadas por seus próprios códigos.

Para o conceito de **sujo**, entre os grupos das professoras e auxiliares, foi identificada a palavra **doença** como a representação social do grupo. A doença por sua vez parece funcionar como oposto da higiene, pois se não há limpeza, não há higiene. E, por consequência, é dado lugar à sujeira que poderá acarretar no surgimento de doenças. Nesta relação entre higiene/limpeza; doença/sujeira, que nos remete à impureza, à desordem que não se tem o desejo de presenciar, de conviver, pode revelar uma estrutura cognitiva, um conjunto organizado de comportamentos e pensamento de um determinado indivíduo e ao grupo ao qual pertence:

A higiene, ao contrário, mostra-se como um excelente caminho, desde que o sigamos com algum conhecimento de nós próprios. Tal como a conhecemos, a impureza é essencialmente desordem. A impureza absoluta só existe aos olhos do observador. Se nos esquivamos dela, não é por causa de um medo covarde nem de um receio ou de um terror sagrado que sintamos. As idéias que temos da doença também não dão conta da variedade das nossas reações de purificação ou de evitamento da impureza. A impureza é uma ofensa contra a ordem. Eliminando-a, não fazemos um gesto negativo; pelo contrário, esforçamo-nos positivamente por organizar o nosso meio. (Douglas, 1991, p 6-7)

A higiene, a limpeza, a organização são formas de manutenção da ordem, acompanhadas pela busca do conhecimento do próprio indivíduo. A desordem, é tolerada socialmente até certo ponto, desde que não se instale por completo e resulte em caos no ambiente.

Na RC com visualização de fotos reais dos espaços comuns da creche, as representações sociais indicaram que as turmas, ao perceberem desordem, aglomeração ou algum tipo de sujeira ao chão, entenderam que o espaço estava sujo. E quando o espaço estava organizado, com cadeiras e objetos posicionados em seus lugares que costumeiramente estão (ou quando esvaziados), as crianças perceberam como um espaço limpo.

Nas fotos que tentaram representar o conceito de limpo, as respostas obtidas findavam apenas com a classificação “limpo”, dando a conotação de que limpo é um conceito universal, diferentemente do conceito de sujo, no qual se faz necessário justificar tal classificação. Utilizando-se de explicações mais detalhadas nas fotos que representavam o conceito de sujo:

Pesquisadora: conta pra tia. Por que que essa aqui é sujo?
 Criança: porque a gente bagunçou. (*Informação verbal*)²⁰

Figura 5: Foto 2 da RC - primeira comparação



Fonte: da pesquisa.

Pesquisadora: por que que é essa suja, da colher?
 Criança: porque a colher caiu no chão, chão é sujo.
 Pesquisadora: e a segunda foto?
 Crianças: suja
 Crianças: as criança tão comendo, colher até caiu no chão! (risos)
 (*Informação verbal*)²¹

Figura 6 - Foto 4 da RC - segunda comparação



Fonte: da pesquisa.

²⁰ Informação verbal de uma das crianças. Turma 31. Roda de Conversa. Coleta de dados. [Julho/2023]. Dinamizadora da RC: Lenine Bandeira. Duque deCaxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A RC na íntegra encontra-se transcrita no apêndice M desta dissertação.

²¹ Informação verbal de uma das crianças. Turma 32. Roda de Conversa. Coleta de dados. [Julho/2023]. Dinamizadora da RC: Lenine Bandeira. Duque deCaxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A RC na íntegra encontra-se transcrita no apêndice M desta dissertação.

Pesquisadora: por que que essa daqui é limpa?

Crianças: porque tá arrumada, está arrumada a mesa. (*informação verbal*)²²

Crianças: essa aqui é limpa.

Pesquisadora: por que que essa daqui é limpa?

Criança: Aí ninguém veio ainda.

Criança: porque não tá no chão. (*Informação verbal*)²³

Figura 7 - Foto 5 da RC - Terceira comparação



Fonte: da pesquisa.

Na RC é perceptível que as crianças apresentam o conceito ora de desordem (para o que está sujo) ora de ordem (para o que está limpo), pois a sujeira, como mencionado, é topográfica, revelando que culturalmente elas já concebem as pessoas e as coisas em uma organização ou desorganização que elas já vivenciam em seu cotidiano.

A oficina, a RC com as crianças, a RC com as auxiliares e a associação livre de palavras com os termos indutores limpo e sujo foram considerados para a elaboração do Produto Educacional 1 (PE1), o vídeo-animação.

Durante a primeira entrevista realizada com as professoras foram considerados, também para a elaboração do PE, os conteúdos/conceitos imprescindíveis para a estruturação de um projeto a respeito de higiene na creche. As perguntas direcionadas às professoras na entrevista foram: **Que conceitos ou conteúdos você considera indispensável para integrar o projeto higiene na educação infantil? Na sua opinião, quais são os referenciais?**

²² Informação verbal das crianças da turma 32. Roda de Conversa. Coleta de dados. [Julho/2023]. Dinamizadora da RC: Lenine Bandeira. Duque deCaxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A RC na íntegra encontra-se transcrita no apêndice M desta dissertação.

²³ Informação verbal das crianças da turma 33. Roda de Conversa. Coleta de dados. [Julho/2023]. Dinamizadora da RC: Lenine Bandeira. Duque deCaxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A RC na íntegra encontra-se transcrita no apêndice M desta dissertação.

As professoras responderam:

Acho que a questão da alimentação...a questão da higiene, né? Eu, por exemplo, assim, agora como gestante, não é? Vejo o quanto que é importante, por exemplo, a gente faz uma boa higienização, né? Dos alimentos. A questão dos cuidados com o corpo mesmo. Cuidados com o corpo interferem até na saúde da criança, né? Porque tem que dar continuidade, porque talvez a família não tenha, mas se isso for gerado na criança, ela vai levar para a vida dela, para a casa dela. Vai passar adiante isso [...] (*Informação verbal*).²⁴

Então assim, a saúde bucal é uma coisa muito importante, porque, por exemplo. Se você tem um problema do dente, é muito caro. Não tem acesso, vamos prevenir exatamente que é uma prevenção. A criança aprende que ela tem que se higienizar, né? Então, isso é um ponto fundamental, porque é uma coisa que se ela tiver um problema, pode ser que ela perca o dente e acabou, e vai ficar nisso (*Informação verbal*).²⁵

[...] Essa higiene deles, da mão. Eu acho que a questão também de quando vai ao banheiro. Do banho. Quando vai usar o banheiro. A higiene também, né? E ainda na questão de se secar. As meninas se secarem. A higiene correta mesmo, né? Nossa, eu simplesmente vou fazer o xixi e vestir a calcinha. Eles fazem muito isso. Tem que estar orientando o tempo todo. *Pra* eles, fez xixi e cocô, é só colocar a roupa embora, né? Eles não se limpam, eles não lavam a mão. Ficar ali com a roupa suja durante muito tempo, pode causar, né? É... uma doença. Até a própria lavagem dos alimentos também, né? Isso daí, a higiene influencia na saúde. Na saúde, totalmente (*Informação verbal*).²⁶

Os conteúdos elencados pelas professoras e que são imprescindíveis para composição de um projeto higiene estão ordenados no quadro a seguir:

Quadro 6 - Conteúdos elencados pelas professoras

Mãos	Lavar as mãos antes das refeições; lavar as mãos ao utilizar o banheiro.
Corpo	Tomar banho; se secar corretamente e se limpar quando for ao banheiro e utilizar o vaso sanitário.
Alimentação	Lavar corretamente os alimentos; não pegar comida e objetos do chão para utilizar ou comer.
Dentes/ boca	Saúde bucal.

Fonte: da pesquisa.

²⁴ Entrevista concedida pela professora Gislaire B. Primeira entrevista. Coleta de dados. [Julho/2023]. Entrevistadora: Lenine Bandeira. Duque deCaxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice O desta dissertação.

²⁵ Entrevista concedida pela professora Daniela. Primeira entrevista. Coleta de dados. [Julho/2023]. Entrevistadora: Lenine Bandeira. Duque deCaxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice O desta dissertação.

²⁶ Entrevista concedida pela professora Suelen. Primeira entrevista. Coleta de dados. [Julho/2023]. Entrevistadora: Lenine Bandeira. Duque deCaxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice O desta dissertação.

A produção do vídeo-animação levou em conta os conteúdos elencados e foram relacionados às percepções iniciais de limpo e sujo do coletivo da creche, entendendo que uma partilha de saberes pode ser a proposta de Educação Antropológica, de conhecer os participantes envolvidos no coletivo de uma unidade infantil e as percepções que eles já possuem a respeito de determinado conceito, para que aconteçam novas configurações destes conceitos visando as crianças pequenas. O vídeo foi pautado em uma aprendizagem que considerasse o que a criança já conhecia a respeito de determinado conceito e utilizar essas percepções para abrir caminhos em busca de novas possibilidades de aprendizagens.

À vista disso, na seção a seguir será apresentado o caminho percorrido para a elaboração e validação do primeiro e do segundo PE. O primeiro PE visa iniciar a discussão a respeito dos conceitos de limpo e sujo atrelados ao projeto higiene. O segundo PE visa auxiliar as professoras na própria elaboração das atividades propostas relacionadas ao vídeo animação: “Você sabe o que é limpo e o que é sujo? Nós vamos te contar!”

Assim, após a fase de coleta e análise dos dados, iniciou-se a fase de elaboração do Produto Educacional 1 (PE1) e posteriormente o Produto Educacional 2 (PE2) que serão apresentados na seção que se segue. Esses produtos são frutos da pesquisa bibliográfica realizada, das demandas apresentadas nos resultados das coletas de dados, da intrínseca relação que a pesquisadora possui com o coletivo da creche e do desejo de aproximar o trabalho com ciências e Educação Infantil em sua vertente Saúde e Higiene.

5. PRODUTO EDUCACIONAL (PE)

Considerando o potencial do audiovisual em fornecer estímulos emocionais positivos que perduram na memória e, conseqüentemente, influenciam a capacidade de aprendizado de um indivíduo, é possível concluir que essa tecnologia se tornou uma ferramenta fundamental no processo educacional atualmente. Visto que, “o vídeo combina a comunicação sensorial cinestésica com o audiovisual, a intuição com a lógica. Combina, mas começa pelo sensorial, pelo emocional e pelo intuitivo, para atingir posteriormente o racional” (Morán, 1993, p. 2).

O audiovisual é, de fato, uma ferramenta valiosa para o aprendizado. A inserção de vídeos explicativos em um contexto educacional oferece a possibilidade de despertar maior interesse e facilitar o processo de aprendizado para as crianças. Isso porque, o vídeo é sensorial e visual, é linguagem falada, musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força. Somos atingidos por todos os sentidos e de todas as maneiras. (Morán, 1993).

Um vídeo animado também ocupa um espaço de destaque entre as crianças pequenas. Elas demonstram interesse em vídeos-animações. Este recurso é utilizado na Educação Infantil como forma de facilitar a compreensão de assuntos abordados nos projetos ao longo do ano na creche. Para que uma animação se torne relevante para este público tão pequeno e exigente, precisamos entender como acontece o processo de criação de um vídeo-animação. É preciso conhecimento e suporte na área tecnológica e de todo o processo de desenvolvimento:

[...] a linguagem animada contempla, com suporte tecnológico e técnica, uma diversificada gama de formas, conteúdos e processos. Torna-se viável criar mundos, seres e espaços temporais inéditos ou representá-los tais como são com um nível de realismo e fantasia jamais vistos. Os desenvolvedores lidam com a possibilidade de escolha destes critérios uma vez que as narrativas animadas podem simular uma situação real ou fictícia, fazendo uso de imagem, som, expressões e símbolos que podem ser percebidos pelos espectadores como se estivessem acompanhando-a pessoalmente ou ainda podem imergir em cenários nunca antes vistos ou explorados. (Campos, p.71, 2016).

O design de animação se apresenta como um projeto complexo, com variantes artísticas, culturais, sociais e econômicas e, portanto, exige planejamento, pesquisa, conceituação e demais etapas criativas desenvolvidas em um produto audiovisual:

Em uma explicação sucinta e objetiva sobre animação em relação ao design, pode-se afirmar que animação é um tipo de projeto de extrema complexidade, que abrange diversas etapas de produção, como desenvolvimento de conceitos visuais, identidades, cenários e personagens. (Faria, 2015, p. 56)

A animação foi desenvolvida em conjunto com uma empresa (a pesquisadora teve a responsabilidade de entregar o protótipo em sua versão final e acompanhar todo o processo de construção da animação no programa desenvolvido), com a proposta de duração de três minutos, considerando o tempo de atenção das crianças de três a quatro anos. Porém, devido ao custo de uma produção audiovisual e por ter sido com recurso próprio da pesquisadora, o vídeo foi reduzido (sem prejuízo de seu conteúdo) para um minuto e trinta segundos.

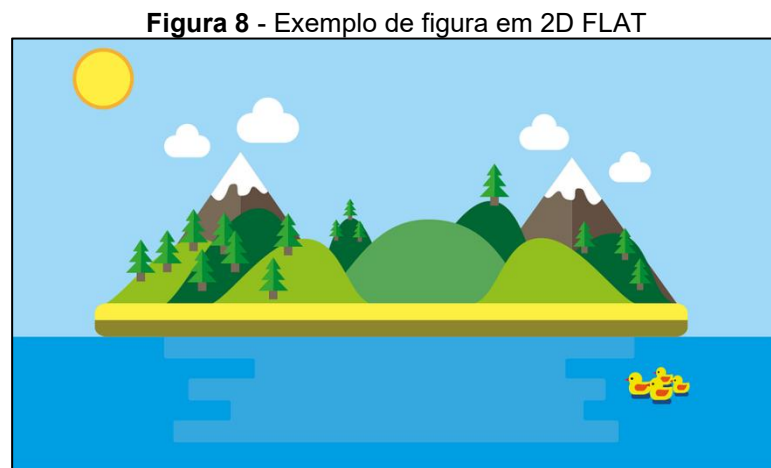
“Animar, do latim ‘animare’, significa dar alma” (Magalhães, 2015, p. 9). Animação é uma série de imagens estáticas apresentadas em agrupamento sequencial, e que resulta em uma ilusão de movimento. Para Magalhães (2015, p.10), ela pode ser compreendida como uma “técnica de dar movimento e a arte de gerar novas formas de vida a objetos inanimados, através da ilusão de ótica”. Assim, o processo de animar é dar alma a algo sem vida ou sem movimento. E o movimento é o principal sinal de vida de qualquer ser. Animação é a arte de criar movimentos através de uma ilusão de ótica, através de meios técnicos como o computador, celular, vídeo e filmadoras.

Existe uma variedade de técnicas para criar animações e elas podem ser realizadas tanto de forma tradicional quanto digital. A animação tradicional, também conhecida como "animação artesanal", envolve a criação manual de todas as imagens em movimento, quadro a quadro. Porém, a animação digital torna todo o processo menos trabalhoso, facilitando a conclusão da maior parte do trabalho de animação de forma mais rápida, por meio do uso de um computador.

Dentro das categorias, uma animação pode ser bidimensional (2D) ou tridimensional (3D). As animações 2D são mantidas em desenhos planos, enquanto as animações 3D são criadas em ambientes virtuais tridimensionais, dando uma

ilusão de profundidade e realismo aos personagens e cenários. O PE que foi elaborado se enquadra na categoria 2D flat. “Flat design, ou design plano, é uma tendência minimalista na qual as ilustrações são feitas de forma simples e clara. Apesar de ser 2D, sua diferenciação está na tipografia, cores e formas. O desenho é nítido e se basta por si só, não sendo necessária a presença de outros efeitos, como sombras, efeitos ou profundidade. Seu objetivo principal é tornar a compreensão mais rápida, de forma clara e atrativa” (8milímetros, 2018). E o nome do programa em que o vídeo foi desenvolvido chama-se *After effects*²⁷.

A figura, a seguir, é um exemplo de animação em 2D flat:



Fonte: página do site 8 milímetros, 2018.²⁸

Além das animações 2D e 3D, há outras categorias também aceitas como animações, o *flipbook*²⁹, onde uma sequência de imagens é desenhada em um bloco e, ao folhear rapidamente, cria-se a ilusão de movimento; e o *stop motion*³⁰, onde se fotografa objetos em diferentes posições e, em seguida, reproduz essas imagens em sequência para criar a animação.

As crianças foram acompanhadas durante as oficinas e RC para participação da construção da animação mediante as suas percepções de limpo e sujo. No intuito de deixar livre a expressão destas crianças e não as influenciar em suas ações e falas de maneira que não se conseguisse capturar suas próprias observações, suas

²⁷ *After effects*, do inglês: depois dos efeitos.

²⁸ Disponível em: <https://www.8milimetros.com.br/animacoes-em-flat-design/>. Acesso em: 24 abr. 2023.

²⁹ *Flipbook*, do inglês: virar livro.

³⁰ *stop motion*, do inglês: parar o movimento.

maneiras de enxergar o que para os adultos seria o óbvio, foi primordial, uma prática de escuta diligente com o olhar atento e respeitoso.

Barata *et al.* (2019) enriquece o debate a respeito dos vídeos como recurso facilitador de aprendizagem ao destacar sua importância bem como as artes visuais que exerce a função de mediação tanto na aprendizagem de crianças como na própria formação docente:

Dentre os recursos de ensino que temos, o vídeo se constitui ferramenta que permite problematizar, complementar ou ampliar determinado conteúdo que se deseja trabalhar em sala de aula, afastando-se da sua utilização como mero passatempo.[...] podemos afirmar que a materialidade mediadora das artes visuais representa outra forma de pensar espaços de ensino e de formação docente, na medida em que favorece a racionalidade crítica e, assim, afastando-se dos racionalismos vigentes na sociedade para dar lugar à apreensão multidimensional da realidade. Entendemos que a apropriação da arte pela ciência contribui para alargar a compreensão da ciência no mundo, e capaz de se constituir ambiência de construção de sentido. (Barata *et al.*, p. 11, 2019)

A seguir, será abordado o método de validação do PE, bem como sua contextualização, participantes da pesquisa, coleta, resultados e discussões.

5.1 O PRODUTO EDUCACIONAL - PE: VÍDEO-ANIMAÇÃO: VOCÊ SABE O QUE É LIMPO E O QUE É SUJO? VAMOS CONVERSAR SOBRE ISSO.”

É fundamental a compreensão de que a produção do PE (e sua validação) desempenha um papel importante na educação básica e deve ser pensado e desenvolvido para buscar e solucionar um problema fim da escola. Também de que nasce da reflexão sobre a prática do educador-pesquisador e tem a responsabilidade de devolver para a escola um profissional capaz de refletir a partir do conhecimento científico adquirido da sua atuação profissional. E está longe de ser a única solução dos problemas da escola, mas sim, de um enfrentamento diante de tantos obstáculos e problemas que professores e professoras se deparam no chão da escola.

A validação do PE na escola, ou seja, sua aplicação é de extrema importância visto que os participantes da pesquisa irão compor um instrumento de avaliação e contribuirão com um feedback significativo ao pesquisador. Depois de validado, o PE é devolvido à escola com as devidas correções e aperfeiçoamentos.

O PE foi elaborado a partir dos dados apresentados na pesquisa e na primeira entrevista com as professoras, em adição à prática da pesquisadora como professora da Educação Infantil.

A seguir, o trajeto com os procedimentos para validação do vídeo-animação “Você sabe o que é limpo e sujo? Nós vamos te contar: percepções das crianças pequenas em uma visão antropológica” na creche, *lócus* da pesquisa serão elencados e explicitados.

5.2 Metodologia da Validação do Produto Educacional

A estrutura da validação do PE obedeceu a seguinte ordem para os grupos das crianças das turmas de três anos: (1) apresentação da animação gravada em vídeo para as crianças pequenas e as auxiliares que estavam acompanhando as crianças. Posteriormente, para as auxiliares e professoras que não estiveram no momento da exibição do vídeo para as crianças, foi disponibilizado via celular a apresentação da animação (apêndice H); (2) oficina de desenho, gravada mediante áudio, direcionada às crianças pequenas (apêndice I) no dia seguinte à

apresentação da animação. Esta última etapa está relacionada com o conteúdo do vídeo para que a assimilação da animação seja respeitada e com o objetivo de verificar se no grupo das crianças houve mudança conceitual.

Cada turma assistiu o vídeo-animação em sua própria sala. A organização se deu por turma com as crianças participantes da pesquisa.

Durante a execução do vídeo-animação para os grupos das turmas, atentou-se aos comportamentos físicos de interesse e atenção (concentração). Ao término do vídeo a pesquisadora perguntou informalmente o que foi entendido do vídeo, retomando os conceitos apresentados, com a intenção de perceber qual foi o maior ponto de interesse. Neste momento tentou-se mensurar o potencial de abrangência e até mesmo os elementos que não deslumbraram a atenção das crianças participantes, com base nas respostas manifestas e fornecidas mediante às indagações da pesquisadora.

Pretendeu-se colher um *feedback* contributivo com as profissionais a respeito da apresentação do vídeo às crianças, buscando identificar possíveis momentos da animação em que provocaram efeitos indesejados, como apreensão ou falta de interesse, observando posteriormente se houve divagação ou indiferença durante a exibição para as crianças. Nos apêndices F e G encontram-se o roteiro para a entrevista de validação do PE com as professoras e auxiliares.

O contexto de validação do Produto Educacional foi o mesmo *lócus* da pesquisa, uma creche pertencente ao município de Duque de Caxias / RJ.

Os participantes do estudo também foram aqueles já apresentados anteriormente: (1) os grupos das crianças participantes da pesquisa das turmas de três anos (turmas 31, 32 e 33); (2) Profissionais da Educação (Professoras e auxiliares) das respectivas turmas.

Nesta etapa participaram trinta e três crianças (todas àquelas que estavam presentes na sala) para nenhuma criança ser excluída para que a oficina de desenho acontecesse; oito auxiliares presentes e as três professoras das turmas de três anos.

Na próxima subseção, serão apresentados os resultados e discussões do PE.

5.3 Resultados e Discussões da Validação do PE

As crianças foram reunidas em suas salas e foi feita menção ao vídeo exibido no dia anterior, as turmas pediram para assistir novamente. Perguntei para as turmas:

Vocês gostaram do vídeo?

Gostamos, gostamos das crianças tomando banho, falando que não é pra jogar lixo no chão e que a gente tem que lavar a mão. (*Informação verbal*)³¹

Na primeira cena, as crianças já demonstraram curiosidade a respeito do que aqueles personagens, crianças como elas, fariam:

Figura 9: Primeira cena da animação - PE



Fonte: vídeo-animação elaborado pela autora (2023 - Registro pendente)

A figura nove apresenta a primeira cena da animação. Já na primeira cena (depois das crianças se apresentarem e falarem os seus respectivos nomes), buscou-se aguçar a curiosidade genuína de uma criança pequena com a fala da personagem Lara: “Você sabe o que é limpo e o que é sujo? Nós vamos te contar!”:

As crianças, no momento da saudação pararam e se concentraram no vídeo. Permaneceram desta forma até a finalização, visto que o vídeo ficou com o tempo de duração de um minuto e trinta segundos, com a despedida dos personagens, os estimulando também a falar o que cada criança pensava a respeito dos conceitos de limpo e sujo.

³¹ Conversa da pesquisadora com as crianças pequenas da turma 31. Validação do PE. Segundo dia. [Outubro 2023]. Duque de Caxias / RJ. 1 arquivo mp3.

As turmas assistindo ao vídeo-animação:

Figura 10: Turma 33 assistindo ao vídeo - PE



Fonte: da pesquisa.

Figura 11: Turma 32 assistindo ao vídeo - PE



Fonte: da pesquisa.

Figura 12: Turma 31 assistindo ao vídeo - PE



Fonte: da pesquisa.

O “vídeo se constitui ferramenta que permite problematizar, complementar ou ampliar determinado conteúdo que se deseja trabalhar em sala de

aula.” [...] (Barata *et al.*, p11, 2019). E com a crianças pequenas, sua atenção, a posição de seu corpo, seu olhar voltado para o vídeo confirma seu caráter introdutório para uma conversa prazerosa, abrindo a oportunidade para um aprendizado que sai de dentro das cenas visualizadas pelas crianças e se transforma em uma apropriação de conceitos de cada criança, a partir do seu aporte cultural. Cada um com um olhar diferenciado, mas atento à mensagem do vídeo. Sendo tocadas, produzindo e ressignificando seus pensamentos.

É preciso “garantir o acesso aos conhecimentos socialmente elaborados ao longo da história de maneira que a criança aprenda e que se desenvolva de modo cada vez mais sofisticado mediante uma proposta pedagógica que cumpra plenamente a função sociopolítica e pedagógica na escola de educação infantil.” (Moraes *et al.*, p. 6, 2020). A pesquisa, a coleta de dados resultou no conhecimento elaborado para ser apresentado às crianças pequenas. Elas sabem de muitas coisas e demonstraram essa magnitude na primeira oficina de desenhos. O vídeo será apenas o condutor para que elas elaborem de forma sofisticada as suas próprias percepções do que é limpo e do que é sujo:

Vocês gostaram do vídeo? (*Informação verbal*)³²

Sim! (*Informação verbal*)³³

E do que vocês mais gostaram? (*Informação verbal*)³⁴

Do Mateus falando que é pra lavar a frutinha antes de comer. (*Informação verbal*)³⁵

Tia, que a menina falou que a gente tem que lavar a mão quando a gente faz cocô e xixi. (*Informação verbal*)³⁶

Limpar com papel, porque pode sujar a calcinha. (*Informação verbal*)³⁷

A turma 33 apenas relatou que gostou do vídeo e pediram para assistir novamente pois queriam “ver” as crianças e as “outras coisas.”

³² Comunicação da pesquisadora. Validação do PE1 na turma 32. [Outubro 2023]. RJ, 2023. 1 arquivo mp3.

³³ Comunicação da crianças da turma. Validação do PE1 na turma 32. [Outubro 2023]. RJ, 2023. 1 arquivo mp3.

³⁴ Comunicação da pesquisadora. Validação do PE1 na turma 32. [Outubro 2023]. RJ, 2023. 1 arquivo mp3.

³⁵ Comunicação da criança João. Validação do PE1 na turma 32. [Outubro 2023]. RJ, 2023. 1 arquivo mp3.

³⁶ Comunicação da criança Geovana. Validação do PE1 na turma 32. [Outubro 2023]. RJ, 2023. 1 arquivo mp3.

³⁷ Comunicação da criança Rute. Validação do PE1 na turma 32. [Outubro 2023]. RJ, 2023. 1 arquivo mp3.

Na segunda oficina de desenho, no dia posterior à exibição do vídeo, já na validação do PE para a criança desenhar e falar novamente a respeito de suas percepções do que é limpo e sujo, foi dado à criança pequena a oportunidade de também ensaiar suas respostas para o questionamento levantado durante a pesquisa: “O que é limpo e o que é sujo?” Permitindo que elas fizessem novas perguntas e até solicitassem assistir novamente alguma cena da animação do vídeo exibido. Como solicitou Amanda, no momento:

Amanda, desenha *pra* tia o que é limpo *pra* você. (*Informação verbal*)³⁸
Quero desenhar a Gabriela do vídeo que você passou, tia. (*Informação verbal*)³⁹

Figura 13: Amanda e seu desenho



Fonte: da pesquisa.

A transcrição da oficina de desenho referente à validação do PE com as crianças foram transcritas no apêndice P.

Foi observado que as crianças precisaram de um tempo maior para pensar no que para elas era limpo e sujo. E algumas das crianças mencionavam o vídeo exibido para explicar sua percepção a respeito dos conceitos.

Foi elaborado um quadro comparativo de alguns dos resultados da primeira oficina de desenho, que captou as percepções iniciais das crianças pequenas para os conceitos de limpo e sujo, com a segunda, referente à validação do PE. O quadro

³⁸ Comunicação da pesquisadora. Validação do PE1 na turma 31. [Outubro 2023]. RJ, 2023. 1 arquivo mp3.

³⁹ Comunicação da criança Amanda. Validação do PE1 na turma 31. [Outubro 2023]. RJ, 2023. 1 arquivo mp3.

foi organizado com os dados das crianças que participaram das duas oficinas, suas respostas estão organizadas em conjunto com os dois conceitos, respectivamente:

Quadro 7: Comparação da primeira oficina de desenho com a oficina da validação do PE1

NOME	TURMA	PRIMEIRA OFICINA DE DESENHO	SEGUNDA OFICINA DE DESENHO (VALIDAÇÃO DO PE1)
Amanda	31	A casa da minha mãe é limpa. A outra casa verde lá na praia, tem uma <i>pueira</i> , uma <i>pueira</i> . O nome dela é linda, essa casa lá.	Quero desenhar a Gabriela do vídeo que você passou, tia. Sujo é a banana do Mateus que caiu no chão, não dá pra comer.
Renata	31	Hum, hum, hum Molica (Mônica) é limpa porque ela verte (veste) um bestido (vestido) vermelho. O chol (chão) é chujo (sujo), ele não é limpinho.	O chão limpo que a minha vó limpou, minha vovó Deléia. Isso, lixo. Mais lixo!
Ester	31	Rio limpo, o bicho vai amar, os peixinhos. O rio sujo, porque o bicho não vai conseguir respirar. Colocaram lixo no rio. Vou fazer uma banana que jogou no rio.	Tomar banho. A lama.
Gustavo	31	O cachorro limpo. Aranha é sujo.	A mão limpa. A mão suja.
Guto	31	Uma cidade do carro é limpa. Lixo é coisa suja, vô (vou) desenhar uma lata de lixo.	Tudo que a gente limpa, até a água é limpa. Lama.
Rafael	32	Minha mãe é limpo. Meu irmão Ronaldo é sujo. Ele não toma banho.	Minha mão. Dente que não escova.
Geovana	32	Um passarinho é limpo, vou desenhar. Um pombo que mora no chão, ele fica no chão.	Lavar a mão. A banana que caiu no chão.
João	32	Um pirulito que não caiu no chão é limpo. Um pirulito que cai no chão fica sujo. Tem um monte de bactérias.	Mão limpa. Mão suja cheia de bactérias.
Isabel	32	Limpo é meu papai. Papai, mamãe e eu quando a gente tá sujo.	Dentes limpo. Dentes sujo.

Rute	32	Um chão limpo. Sujeira rabiscada.	Um chão bem limpinho. Bactéria é suja.
Antônio	33	Laranja é limpo. Um vaso pa cagá e mijá, é sujo.	Mão tem que lavar antes de comer. A mão que não lavou para comer.
Alice	33	Uma meia limpa quando ela não tá suja. O chão é sujo cheia de sujeira é bactéria. Bactéria é no chão. Eu vou fazer azul, eu vou fazer 4, 5 e 3.	As pessoas jogando lixo na lixeira. Sujeira.
César	33	Limpo é sabonete. Minhoca é sujo.	A pera limpa. A maçã que está suja.
Catarina	33	É uma boneca limpo. Boneco cabeça é sujo.	Morango. Lixo.

Fonte: da pesquisa.

Em sua maioria, as crianças mudaram a sua conceituação de limpo e sujo após assistirem o vídeo-animação. Curiosamente, algumas crianças da primeira oficina de desenho (que aconteceu em julho) até a segunda oficina (outubro, para a validação do PE1), permaneceram firmes em suas conceituações. Elas revelaram que, apesar de demonstrarem satisfação em assistir ao vídeo, confirmaram, com o conteúdo apresentado, o que elas já pensavam a respeito dos conceitos, às vezes, em uma nova perspectiva, principalmente no que diz respeito à palavra **chão**:

Quadro 8 - Comparação - Renata e Rute

Renata	31	Hum, hum, hum Molica (Mônica) é limpa porque ela verte (veste) um bestido (vestido) vermelho. O chol (chão) é chujo (sujo), ele não é limpinho.	O chão limpo que a minha vó limpou, minha vovó Deléia. Isso, lixo. Mais lixo!
Rute	32	Um chão limpo. Sujeira rabiscada.	Um chão bem limpinho. Bactéria é suja.

Fonte: da pesquisa.

Pelas respostas, foi observado que as crianças foram influenciadas pelas frutas que estavam nas cenas para a explicação dos conceitos de sujo e limpo. E no vídeo teve-se o cuidado de não colocar produtos industrializados em cena para não influenciar e reforçar o consumo destes alimentos. Outras frutas que não foram

utilizadas na animação apareceram nas respostas das crianças de forma espontânea.

A **mão** apresenta destaque após a validação, pois ela não foi citada na primeira oficina de desenho com as crianças pequenas. Ela foi citada nove vezes: seis no conceito de limpo e três no conceito de sujo.

Portanto, na validação do PE1, após análise de todas as falas das crianças pequenas, as representações sociais evidenciaram que o discurso para o conceito de **limpo** ainda se apresentou a **subjetivação** da própria criança, de seus familiares e em pessoas que não foram definidas, assim como no conceito de **mão limpa**, a mão que precisa ser lavada. A subjetivação do **eu** e de outras pessoas foi mencionada na primeira oficina de desenho com as crianças.

A palavra **mão** traz um conceito, uma ampliação desta parte do corpo e de sua importância para que a própria criança se mantenha limpa e mantenha limpo os objetos e alimentos que ela manuseia. Historicamente, a mão da criança pequena nem sempre foi e é respeitada. Elas são puxadas de um lado para o outro, às vezes, são castigadas através das mãos dos adultos em suas próprias mãos. Aparenta uma humilhação legitimada. “O corpo infantil é menos respeitável porque é mais indefeso, mais fácil de ser reprimido pelo adulto todo-poderoso” (Sacristán, 2005, p.70).

As próprias crianças com suas falas e com apoio do vídeo-animação, trazem a importância do respeito às mãos:

Assim, são as mãos da criança que vão construir o significado de cada elo na teia do conhecimento científico. Usando as mãos, o maravilhoso “presente” confiado a espécie humana, a criança explora o mundo, desenvolve seus poderes mentais, constrói-se [...] Criança aprende tocando, fazendo, vivendo! A observação ativa o sistema sensorio motor; as mãos exploram, descobrem, reconhecem. O tato ajuda a registrar as impressões, às quais imprime significado [...] (Righetti, 2014).

Para a criança pequena, a mão é experiência sensorial, de movimento. As suas mãos tocam e desbravam seus mundos interno e externo. Suas mãos se apresentam como um dos instrumentos de fonte de estudo, de aprendizagem. O porquê e o como residem nesta exploração sensorial das mãos.

Na próxima seção, será explicitada a percepção das crianças participantes da pesquisa a respeito do conceito de saúde, após o surgimento de um questionamento, durante a coleta de dados: E as crianças pequenas, o que pensam a respeito do conceito de saúde? Quais são as suas percepções?

5.4 O que é Saúde na visão das crianças pequenas

Não há a pretensão, nesta seção, de esgotar o assunto pesquisado, mas de contribuir para uma caminhada rumo às percepções das crianças pequenas no que diz respeito ao conceito de Saúde.

Após análise dos os artigos selecionados, concluiu-se que a maioria dessas pesquisas encontradas sobre saúde e doença foca em crianças que passam por tratamento de saúde, geralmente, hospitalizadas. Ligados a esse dado, aparecem trabalhos que pesquisam o que significa, para a criança, estar hospitalizada. Sendo assim, questiona-se sobre os motivos de temas como saúde e doença serem apresentados, discutidos e pesquisados apenas com crianças que experimentam tais questões diariamente, mais de perto e de forma mais intensa, por conta de algum problema de saúde (Camargo *et al.*, 2016, p. 143).

Ao final da validação do PE, na segunda oficina de desenhos com as crianças pequenas, foi realizada uma RC com cada turma. E a pesquisadora realizou o seguinte questionamento: “Mas será que quando estamos limpos ou sujos, ficaremos com saúde? Afinal, o que é Saúde? O que vocês acham que significa essa palavra? Explica para a tia Lenine, por favor? O que é Saúde?”⁴⁰

As respostas serão apresentadas em um quadro, a seguir. O objetivo será de fazer agrupamentos conforme a similaridade da ideia. Sem a pretensão de colocar as respostas das crianças em uma “pré-conceituação” mas valorizar suas vozes:

⁴⁰ Comunicação da pesquisadora. Validação do PE1 na RC com as turmas de três anos. [Outubro 2023]. RJ, 2023. 1 arquivo mp3.

Quadro 9: Respostas das crianças na RC ao conceito de Saúde

Melancia	Limpo	Remédio/remédio/ remédio	Caneta
Banana	Mão	Quando não tô <i>dodói.</i>	Lápis
Maçã/maçã/maçã/ maçã	Lavar a mão para comer.	Quando tosse/ eu tusso e tô com saúde.	
Comer fruta/comer fruta limpinha	Limpar o corpo.	Espirro	
Sobremesa	Jogar as coisas no lixo/jogar as coisas no lixo.	Resfriado	
Comida			
Água			
Água			

Fonte: da pesquisa

Apenas duas crianças relataram que não sabiam o que era Saúde.

A representação social se concentrou em alimentos classificados pelas crianças pequenas como saudáveis. Portanto, para se ter saúde é preciso alimentar-se bem. O termo água, formas de se manter limpo (cuidados com a higiene), relação com a própria saúde (remédio / doença), foram apontados também como Saúde, com o entendimento de que ao pensar sobre tal conceito, as crianças se remeteram a momentos que apresentaram algum sintoma de resfriados ou viroses. Na periferia apareceram dois objetos: caneta e lápis. É perceptível que o imaginário Saúde também é pensado pelas crianças pequenas, apesar deste conceito ser considerado abstrato e de difícil definição.

Mas qual a importância de se investigar o que as crianças pensam a respeito de Saúde? Para avançar em conhecimento que promova o bem-estar desta criança e a auxiliar em suas descobertas, amparando e acolhendo suas percepções. E promovendo efetivamente sua Saúde em “um estado de completo bem-estar físico, mental e social (OMS, 1947).

5.5 Validação do PE com as auxiliares e as professoras

Nos apêndices R e S estão apresentadas os resultados das entrevistas semiestruturadas com as auxiliares e as professoras, referente às validações dos PEs.

O discurso das auxiliares e professoras das turmas de três anos relatou a adequação do vídeo-animação para a faixa etária, ao currículo da EI (segundo as professoras) e que poderia ser proposto também para as turmas de pré-escolar e até para as crianças de um ano de idade, pelo tempo de duração do vídeo de um minuto e trinta segundos, como relata a professora Suelen:

O vídeo é uma proposta para a educação infantil mesmo, de verdade. Vai dá para as criancinhas pequenas entenderem bem. E vai ajudar bastante, né? Eu acho que não só também para as crianças da creche, acho que até com os *maioresinhos* também, porque tá numa linguagem acessível, tá legal. Com os bebês de um ano, também acho que dá. E vai ser uma ferramenta, também, diferente *pra* gente. Crianças falando, não é o adulto impondo nada *pra* elas. Com certeza está de acordo com a educação infantil. Aborda questões que costuma abordar mesmo no currículo.⁴¹

Esta não-imposição do adulto, na figura das crianças no vídeo-animação relembra Paulo Freire (1983) quando fala do amor ao educar:

Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais. Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita (Paulo Freire, 1983, p. 15)

O profissional da EI necessita deste olhar amoroso e responsável. As crianças aprendem com os adultos, mas também gostam de aprender com as crianças. E quando a aprendizagem é compartilhada com um adulto, este compartilhar nunca deve acontecer com desamor.

As auxiliares das três turmas perceberam a atenção das crianças no momento da visualização do vídeo-animação. Na turma 31, as auxiliares realizaram várias observações:

⁴¹ Entrevista concedida pela professora Suelen. Segunda entrevista. Validação dos PEs. [Outubro/2023]. Entrevistadora: Lenine Bandeira. Duque deCaxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice S desta dissertação.

Achamos o vídeo interessante, com certeza. Essa questão de ir ao banheiro, fazer cocô e xixi e ter que se limpar, aqui acontece demais. Foi bom *pra* reforçar, porque a gente fala isso todo dia! Se a gente não fala, eles não se limpam. E lavar a mão.

E dá *pra* fazer atividade com o vídeo.

As crianças ficaram focadas no vídeo, acharam interessante. (*Comunicação verbal*)⁴²

A validação com as profissionais legitimou a importância do PE1, confirmando a peculiaridade de uma proposta de vídeo direcionada à EI, etapa importante para o processo de formação humana.

Na próxima seção, as orientações pedagógicas relacionadas ao PE serão apresentadas.

5.6 Orientações pedagógicas com base no vídeo-animação

As orientações pedagógicas organizadas têm seu início e aqui destaca-se a palavra início pois não há pretensão de imposição, de material acabado e perfeito em suas orientações pedagógicas.

O PE apresentou a percepção do coletivo da creche a respeito dos conceitos de limpo e sujo enredados aos conteúdos e assuntos imprescindíveis ao projeto de Higiene apontados pelas professoras na primeira entrevista da coleta de dados. As percepções do coletivo da creche em uma visão antropológica foram organizadas de maneira que devolvesse essas percepções em um formato pedagógico com os conteúdos e conceitos reunidos de maneira que as orientações fizessem sentido para as crianças pequenas e despertasse o pensamento a respeito de como o sujo se tornaria limpo ou se pelo menos existisse tal possibilidade. Pois o sujo faz parte do cotidiano, da vida.

Por entender o importante papel que o professor desempenha no processo de desenvolvimento intelectual e social da criança pequena, por concluir que o PE poderá favorecer reflexões e mudanças de conceitos, por considerar que os professores enfrentam um desafio persistente em despertar e manter o interesse das crianças pequenas na contramão de um consumo exacerbado e fugaz de

⁴² Entrevista concedida pelas auxiliares da turma 31. Entrevista de validação do PE1. [Outubro/2023]. Entrevistadora: Lenine Bandeira. Duque deCaxias / RJ. 1 arquivo, mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice S desta dissertação.

aparato tecnológico, foi proposto a elaboração de orientações pedagógicas, durante a produção do PE.

As orientações pedagógicas tratam-se de um arquivo em PDF (Portable Document Format) direcionadas às professoras da creche que são responsáveis pela organização e aplicação dos projetos propostos no decorrer do ano letivo.

A respeito do arquivo em formato PDF:

[...] Os PDFs são uma forma versátil de apresentar e trocar informações em formato de documento. [...]. A razão pela qual os PDFs permaneceram populares por duas décadas é que sua formatação é a mesma, independentemente do dispositivo ou software que você usa [...]. Outro benefício é que é possível reorganizar as páginas sem afetar o conteúdo das outras páginas do PDF. Não há distorção, por exemplo. (Davis, 2022. n.p.)

A estrutura das orientações pedagógicas foi pautada na estrutura da coleta de dados com algumas contribuições decorrentes da experiência da pesquisadora como professora da EI.

As orientações pedagógicas se consolidam como uma proposta de organização do currículo da EI na BNCC (Brasil, 2017) que compreende os direitos de aprendizagens e desenvolvimento da criança pequena: Conviver, participar, brincar, explorar e conhecer-se. Só fará sentido se a professora prover em seu planejamento ações que garantam esses direitos. Também, neste processo, a escuta e a fala é de fundamental importância para o desenvolvimento integral da criança pequena pelos campos de experiência previstos na BNCC (Brasil, 2017).

Com isso, as orientações, vão ao encontro de uma educação antropológica que leva em conta o indivíduo, a criança em sua totalidade, com seus diferentes saberes culturais sem jamais classificar um modo de ver e viver como superior ou inferior.

A metodologia de validação das orientações será explicitada na próxima subseção.

5.7 Metodologia de Validação das orientações pedagógicas

A estrutura da validação obedeceu à seguinte ordem para as professoras das três turmas de três anos (turmas 31, 32 e 33): (1) apresentação do documento em

PDF impresso com sugestões de orientações e atividades pedagógicas; (2) entrevista semi-estruturada com as professoras.

A entrevista semiestruturada foi relacionada com o conteúdo do documento em PDF contendo orientações pedagógicas direcionadas às professoras para a escuta das sugestões e se as orientações e atividades propostas foram pertinentes ao trabalho com as crianças pequenas.

Durante a validação, foi preparada uma sala para que as professoras tivessem liberdade para comentar a respeito das propostas. A entrevista foi gravada e o roteiro para a entrevista semiestruturada de validação com as professoras está apresentado no apêndice F.

O contexto de validação do Produto Educacional foi o mesmo *lôcus* da pesquisa, uma creche pertencente ao município de Duque de Caxias / RJ.

Na próxima subseção, os resultados e discussões a respeito das orientações pedagógicas serão apresentados.

5.8 Resultados e Discussões da Validação das orientações pedagógicas

As professoras das turmas de três anos realizaram suas colocações referentes ao PE2 após assistirem ao vídeo-animação:

Professora Gislaine B.:

A proposta está adequada para a educação infantil, para essa faixa etária dos zero aos três anos. Acredito que até as crianças de quatro a cinco anos também consiga utilizar a mesma proposta, as turmas maiores de quatro e cinco anos, talvez acrescentem atividades do interesse próprio da turma. Mas para as turmas de dois e três anos daqui da creche está bem legal e bem adequado com os que eles costumam fazer aqui mesmo. Atividades individuais, coletivas, organização na roda de conversa para desenvolvimento da linguagem percepção visual com a questão do vídeo, desenvolvimento da atenção, concentração. Tá bem legal mesmo, se estivesse ruim, eu falaria com certeza! (risos)

Professora Daniela:

Eu acho que pode ser um complemento a orientação pedagógica, mas o vídeo por si só já, né? Dá conta.

Professora Suelen:

O suporte pedagógico também, ele dá uma direção. E até, por exemplo, a gente tá pensando em fazer uma atividade, lê o suporte pedagógico, já abre um leque. Então o suporte pedagógico foi importante. Pode trocar com as outras professoras também.

Os discursos das professoras demonstraram que as orientações pedagógicas expressas no documento em PDF estão adequadas para a EI. Tanto para os bebês de um ano como para as crianças pequenas de cinco anos. Há também o destaque para a individualidade e interesse de cada turma.

As orientações podem ser utilizadas como complemento ao vídeo e permitem o surgimento de novas possibilidades de propostas de atividades para a professora interessada nas orientações pedagógicas. Há , também, possibilidades para novas criações.

Furman (2009, p. 7) amplia o debate para este “abrir de leque” que a professora Suelen menciona: “Os professores de Ciências Naturais têm a oportunidade de serem os artífices daquilo que Eleanor Duckworth, pioneira na didática em Ciências, chamou de “ideias maravilhosas”: esses momentos inesquecíveis nos quais, quase inesperadamente, nos surge uma ideia que expande nossos horizontes e nos ajuda a enxergar mais longe.”

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ser abordado o tema a respeito das percepções das crianças pequenas em um contexto coletivo educativo do que seja limpo e sujo, foi possível auxiliar na tentativa de valorização do aporte cultural das crianças e do que elas pensam a respeito de determinado conceito, além de dar voz a essas crianças pequenas. Mas a pretensão não é concluir o assunto, mas abrir caminho para um contínuo processo de reflexão.

Foi evidenciado que ao trazer a perspectiva antropológica como método de aprendizagem para crianças pequenas (conceitos clássicos na antropologia, tais quais relativismo cultural, etnocentrismo e a própria abordagem cultural sobre Saúde) absorvida no cotidiano da creche, favoreceu a compreensão do que as crianças na Educação Infantil pensam e sempre têm algo a dizer a respeito de conceitos e poder-se-á conhecê-las em sua profundidade e essência.

A educação das crianças pequenas também passa pela formação e pela apropriação cultural. Na coletividade, as crianças se configuram, se impregnam de sentidos. Suas vidas também são singulares, porque cada uma tem uma vida, percepções e saberes. Mas elas também são o coletivo, o plural. Compartilham com os demais os sentimentos, as ideias, onde moram e como se vestem. É na convivência que acontece esta teia de significados. E são as profissionais da EI que devem acolher estas diferentes vivências, comprometidas com suas próprias experiências culturais e com as experiências das crianças pequenas.

O PE (vídeo-animação: você sabe o que é limpo e o que é sujo? Nós vamos te contar”) e as orientações pedagógicas direcionadas aos profissionais da EI), na validação com as profissionais participantes da pesquisa, foram vislumbrados como facilitadores na compreensão dos conceitos por intermédio da animação produzida e pela linguagem direcionada às crianças pequenas de três a quatro anos de idade.

A participação das crianças com seus desenhos e falas demonstrou muita riqueza em detalhes e conhecimento muito específico e individual a respeito dos conceitos apresentados. Portanto, as crianças apresentam percepções de sua vida cotidiana e de tudo que os cerca. Elas são produtoras de culturas.

Os conceitos Infância, Saúde e Corpo foram vistos pelas profissionais como termos correlacionais e até, em alguns momentos, intrincados na relação com as crianças pequenas e no dia a dia da creche em meio ao trabalho com elas.

Estreitando o eixo infância, foi evidenciado que a criança precisa brincar e a alegria de viver deve acompanhá-la nestes momentos. Saúde é cuidado, é vida latente. O Corpo é movimento e também higiene e o corpo da criança se expressa de tal forma que é preciso ter um olhar atento para esta linguagem.

Revela-se que o conceito Saúde e suas implicações no processo ensino-aprendizagem não foi abordado nos estudos de formação inicial e continuada com as professoras. Mas elas se esmeram em buscar conhecimento e realizam sua formação continuada: pesquisam e compartilham saberes.

A respeito da formação profissional de EI, tanto para as professoras como para as auxiliares, vem ocorrendo a passos bem curtos e nem sempre disponível a todas. Quando há eventos: seminários, congressos, rodas de conversas, é solicitado representações para a unidade, restringindo a participação a uma ou duas profissionais. Outro ponto que tem gerado muito desconforto, segundo as auxiliares, é a obrigatória participação em formações durante o recesso escolar no mês de julho. Visto por elas como uma forma de punição e cerceamento do descanso previsto no calendário escolar.

Neste ano de 2023, foi exigido o Ensino Médio (a nível de formação de professores) como pré-requisito para atuação como auxiliares (ADEBs), um ponto que foi colocado no início da pesquisa como sendo impedidor de crescimento profissional e formação para as auxiliares da EI. Pois a precariedade na formação desvaloriza e abre precedentes para baixos salários e precarização de seu trabalho, que é tão importante e honroso, bem como das professoras regentes de turma. Todas, sem exceção, necessitam de uma formação dialética, entre teoria é prática.

Por fim, mas não menos importante, os conceitos de limpo e sujo antes e após a validação do PE na escola, também foram comparados pelo coletivo da creche à ordem/desordem; organização/desorganização.

Foi evidenciado que mesmo após dois anos de projeto a respeito de higiene, no qual as crianças pequenas permanecem na creche e participam das atividades propostas, os conceitos de limpo e sujo são assimilados, elaborados e reformulados a partir das suas vivências, do seu aporte cultural. Elas são agentes ativos de sua aprendizagem, entendem toda a proposta da rotina do projeto desenvolvido na creche, mas também são capazes de ressignificar e criar suas próprias opiniões e conclusões a respeito destes conceitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____. Secretaria Municipal de Educação. **Regimento Escolar das unidades escolares do Município de Duque de Caxias**. Duque de Caxias, RJ, 2012.

Animações em Flat desgin. **8 milímetros**, 2018. Disponível em: <https://www.8milímetros.com.br/animacoes-em-flat-design/#:~:text=Flat%20design%2C%20ou%20design%20plano,como%20sombras%2C%20efeitos%20ou%20profundidade>. Acesso em: 15 jul. 2023.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2021.

BANDEIRA, L. C. SANTOS, B. B. Vídeo-animação: Você sabe o que é limpo e sujo? Vamos falar sobre isso. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z8Q4zuDLVFg&t=20s>. Acesso em: 10 nov. 2023.

BARATA, Erlon Rodolfo Viegas et al. Ponderações de licenciandos sobre as relações ciência, tecnologia e sociedade a partir da mediação do curta-metragem de animação “man”. **Revista de Educação, Ciências e Matemática**. Vol.9, n 3, 2019. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/recm/article/view/5194>. Acesso em: 10 jun. 2023

BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Tereza; SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Tradução: Cristina Maria de Oliveira; Porto Alegre: Artmed, 1999.

BÉDARD, Nicole. **Como interpretar o desenho das crianças**. Tradução: Maria Lúcia de Carvalho Accacio. 1. ed. São Paulo: ISIS, 2021.

BERTONCELI, M. A roda de Conversa como Gênero Discursivo. **Ideação**. v. 18, n. 2, p. 87–110, 2018. DOI: 10.48075/ri.v18i2.19407. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/19407>. Acesso em: 16 nov. 2022.

BOGDAN, R. C. & BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e métodos. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL, CAPES. **Documento de Área – Ensino**. Brasília, 2019a. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ENSINO.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2023.

BRASIL, CAPES. **Grupo de trabalho Produção Técnica**. Brasília, 2019b. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/10062019-producao-tecnica-pdf>. Acesso em: 22 mai. 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Faria, Ivan Dutra, Monlevade, João Antônio Cabral. Módulo 12: **Higiene, segurança e educação**. –

Brasília : Universidade de Brasília, 2008. 75 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/higiene.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental; v1, 1998.

BRASIL. Ministério da educação e do Desporto. **Revisão do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: CNE/CEB. Parecer 20/2009, 2009.

BUSS-SIMÃO, Márcia. Antropologia da Criança: uma revisão da literatura de um campo em construção. **Revista Teias**, v.10, n. 20, julho de 2009.

DOI: 10.12957/teias. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24077>. Acesso em: 15 out. 2022.

BUSS-SIMÃO, Márcia. **Infância, corpo e educação na produção científica brasileira (1997-2003)**. 2007. 224f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/90234>. Acesso em: 18 ago. 2022.

BUSS-SIMÃO, Márcia. Corpo e Infância nas pesquisas em educação infantil: trajetórias do Nupein. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. 44, p. 1540-1574, jul./dez., 2021. Universidade Federal de Santa Catarina. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2021.e82296>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/82296>. Acesso em: 23 jun. 2022.

CAMARGO, *et. al.* **Significado de saúde e doença para crianças: revisão integrativa**. In: Gonçalves, Andrade & Silva (Orgs). Promoção da saúde na educação básica e a licenciatura em enfermagem. São Paulo. Iglu. 2016. DOI: 10.11606/9788574942261. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/download/108/91/452?inline=1>. Acesso em: 02 mar. 2023.

CAMPOS, J. V. **Indicadores para o design de animações com foco na transmissão de informação**. 284 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

CANESQUI, Ana Maria. Notas sobre a produção acadêmica de Antropologia e Saúde na década de 80. In: ALVES, P. C.; MINAYO, M. C. (orgs). **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994. E-book.174 p. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788575412763>. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/tj4g>. Acesso em 12 dez. 2022.

CERISARA, Ana Beatriz. “Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil?” **Revista Perspectiva: Revista do centro de ciências da educação**. Florianópolis, v. 17, n. especial, p. 11-21, jul./dez. 1999. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>.

Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10539>. Acesso em 20 out. 2022.

CHAMBOULEYRON, Rafael. **Jesuítas e as crianças no Brasil quinhentista**. In: PRIORE, M. del (Org.). História das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 2009.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 2005.

COSTA, E. G.; ALMEIDA, A. C. P. C. Ensino de Ciências na educação infantil: Uma proposta lúdica na abordagem ciência, tecnologia e sociedade (CTS). **Ciência & Educação**, Bauru, v.27, e21043, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/YXgySDyprZJXPQJg76T6fNn/#>. Acesso em: 25 jun. 2022.

DAVIS, Alexa. O que é um PDF: Entendendo o Formato. **PDFCandy**, 27 dezembro 2022. Disponível em: <https://pdfcandy.com/pt/blog/o-que-%C3%A9-um-pdf-entendendo-o-formato.html>. Acesso em: 10 out. 2023.

DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. In: MINAYO (ORG). 29 edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo: ensaio sobre a noção de poluição e tabu**. Tradução: Sônia Pereira da Silva. Lisboa: Edições 70, 1991.

FARIA, Clarice Estabanez de Chaves. **Políticas Públicas de Educação Infantil no município de Duque de Caxias RJ : de 2007 a 2017. 2018**. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.btd.uerj.br:8443/handle/1/10496>. Acesso em 24 abr. 2022.

FARIA, Cristiane Aparecida Gomes. **Design da animação no Brasil: um censo demográfico [manuscrito]**. Belo Horizonte, 2015. 173 f.

FELIPE, Jane. **O desenvolvimento infantil na perspectiva sociointeracionista: Piaget, Vygotsky e Wallon**. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. C. (Orgs.). Educação Infantil – pra que te quero? São Paulo: Editora Artmed, 2007. p. 27-38.

FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti. **A educação coletiva do pequeno cidadão de zero a três anos**. In: Revista Criança. MEC. dez., n. 46. 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=3668-revistacrianca46&category_slug=fevereiro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso: 01. set. 2023.

FIGUEIREDO, Tiago Dziekaniak. **Pesquisa qualiquantitativa: Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)**. You Tube, 17 abr. 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=krBbftIlevg&t=21s>. Acesso em: 01 dez. 2022.

FLORENTINHO, Manolo; GÓES, José Roberto. **Crianças escravas, crianças dos escravos**. In: PRIORE, M. del (Org.). História das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Trad. Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983. Disponível em: <https://construindoumaprendizado.files.wordpress.com/2012/12/paulo-freireeducacaoe-mudanca-desbloqueado.pdf>. Acesso em: 25 out. 2023.

FURMAN, Melina. **O ensino de Ciências no Ensino Fundamental: colocando as pedras fundacionais do pensamento científico**. Brasil: Sangari, 2009. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/marco2012/ciencias_artigos/10pedras_fundacionais.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.

GONZAGA, L. L. Precariedade, Improvisação e Espírito de Corpo: Representações sociais discursivas de professores da educação básica acerca da sua práxis no contexto da pandemia da covid-19. **Revista Prática Docente**, [s. l.], v. 5, n. 3, p. 1999-2015, 2020. doi: 10.23926/rpd.2526-2149.2020.v5.n3.p1999-2015.id860. disponível em: <http://periodicos.cfs.ifmt.edu.br:443/periodicos/index.php/rpd/article/view/860>. acesso em: 29 nov. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

HOLANDA, Sergio Buarque de, **Raízes Do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KRAMER, Sonia. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1998.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. In: Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – perspectivas atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/mod/resource/view.php?id=497687&forceview=1>. Acesso em: 20 set. 2023.

LACERDA, A. R. A. **A literatura infantil e o ensino de ciências para crianças: despertando curiosidades**. 2020. 190 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências). Universidade do Grande Rio, Duque de Caxias, 2020. Disponível em: <http://www2.unigranrio.br/prof-incrivel/produtos-educacionais/docs/2020/Ariana/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20A%20Literatura%20Infantil%20e%20o%20Ensino%20de%20Ci%C3%A7ncias%20para%20Crian%C3%A7as%20Despertando%20Curiosidades.pdf>. Acesso em: 05 de mai. 2022.

LANGDON E.J., WIIK F.B. Antropologia, Saúde e Doença: Uma introdução ao conceito de cultura aplicado às ciências da saúde. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. Maio-jun 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692010000300023>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/5RwbrHQkrZ4X7KxNrhwjTB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 27 abr. 2022.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Tradução: Fábio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis, Vozes, 2011.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. O sujeito coletivo que fala o que fala. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**. v.10, n.20, p. 517-524, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s141432832006000200017&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 29 nov. 2022.

LEFÈVRE, Fernando. **Análise do Discurso do Sujeito Coletivo: Limites e possibilidades**. Youtube, 1 out. 2021. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=4KB_j5R7WaY&t=2273s. Acesso em: 01 dez. 2022.

LEFÈVRE, Fernando, LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti e MARQUES, Maria Cristina da Costa. Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2009, v. 14, n. 4. pp. 1193-1204. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000400025>. Epub 27 Out 2009. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000400025>. Acesso em: 06 dez. 2022.

LIMA, K. A.; COSTA, F. N. A. Educação em Saúde e pesquisa qualitativa: relações possíveis. **Alimentação e Nutrição**, v. 16, n. 1, p. 33-38, jan-mar/ 2005. Disponível em: <https://silo.tips/download/educaao-em-saude-e-pesquisa-qualitativa-relaoes-possiveis>. Acesso em: 28 jun. 2022.

LOPES, Karina Rizek, Roseana Pereira Mendes, Vitória, Líbia Barreto de Faria, organizadoras. **Livro de estudo: Módulo III, Coleção PROINFANTIL**. Unidade 1. Vol. 2. Brasília. MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2006.

MAGALHÃES, Marcos. **Cartilha Anima Escola: Técnicas de animação para professores e alunos**. IDEIA - Instituto de Desenvolvimento, Estudo e Integração pela Animação. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2017/06/animaescola_cartilha2015_web-compressed.pdf. Acesso em: 25 jun. 2022

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Construção da identidade da antropologia na área de saúde: o caso brasileiro. In; ALVES, PC., RABELO, MC. (orgs). **Antropologia da saúde: traçando identidade e explorando fronteiras**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998. E-book. 248 p. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788575414040>. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/by55h>. Acesso em 22 dez. 2022.

MORAES, . S. V. de; LIMA, . A. de; CARVALHO, . M. P. de. Em defesa da atividade de professores e crianças: reflexões sobre a iniciação às ciências na educação infantil. **Perspectiva**, [S. l.], v. 39, n. 1, p. 1–19, 2020. DOI: 10.5007/2175-795X.2021.e62052. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/62052>. Acesso em: 21 out. 2023.

MORÁN, José Manuel. **Leituras dos Meios de Comunicação**. São Paulo, Ed. Pancast, 1993.

MONTANDON, Cléopâtre. **Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa**. Tradução: Neide Luzia de Rezende. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 112, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/sdJPPzYbpq6NBY75YhdNwdr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2023.

MUNIZ, Tiago Silva Alves. Pesquisa-ação em uma escola sócio-construtivista: as relações humano-natureza no ensino de ciências. **Revista Sustinere**, v. 4, n. 2, p. 187 - 220, jan. 2017. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/article/view/24977>. Acesso em: 02 nov. 2022.

PASSETTI, Edson. **Crianças carentes e políticas públicas**. In: PRIORE, M. del (Org.). História das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 2009.

RIGUETTI, Márcia. **As mãos das crianças são o caminho para descobrir o mundo**. Aldeia Montessori, 23 abr. 2014. Disponível em: <https://aldeiamontessori.com.br/maos-das-criancas-sao-o-caminho-para-descobrir-o-mundo/#:~:text=assim%2c%20s%c3%a3o%20as%20m%c3%a3os%20da,se%20construindo%2c%20forma%20o%20adulto>. Acesso em: 05 out. 2023.

ROSA, Marcia Prado Amaral *et al.* Ensino em Ciências na Educação Infantil e nos Anos Iniciais: Panorama das Pesquisas Divulgadas na Década de 2007-2017 no Enpec. **Revista de Educação, Ciências e Matemática**. Vol.10, n 1, 2020. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/recm/article/view/5274/3174>. Acesso em: 10 mai. 2022.

ROSEMBERG, F. **Panorama da Educação Infantil brasileira contemporânea. Simpósio Educação Infantil: construindo o presente**. Anais. – Brasília: UNESCO Brasil, 2003a. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000131340>. Acesso em: 05 jan. 2023.

SACRISTÁN, J. G. **O aluno como invenção**. Trad. Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SANTOS, A. C. B. dos. et. al. Antropologia da saúde e da doença: contribuições para a construção de novas práticas em saúde. **Rev. NUFEN**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 11-21, dez. 2012. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912012000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 fev. 2023.

SANTOS, Marco Antônio Cabral dos. **Criança e criminalidade no início do século**. In: PRIORE, M. del (Org.). História das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Ana Tereza Vital. **Roda de conversa como metodologia para partilha de saberes docentes**. 2020. 132 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências) – Instituto de Ciências Exatas e Biológicas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2020. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/13104>. Acesso em: 5 mai. 2022.

SOUSA, L. E. de; PIRES, F. F. Entendeu ou quer que eu desenhe? Os desenhos na pesquisa com crianças e sua inserção nos textos antropológicos. **Horiz. Antropol.**, Porto Alegre, ano 27, n. 60, p. 61-93, maio / ago. 2021. ISSN 0104-7183. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832021000200003>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/horizontesantropologicos/issue/view/4417/954>. Acesso em: 02 nov. 2022.

SOUZA, M. N. C. Pensando em ordem/ caos na feira-livre: notas sobre o higiênico, o “limpo/ sujo” e o improvisado. **Cadernos do tempo presente**, n. 21, p. 98-106. set./ out. 2015. DOI: <https://doi.org/10.33662/ctp.v0i21.4604>. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/4604>. Acesso em: 29 mai. 2023.

SOUZA, Mauricio Rodrigues de. Por uma educação antropológica: comparando as idéias de Bronislaw Malinowski e Paulo Freire. **Revista Brasileira de Educação**. 2006, v. 11, n. 33, pp. 487-496. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782006000300009>. Epub 23 Jan 2007. Acesso em: 02 nov. 2022.

SABBAG, Samantha. **“Porque a gente tem um corpo né... mas a gente só lembra do corpo quando ele dói!”: A centralidade do corpo adulto nas relações educativas na Educação Infantil**. 2017. 248f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/182792>. Acesso em: 5 jan. 2023.

SAYÃO, Déborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil: um estudo de professores em creche**. 2005. 274 f. (Tese de Doutorado). PPGE/UFSC. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106572?show=full>. Acesso em: 15 jan. 2023.

TRIVIÑOS, J. C.. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VARGAS, A. V.; PEREIRA, A. V.; MOTTA, A. R. M. Reflexões sobre as rodas de conversa na educação infantil. **Zero a seis**. v. 18, n. 33, p. 122-143. jan-jun / 2016. DOI: DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2016v18n33p122>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2016v18n33p122>. Acesso em: 02 nov. 2022.

VIGARELLO, George. **O limpo e o sujo**. Lisboa. Ed. Fragmentos. 1988.

ZAGO, R. L. F.. **Subjetividade: representação social da família**. Revista Eletrônica Gestão & Saúde Vol.04, Nº. 03, Ano 2013 p.786-00. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/316>. Acesso em: 03 mai. 2023.

ANEXOS

Anexo 1

UNIVERSIDADE DO GRANDE
RIO PROFESSOR JOSÉ DE
SOUZA HERDY - UNIGRANRIO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Infância, saúde e corpo: uma abordagem antropológica sobre Saúde e produção dos conceitos de limpo / sujo na creche.

Pesquisador: LENINE BANDEIRA DA COSTA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 69290223.6.0000.5283

Instituição Proponente: "Universidade do Grande Rio "Professor José de Souza Herdy" -

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.063.845

Apresentação do Projeto:

De acordo com o responsável pela pesquisa, "realizando um movimento inverso a projetos assistencialistas sobre o tema higiene desenvolvidos por anos nas turmas de educação infantil, o tema de pesquisa surgiu primeiramente, como necessidade de entender o que as crianças pequenas pensam a respeito dos conceitos de limpo e sujo na creche. E com o entendimento de que esses conceitos precisam ser explicitados a essas crianças pequenas (3 e 4 anos de idade) pois o desconhecimento destes conceitos impactam na saúde de seus corpos, possibilitando o surgimento de novas doenças. A proposta é trazer a perspectiva antropológica como método de aprendizagem para crianças pequenas, absorvidas no cotidiano da creche. Com essa investigação, pretende-se criar o produto educacional em formato de animação intitulado "As percepções das crianças pequenas a respeito do limpo e sujo".

Dessa forma buscar-se-á, através do objetivo primário: criar uma animação que contemple as análises a respeito da vivência e do processo de significação das noções de "limpo" / "sujo" na creche por parte de seus agentes: crianças, professoras e ADEBs, no contexto educativo coletivo.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Criar uma animação que contemple as análises a respeito da vivência e do processo de significação das noções de limpo / sujo na creche por parte de seus agentes: crianças, professoras e auxiliares,

Endereço: Rua Prof. José de Souza Herdy, 1160

Bairro: 25 de Agosto

CEP: 25.071-202

UF: RJ

Município: DUQUE DE CAXIAS

Telefone: (21)2672-7733

Fax: (21)2672-7733

E-mail: cep@unigranrio.com.br

UNIVERSIDADE DO GRANDE
RIO PROFESSOR JOSÉ DE
SOUZA HERDY - UNIGRANRIO



Continuação do Parecer: 6.063.845

no contexto educativo coletivo.

Objetivo Secundário:

(i) Analisar as produções dos conceitos de Infância, Saúde e Corpo executados na creche a partir das atividades propostas e rotinas diárias;(ii) analisar as produções dos conceitos de limpo e sujo;(iii) apontar os pressupostos teóricos antropológicos nos conceitos fundamentais de Infância, Saúde e Corpo, traçando um diálogo no contexto da creche.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: "Considera-se que toda pesquisa com seres humanos apresenta riscos. Os participantes podem se sentir julgados, avaliados, obrigados a participar e até mesmo constrangidos pois pesquisa pode gerar constrangimentos. Na participação das profissionais da creche e das crianças pequenas poderá surgir o cansaço e desconforto ao responder às perguntas ou desinteresse na participação dos grupos nas rodas de conversa.Os caminhos

para diminuir tais riscos serão as conversas com os sujeitos e o convite realizado com respeito e seriedade, falando-lhes a respeito do motivo de escolha das profissionais para participar da pesquisa, visto que são detentoras e agentes ativas na aplicação de ideias e saberes importantes e norteadores para uma busca de entendimento da realidade, da rotina, dos dilemas, do cotidiano vivo que há quando atuamos na Educação Infantil com crianças pequenas.Será ofertado um lugar adequado, onde as profissionais e crianças sintam-se à vontade para participar da pesquisa. E atentando para sinais de desconfortos em situações ou perguntas, fazendo adaptações de forma a romper com a insegurança. A pesquisadora poderá pular a pergunta e propiciar outra situação mais confortável aos sujeitos da pesquisa nas diferentes atividades realizadas.Em se tratando de crianças pequenas, se alguma criança chorar ou externar sua vontade de não participar, haverá conversa com a criança no sentido de entender seu desconforto e haverá auxílio das profissionais da creche para assegurar o acolhimento de que a criança necessita no momento.O que se

deixará claro para todos os sujeitos e os responsáveis das crianças pequenas que juntos, seguiremos pelo caminho de conhecer para transformar. E que não haverá obrigatoriedade de participação na pesquisa. Também serão informadas de que não haverá problema, caso optem por não participarem. E mesmo para aqueles que decidiram participar durante os trabalhos iniciais, em qualquer momento da pesquisa poderão optar por deixar de participar. A mesma conversa será dirigida aos responsáveis das crianças pequenas participantes da pesquisa."

Benefícios:

*Os benefícios relacionados com a participação dos voluntários serão: colaborar para a formação

Endereço: Rua Prof. José de Souza Herdy, 1160
Bairro: 25 de Agosto CEP: 25.071-202
UF: RJ Município: DUQUE DE CAXIAS
Telefone: (21)2672-7733 Fax: (21)2672-7733 E-mail: cep@unigranrio.com.br

UNIVERSIDADE DO GRANDE
RIO PROFESSOR JOSÉ DE
SOUZA HERDY - UNIGRANRIO



Continuação do Parecer: 6.063.845

profissional da pesquisadora e dos próprios sujeitos participantes da pesquisa, contribuir para a prática do Ensino na Educação Infantil com as crianças pequenas ao trazer a perspectiva antropológica como método de aprendizagem para crianças pequenas, absorvida no cotidiano da creche."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O tema da pesquisa é interessante e está bem delimitado. Apresenta caminhos metodológicos adequados com os objetivos. Por se tratar de uma pesquisa dentro de um espaço sensível, uma creche, a pesquisadora sugere acompanhamento de profissionais em caso de algum desconforto por parte dos participantes da pesquisa, especialmente as crianças.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos apresentados são: Brochura da pesquisa, termo de confidencialidade, TCLE para cada grupo a ser entrevistado, carta de anuência, autorização de imagem, roteiros das oficinas e orçamento e o projeto detalhado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Indica-se a aprovação do projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2089311.pdf	28/03/2023 21:24:15		Aceito
Outros	termo_confidencialidade.pdf	28/03/2023 21:21:48	LENINE BANDEIRA DA COSTA	Aceito
Outros	autorizacao_uso_imgs_depts_professoras_auxiliares.pdf	28/03/2023 21:20:30	LENINE BANDEIRA DA COSTA	Aceito
Outros	autorizacao_uso_imgs_depts_responsaveis_crianças.pdf	28/03/2023 21:19:33	LENINE BANDEIRA DA COSTA	Aceito
Outros	roteiros_oficina_rc_entrevistas.pdf	28/03/2023 21:17:48	LENINE BANDEIRA DA COSTA	Aceito
Outros	carta_de_anuencia.pdf	28/03/2023 21:14:23	LENINE BANDEIRA DA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_professoras.pdf	28/03/2023 21:13:09	LENINE BANDEIRA DA COSTA	Aceito

Endereço: Rua Prof. José de Souza Herdy, 1160

Bairro: 25 de Agosto

CEP: 25.071-202

UF: RJ

Município: DUQUE DE CAXIAS

Telefone: (21)2672-7733

Fax: (21)2672-7733

E-mail: cep@unigranrio.com.br

UNIVERSIDADE DO GRANDE
RIO PROFESSOR JOSÉ DE
SOUZA HERDY - UNIGRANRIO



Continuação do Parecer: 6.063.845

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_auxiliares.pdf	28/03/2023 21:12:18	LENINE BANDEIRA DA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_responsaveis.pdf	28/03/2023 21:11:37	LENINE BANDEIRA DA COSTA	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	28/03/2023 21:10:33	LENINE BANDEIRA DA COSTA	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	28/03/2023 21:07:25	LENINE BANDEIRA DA COSTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_pesquisa_LenineBandeira_cep.pdf	28/03/2023 21:01:27	LENINE BANDEIRA DA COSTA	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto.pdf	28/03/2023 20:46:47	LENINE BANDEIRA DA COSTA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

DUQUE DE CAXIAS, 17 de Maio de 2023

Assinado por:
SERGIAN VIANNA CARDOZO
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Prof. José de Souza Herdy, 1160

Bairro: 25 de Agosto

CEP: 25.071-202

UF: RJ

Município: DUQUE DE CAXIAS

Telefone: (21)2672-7733

Fax: (21)2672-7733

E-mail: cep@unigranrio.com.br

Anexo 2

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

(De acordo com as normas da Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde de 12/12/2012)

Prezado (a) responsável, seu (a) filho (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada **“Infância Saúde e Corpo: Uma abordagem antropológica sobre Saúde e produção dos conceitos de limpo / sujo na creche.”**. O motivo da escolha deve-se ao fato de que precisamos entender como as crianças pequenas pensam a respeito dos conceitos limpo e sujo.

Importante esclarecer que a participação não é obrigatória e a qualquer momento você pode solicitar a não participação de seu filho e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição lócus da pesquisa.

Os objetivos deste estudo constituem em: analisar as produções dos conceitos de Infância, Saúde e Corpo executados na creche a partir das atividades propostas e rotinas diárias; analisar as produções dos conceitos de limpo e sujo vigentes; apontar os pressupostos teóricos antropológicos nos conceitos fundamentais de Infância, Saúde e Corpo, traçando um diálogo no contexto da creche.

A participação de seu (a) filho (a) nesta pesquisa consistirá em participar de oficinas e rodas de conversas a respeito do tema proposto.

Os riscos relacionados com a participação de seu (a) filho (a) será a possibilidade de cansaço e desconforto. Os benefícios relacionados com a participação são: contribuir para a prática do Ensino na Educação Infantil e à aprendizagem das crianças pequenas; colaborar para a formação profissional da pesquisadora e dos sujeitos participantes da pesquisa e ajudar a desenvolver o produto educacional em formato de animação intitulada **“As percepções das crianças pequenas a respeito do limpo e sujo”**.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o total sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, desta forma serão utilizados nomes fictícios para identificação dos respondentes das entrevistas e coleta de dados.

Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com o (a) senhor (a), podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento, com os pesquisadores responsáveis **Lenine Bandeira da Costa** e **Beatriz Brandão dos Santos** no e-mail leninebandeira@gmail.com ou no telefone (21) 98914-4352.

Lenine Bandeira da Costa
Pesquisador Responsável

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNIGRANRIO, localizado na Rua Prof. José de Souza Herdy, 1160 – CEP 25071-202 TELEFONE (21).2672-7733 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: cep@unigranrio.com.br

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 20_____.

Responsável pela criança participante da pesquisa

Anexo 3

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

(De acordo com as normas da Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde de 12/12/2012)

Prezado (a) Auxiliar de desenvolvimento da Educação Básica, você está sendo convidado para participar da pesquisa intitulada **"Infância Saúde e Corpo: uma abordagem antropológica sobre Saúde e produção dos conceitos de limpo / sujo na creche."** O motivo da sua escolha deve-se ao fato de auxiliar e atuar juntamente com as crianças pequenas da turma de 3 anos.

Importante esclarecer que a sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição lócus da pesquisa.

Os objetivos deste estudo constituem em: analisar as produções dos conceitos de Infância, Saúde e Corpo executados na creche a partir das atividades propostas e rotinas diárias; analisar as produções dos conceitos de limpo e sujo vigentes; apontar os pressupostos teóricos antropológicos nos conceitos fundamentais de Infância, Saúde e Corpo, traçando um diálogo no contexto da creche.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder à associação livre de palavras e participar de rodas de conversas e entrevistas.

Os riscos relacionados com sua participação é a possibilidade de cansaço e desconforto ao responder às perguntas. Os benefícios relacionados com a sua participação são: contribuir para a prática do Ensino na Educação Infantil e à aprendizagem das crianças pequenas; colaborar para a formação profissional da pesquisadora e dos sujeitos participantes da pesquisa e desenvolver o produto educacional em formato de animação intitulado "As percepções das crianças pequenas a respeito do limpo e sujo".

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o total sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, desta forma serão utilizados nomes fictícios para identificação dos respondentes das entrevistas e coleta de dados.

Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com o (a) senhor (a), podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento, com os pesquisadores responsáveis **Lenine Bandeira da Costa** e **Beatriz Brandão dos Santos** no e-mail leninebandeira@gmail.com ou no telefone (21) 98914-4352.

Lenine Bandeira da Costa
Pesquisador Responsável

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNIGRANRIO, localizado na Rua Prof. José de Souza Herdy, 1160 – CEP 25071-202 TELEFONE (21).2672-7733 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: cep@unigranrio.com.br

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 20_____.

Participante da pesquisa

Anexo 4



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(De acordo com as normas da Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde de 12/12/2012)

Prezado (a) professor (a), você está sendo convidado para participar da pesquisa intitulada **"Infância Saúde e Corpo: Uma abordagem antropológica sobre Saúde e produção dos conceitos de limpo / sujo na creche."** O motivo da sua escolha deve-se ao fato de ser professor (a) e atuar juntamente com as crianças pequenas da turma de 3 anos.

Importante esclarecer que a sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição lócus da pesquisa.

Os objetivos deste estudo constituem em: analisar as produções dos conceitos de Infância, Saúde e Corpo executados na creche a partir das atividades propostas e rotinas diárias; analisar as produções dos conceitos de limpo e sujo vigentes; apontar os pressupostos teóricos antropológicos nos conceitos fundamentais de Infância, Saúde e Corpo, traçando um diálogo no contexto da creche.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a questionários, entrevistas semiestruturadas e participar da roda de conversa a respeito da associação livre de palavras. Os riscos relacionados com sua participação é a possibilidade de cansaço e desconforto ao responder às perguntas. Os benefícios relacionados com a sua participação são: contribuir para a prática do Ensino na Educação Infantil e à aprendizagem das crianças pequenas; colaborar para a formação profissional da pesquisadora e dos sujeitos participantes da pesquisa e desenvolver o produto educacional em formato de animação intitulado "As percepções das crianças pequenas a respeito do limpo e sujo".

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o total sigilo sobre sua participação: Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, desta forma serão utilizados nomes fictícios para identificação dos respondentes das entrevistas e coleta de dados.

Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com o (a) senhor (a), podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento, com os pesquisadores responsáveis **Lenine Bandeira da Costa** e **Beatriz Brandão dos Santos** no e-mail leninebandeira@gmail.com ou no telefone (21) 98914-4352.

Lenine Bandeira da Costa
Pesquisador Responsável

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNIGRANRIO, localizado na Rua Prof. José de Souza Herdy, 1160 – CEP 25071-202 TELEFONE (21).2672-7733 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: cep@unigranrio.com.br

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 20_____.

Participante da pesquisa


Anexo 5

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu _____, CPF _____,
 RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos,
 procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente
 da necessidade do uso da imagem e/ou depoimento do meu / minha filho (a) menor
 _____, especificados no Termo de Consentimento
 Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, as pesquisadoras
Beatriz Brandão dos Santos e Lenine Bandeira da Costa do projeto de pesquisa
 intitulado **“INFÂNCIA, SAÚDE E CORPO: uma abordagem antropológica sobre Saúde
 e produção dos conceitos de limpo / sujo na creche.”** a realizar as fotos, vídeos,
 gravações de áudios que se façam necessárias e/ou a colher o depoimento do (a) meu /
 minha filho (a) sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos, vídeos, gravações de áudios e/ou
 depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em
 favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está
 previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da
 Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei
 N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo
 Decreto Nº 5.296/2004).

Duque de Caxias, _____ de _____ de 20_____.



 Pesquisador responsável pelo projeto

 Responsável pela criança participante da Pesquisa

Anexo 6

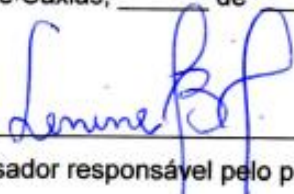


TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu _____, CPF _____,
 RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, as pesquisadoras **Lenine Bandeira da Costa e Beatriz Brandão dos Santos** do projeto de pesquisa intitulado **"INFÂNCIA, SAÚDE E CORPO: uma abordagem antropológica sobre Saúde e produção dos conceitos de limpo / sujo na creche."** a realizar as fotos, vídeos, gravações de áudios que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos, vídeos, gravações de áudios e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Duque de Caxias, _____ de _____ de 20_____.



 Pesquisador responsável pelo projeto

 Participante da Pesquisa

APÊNDICES

APÊNDICE A: ROTEIRO DA ATIVIDADE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS COM AS ADEBS E PROFESSORAS (COLETA DE DADOS)

- No tempo de 15 minutos, escrevam 03 (três) palavras que venham a sua mente no momento que pensarem a respeito do conceito das palavras:

- Folha 01:

INFÂNCIA	SAÚDE	CORPO

- No tempo de 10 minutos, escrevam 03 (três) palavras que venham a suas mentes no momento que pensarem a respeito do conceito das palavras:

- Folha 02:

LIMPO	SUJO

APÊNDICE B: OFICINA DE DESENHO - CRIANÇAS (COLETA DE DADOS)

- Conversa inicial a respeito da oficina;
- Explicação da disposição dos materiais disponíveis: folhas de papel A4, várias caixas de lápis de cor, giz de cera, lápis de escrever, canetinha e borracha;
- Orientação para a realização dos desenhos:
 - A) Primeira folha (metade da folha A4)_ desenhe o que para você é limpo.
 - B) Segunda folha (metade da folha A4)_ desenhe o que para você é sujo.

APÊNDICE C: RODA DE CONVERSA (COLETA DE DADOS)

Crianças:

Exposição e conversa a respeito das fotos de locais comuns da creche (refeitório, parquinho, gramados e salas) com as crianças e profissionais inseridos. E outro conjunto de fotos na ausência das crianças e profissionais, realizando uma comparação entre semelhanças e diferenças do ponto de vista das crianças pequenas.

Com continuidade da conversa livre, será dada a oportunidade para que as crianças se expressem com suas falas e também com seus corpos e expressões faciais.

Auxiliares e professoras:

Fala a respeito da roda de conversa, explicação inicial do que é uma roda de conversa.

Oportunidade para a fala livre das profissionais, caso desejem, a respeito das palavras que completaram na associação livre de palavras.

APÊNDICE D: FOTOS DA RODA DE CONVERSA COM AS CRIANÇAS PEQUENAS COM VISUALIZAÇÃO DE FOTOS REAIS DOS ESPAÇOS COMUNS DA CRECHE:

1ª comparação:

Foto 1



Foto 2



2ª comparação:

Foto 3



Foto 4



3ª comparação:

Foto 5



Foto 6



4ª comparação:

Foto 7



Foto 8



APÊNDICE E: ROTEIRO DA PRIMEIRA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM AS PROFESSORAS

Eixo Infância

Pergunta 1: Da sua infância para os dias atuais, na sua opinião, o que mudou?

Pergunta 2: E na creche, como você percebe a infância?

Eixo Saúde

Pergunta 4: Dentro da sua formação enquanto educadora, como foi trabalhado o tema Saúde? E você acha importante esta temática?

Pergunta 5: Há diferença do conceito de Saúde nas diferentes faixas etárias? E na creche, como este conceito deve ser visto?

Pergunta 6: Que conceitos ou conteúdos você considera indispensável para integrar o projeto higiene na educação infantil? Na sua opinião, quais são os referenciais?

Eixo Corpo

Pergunta 7: Há um filme chamado “Garoto Selvagem”, que conta a história baseada em fatos reais de um menino que foi achado em uma floresta. Aparentava possuir 11 ou 12 anos, se alimentava de grãos e raízes, não andava com a coluna ereta e não falava. Expressava seus desejos por meio de um som parecido com um grunhido e por movimentos corporais. Este tipo de linguagem é de difícil compreensão para você?

Pergunta 8: O corpo tem sua linguagem própria. Você acredita que o corpo da criança pequena fala por ela? Você já percebeu ou percebe alguma situação no dia a dia da creche que a criança não falou, porém utilizou-se do seu corpo para expressar seu(s) desejo(s)?

**APÊNDICE F: ROTEIRO DA SEGUNDA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM
AS PROFESSORAS
(VALIDAÇÃO DO PRODUTO E ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS))**

Pergunta 1: Professora, aponte em poucas palavras a sua impressão a respeito da animação sobre limpo e sujo.

Pergunta 2: É possível incluir a animação em um planejamento / projeto a respeito de higiene e saúde? Por quê?

Pergunta 3: Os conteúdos / conteúdo abordados na animação estão de acordo com o currículo proposto para a Educação Infantil?

Pergunta 4: Na animação assistida você sentiu necessidade de um suporte pedagógico que auxiliasse o planejamento de atividades para o ensino de ciências?

Pergunta 5: Há algo que você mudaria na animação?

Pergunta 6: Comente a respeito do documento em PDF a respeito das orientações pedagógicas relacionadas ao vídeo-animação exibido.

**APÊNDICE G: ROTEIRO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA AS
AUXILIARES (VALIDAÇÃO DO PRODUTO)**

Pergunta 1: O que você achou da animação que você assistiu?

Pergunta 2: O que você entendeu da animação?

Pergunta 3: Mudaria alguma coisa na animação?

APÊNDICE H: ROTEIRO DE APRESENTAÇÃO DA ANIMAÇÃO PARA OS GRUPOS DE CRIANÇAS (VALIDAÇÃO DO PRODUTO)

1. Apresentação da animação na televisão para o grupo de cada turma participante.
2. Conversa a respeito da animação: o que elas acharam, se desejam assistir novamente, o que mais gostaram no vídeo.

APÊNDICE I: ROTEIRO DA OFICINA DE DESENHO (VALIDAÇÃO DO PRODUTO)

1. Conversa com o grupo de participantes de cada turma, lembrando a animação assistida. E perguntas relacionadas à animação para identificação do que seja, para as crianças, limpo e sujo.
2. Pedir para que as crianças desenhem a respeito da animação assistida, remetendo ao conceito de limpo e sujo.

**APÊNDICE J: TRANSCRIÇÃO DAS NARRATIVAS APRESENTADAS
PELAS CRIANÇAS DURANTE A OFICINA DE DESENHO LIVRE COM AS
PERCEPÇÕES INICIAIS A RESPEITO DOS CONCEITOS DE LIMPO E SUJO:**

TURMA 31

Criança Amanda:

A casa da minha mãe é limpa.

A outra casa verde lá na praia, tem uma pueira, uma pueira. O nome dela é linda, essa casa lá.

Criança Renata:

Hum, hum, hum Molicia (Mônica) é limpa porque ela verte (veste) um bestido (vestido) vermelho.

O chol (chão) é chujo (sujo), ele não é limpinho.

Criança Ester:

Rio limpo, o bicho vai amar, os peixinhos.

O rio sujo, porque o bicho não vai conseguir respirar. Colocaram lixo no rio. Vou fazer uma banana que jogou no rio.

Criança Everton:

A minha casa é limpa, vou desenhar ela.

Quando a casa é suja, de sujeila (sujeira) tem que limpar. Tem casca de banana lá fora da casa.

Criança Gustavo:

O cachorro limpo.
Aranha é sujo.

Aluno Anderson:

Colares do rio, do mar que limpa.
O copinho no mar que joga no mar.

Aluno Guto:

Uma cidade do carro é limpa.
Lixo é coisa suja, vô (vou) desenhar uma lata de lixo.

Aluna Ana Clara:

A água é limpa, vou desenhar uma água limpa.
O lixo é sujo.

TURMA 32:

Aluno Rafael:

Minha mãe é limpo.
Meu irmão Ronaldo é sujo. Ele não toma banho.

Aluno Luiz Fernando:

Uma folha é limpa.
Um sabonete é limpo, eu tomo banho de sujo.

Aluna Marcela:

Os dentes limpos.

Os dentes que não estão saudáveis é sujo.

Aluna Geovanna:

Um passarinho é limpo, vou desenhar.

Um pombo que mora no chão, ele fica no chão.

Aluno João:

Um pirulito que não caiu no chão é limpo.

Um pirulito que caiu no chão fica sujo. Tem um monte de bactérias.

Aluna Isabel:

Limpo é meu papai.

Papai, mamãe e eu quando a gente tá sujo.

Aluna Rute:

Um chão limpo.

Sujeira rabiscada.

Aluno Guilhermino:

Eu vou fazer a mamãe limpa.

O chão sujo.

Preto é sujo, porque vai ficar sujo.

Aluna Mel:

Limpo mamãe.

O auau, tem popô (cocô).

Aluno Eliel:

Mamãe é limpa quando tá de vestido lavado.

Mamãe é sujo quando tá de vestido, ele não tá lavado.

TURMA 33

Aluna Ana Luiza:

Uma boneca e coração. O coração meu e teu tia.

Sujo é bagunça. Tem isso, tem isso, isso, muita sujeira. Outra bagunça, outra bagunça. Uma pessoa na bagunça.

Aluno Maurício:

Eu e mamãe é limpo.

O monto (monstro) e o papai.

Aluna Catarina:

É uma boneca limpo.

Boneco cabeção é sujo.

Criança Alice:

Uma meia limpa quando ela não tá suja.

O chão é sujo cheia de sujeira é bactéria. Bactéria é no chão.

Eu vou fazer azul, eu vou fazer 4, 5 e 3.

Criança Cláudio:

Mamãe (limpo)

Cocô (sujo)

Criança Antônio:

Laranja é limpo.

Um vaso pa cagá e mijá, é sujo.

Criança César:

Limpo é sabonete.

Minhoca é sujo.

Criança Isis:

Minha mãe é limpo.

Dois monstros é sujo.

**APÊNDICE K: RESULTADO DA ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS COM AS
AUXILIARES E PROFESSORAS (PALAVRAS LIMPO E SUJO):**

LIMPO	SUJO
Natureza	Lixão
Comida	Guerra
Sujo	Preocupação
Organização	Porqueira
Organização	Vassoura
Necessidade	Hostilidade
Higiene	Infelicidade
Higiene	Preguiça
Higiene	Ócio
Higiene	Lugar
Higiene	Desconfortável
Casa	Ruim
Casa	Feio
Banho	Banheiro
Banho	Banheiro
Agradável	Alimentos
Prazer	Rua
Descanso	Doença
Ambiente	Doença
Ambiente	Doença
Bom	Descuido
Saudável	Micróbios
Saudável	Alergia
Alimento	Desatenção
Roupas	Cultural
Louças	Desleixo
Corpo	
Corpo	

<p>Dentes Saúde saúde</p>	
-----------------------------------	--

**APÊNDICE L: TRANSCRIÇÃO DO RESULTADO DA ASSOCIAÇÃO
LIVRE DE PALAVRAS COM AS AUXILIARES E PROFESSORAS:**

INFÂNCIA	SAÚDE	CORPO
Alegria	Cuidado	Cuidado
Alegria	Cuidado	Respeito
Alegria	Cuidado	Movimento
Alegria	Cuidado	Movimento
Alegria	Atenção	Movimento
Alegria	Ciência	Flacidez
Experiência	Dieta	Menopausa
Socialização	Água	Dores
Amizade	Caminhada	Higiene
Brincadeira	Exercícios	Higiene
Brincadeira	Vacina	Higiene
Brincadeira	Alimentação	Crescimento
Brincadeira	Alimentação	Mudanças
Brincadeira	Prevenção	Atlético
Brincadeira	Bem-estar	Feminino
Brincar	Bem-estar	Dieta
Brincar	Vida	Limpeza
Castigo	Vida	Sedentarismo
Sorriso	Vida	Saudável
Feliz	Perfeita	Mão
Cuidado	Direito	Perna
Cuidado	Precária	Braço
Desenvolvimento	Precariedade	Matéria
Crescimento	Tratamento	Representação
Aprendizado	Difícil	Raciocínio
Aprendizado	Emocional	Corporal
Inocência	Emocional	Coordenação
Inocência	Mental	Alimentação
Diversão	Necessário	Mente
Família	Corporal	
Família	Corpo	
Crescer	Preciso	
Viver	Direito	
Irmãos	Higiene	
Criativo		

APÊNDICE M: TRANSCRIÇÃO DAS NARRATIVAS APRESENTADAS PELAS CRIANÇAS DURANTE A RODA DE CONVERSA COM VISUALIZAÇÃO DE FOTOS REAIS DOS ESPAÇOS COMUNS DA CRECHE SEM A PRESENÇA DAS CRIANÇAS E DEMAIS PESSOAS (FUNCIONÁRIOS E COMUNIDADE) COMPARADAS COM FOTOS DESSES ESPAÇOS OCUPADOS:

NOTA: Devido ao formato utilizado na coleta de dados – roda de conversa com as crianças reunidas, com livre manifestação das mesmas – não foi possível separar as falas. Elas são apresentadas, portanto, de forma agrupada: intercaladas com a fala da pesquisadora e listadas conforme a ordem de manifestação das crianças.

Entrevistados: crianças da turma 31

1ª comparação:

Pesquisadora: Vamos pras fotos aqui. Agora vocês vão falar pra mim qual é o limpo e qual é o sujo. Qual é o limpo?

Crianças: Esse do banheiro de escovar os dentes.

Pesquisadora: Essa daqui?

Crianças: Esse é sujo.

Pesquisadora: Por que que esse é sujo?

Criança: Eu sei.

Deixa que ele vai, ele vai falar. Por que que esse aqui é sujo? Por que que é sujo?

Conta pra tia. Por que que esse aqui é sujo?

Criança: Porque a gente bagunçou.

2ª Comparação:

Pesquisadora: Por que que é essa suja, da colher?

Criança: Eu não sei.

Pesquisadora: Não sabe dizer por quê? Por que que é sujo essa daqui?

Criança: Porque a colher caiu no chão, chão é sujo.

Crianças: Não

Pesquisadora: Não sabem? Mas vocês acham que é, entendi.

3ª Comparação:

Pesquisadora: Qual é o limpo?

Crianças: dos pratinhos

Pesquisadora: E essa outra foto?

Crianças: Sujo

Pesquisadora: Por que que é sujo?

Criança: Porque amigos sujou.

Pesquisadora: Sujaram? Entendi.

4ª comparação:

Pesquisadora: Essas fotos daqui, ó. Qual é o limpo e qual é o sujo?

Criança: com as pessoas é sujo.

Pesquisadora: Qual é o limpo?

Crianças: da chuva

Entrevistados da turma 32

Pesquisadora: A tia hoje vai fazer uma rodinha, vou explicar para vocês, eu vou mostrar 2 fotos. Vocês vão falar pra mim qual é a foto que você acha que é limpa e qual é a foto que vocês acham que é suja? Vamos conversar?

1ª comparação:

Pesquisadora: então vamos lá aqui, ó, são essas 2 fotos aqui. Primeiro, olha, primeiro, olha. Essa daqui é o quê?. Qual é a limpa?

Criança: Essa é limpa.

Pesquisadora: E essa daqui?

Crianças: Suja

Criança: É porque a gente usou.

2ª comparação:

Pesquisadora: O que vocês acham dessas fotos?

Crianças: mesa limpa.

Pesquisadora: A primeira foto é limpa?

Crianças: É

Pesquisadora: e a segunda foto?

Crianças: suja

Crianças: As criança tão comendo, colher até caiu no chão! (risos)

3ª comparação:

Pesquisadora: Olha aqui preparados?

Crianças: Limpa

Pesquisadora: Por que que essa daqui é limpa?

Porque tá arrumada, está arrumada a mesa.

Pesquisadora: E a outra?

Crianças: Suja!!!!

Criança: Tem comida.

4ª comparação:

Pesquisadora: agora essa daqui, ó. 123 e já. Qual é a limpa e qual é a suja?

Criança: não tem foto suja.

Pesquisadora: vocês acham que não tem alguma foto suja aqui?

Criança: não, não tem foto suja. Tá tudinho aí, tudo limpo.

Crianças: não tem sujeira nelas.

Pesquisadora: e qual é a diferença?

Criança: Não tem nenhuma mas é tudo limpo.

Pesquisadora: essa foto é o quê?

Criança: Oi, é tudo limpo.

Pesquisadora: quem acha que é tudo limpo, levanta a mão. (todos levantam a mão)

Crianças: tudo limpo!!!!

Criança: Tudo lindo

Pesquisadora: mas qual é a diferença?

Criança: essa daqui é diferente, porque é cheio de pessoas, só isso.

Pesquisadora: Entendi muito bem.

Entrevistados da turma 33

Pesquisadora: A tia Lenine vai mostrar pra vocês duas fotos. Eu quero que vocês falem pra mim qual é a foto que vocês acham que é limpa e qual é a foto que vocês acham que é suja. Está bom? Se não tiver nenhuma foto suja é só falar. Tia estou vendo duas fotos limpas ou são duas fotos sujas, está bem? Vamos lá.

1ª comparação:

Pesquisadora: vamos começar Um, dois, três e já. Qual é a foto limpa e qual é a foto suja. Qual é a limpa?

Criança: essa que não tem nada.

Pesquisadora: e essa daqui é suja?

Crianças: sim.

Pesquisadora: ah por que que essa daqui é suja?

Crianças: porque ela está bagunçada.

Pesquisadora: ah entendi.

2ª comparação:

Pesquisadora: agora outra um dois três e já! Essas fotos. Qual é a foto? Todo mundo tem que ver, tá? Qual é a foto limpa e qual é a foto suja, a tia vai vai deixar você mostrar.

Criança: a mesa tá limpa, limpinha.

Crianças: É

Pesquisadora: e a outra foto?

Crianças: suja.

Pesquisadora: por que que essa é suja? deixar ela falar também, Caio.

Criança: De papá no chão.

3ª comparação:

Pesquisadora: agora vai ser outro colega que vai falar, está bom? Pode, pode começar? Um, dois, três e já. Qual é a foto limpa, qual é a suja?

Crianças: Essa aqui é limpa. (primeira foto)

Pesquisadora: por que que essa daqui é limpa?

Criança: Aí ninguém veio ainda.

Criança: porque não tá no chão.

Pesquisadora: e essa daqui é suja por quê?

Criança: porque tá com a papá e cara de colegas.

4ª comparação:

Pesquisadora: Agora a última hein? Um, dois, três e já. O que vocês acham?

Criança: Aqui está limpo. (primeira foto)

Crianças: sujo!

Pesquisadora: por que que está sujo?

Criança: porque tem gente.

Criança: por que que está sujo as pessoas estão aqui, aí fica sujo.

Crianças: é.

APÊNDICE N: TRANSCRIÇÃO DA RODA DE CONVERSA COM AS AUXILIARES:

Pesquisadora: Meninas, tudo bem? Quem desejar, pode falar um pouco a respeito das palavras que vocês escreveram ou daquelas que vocês precisavam escrever na associação livre de palavras. Não é obrigatória a fala de vocês, estamos aqui para conversar, trocar ideias.

Todas: Tudo bem!

Axiliar Gislaine A.

O sujo e o limpo são coisas que me incomodam bastante. O limpo para positivo e o sujo para o negativo. A limpeza me gera muito prazer, bem estar, traz harmonia, descanso. Já o sujo representa muita coisa negativa pra mim, desequilíbrio, preguiça, causa mal estar. Uma paisagem onde tem muita sujeira é algo desagradável de ficar.

Infância saúde e corpo tem tudo a ver. Até porque os outros, tanto a saúde e o corpo, a forma de se pensar sobre saúde e corpo, vai ter de alguma forma de ligação com a infância. A saúde está muito ligado com a infância.

Auxiliar Criscia

Quando eu pensei em sujo, pensei logo na política desse país. Na sujeirada que rola na política do nosso país. No meio ambiente é muito difícil realmente a gente passar por um ambiente sujo e quando passa, quase não repara porque já está normalizado.

Auxiliar Viviane

Tem reflexo da infância, na saúde e no corpo.

Auxiliar Micaela

Ter saúde é estar confortável, ter um um corpo limpo é estar confortável. Para vc ter uma mobilidade para brincar, se divertir você tem que estar se sentindo confortável. Eu penso assim porque quando eu era criança, eu brincava muito, se eu não tivesse com saúde, não tivesse limpa, não tivesse uma alimentação saudável, se eu não tivesse o carinho da família eu não teria a infância que eu tive.

Auxiliar Joana

Pra criança brincar, tem que ter saúde. Criança tem que ter infância e se movimentar com seu corpo, é um conjunto.

Auxiliar Diná

Achei muito interesse que nas atividades que você fez com as crianças lá da sala, em nenhum momento alguma criança citou as funcionárias que fazem a limpeza da sala, para que ela esteja limpa, se mantenha limpa. Esse pessoal é invisível até para as crianças menores, eles não fazem a relação da limpeza da sala com as meninas que limpam, de segunda a sexta. Fiquei intrigada.

APÊNDICE O: TRANSCRIÇÃO DA PRIMEIRA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM AS PROFESSORAS

Entrevistada: Professora Gislaiane B.

Eixo Infância

Pergunta 1: Como foi a sua infância? Você pode comentar um pouco sobre ela?

Resposta: Sim. Na minha infância e na escola, por exemplo. Não era trabalhado tanta questão da higiene como é hoje em dia, não é? Eu não sei se eu tenho essa visão hoje, porque eu sou uma professora, porque eu sou uma professora de creche, também, não é porque eu não tive essa experiência de creche, né? Fiz educação infantil, só pré, né no caso. Eu cheguei a fazer 2 anos de pré, que foram 4,5 anos, né? Mas eu não me recordo, eu não tenho essa recordação de como era. Uma educação infantil mais tradicional, sim. Que focava muito nas letras, né? Então eu lembro muito isso é de fazer letrinha copiar, letrinha de pintar letrinha. Então não tinha esse foco que a gente tem hoje, não é? Em determinadas coisas práticas para o dia a dia. Eu não tenho eu para mim teve uma mudança assim, né? Agora eu não sei se essa é a minha percepção como professora hoje ou que realmente seja, na minha visão que houve, sim.

Pergunta 2: Da sua infância para os dias atuais, na sua opinião, o que mudou?

Resposta: Percebo muita mudança é. A gente teve uma infância que era tradicional. A gente nomeia como tradicional. Hoje em dia, não é? Eu tive essa experiência, não é? Mas assim, hoje em dia, não.

Pergunta 3: E na creche, como você percebe a infância?

Resposta: Hoje em dia a gente quer que a criança fale, né? Eu sempre falo isso, não é? Antigamente, a gente queria que a criança não falasse muito. Se movimentasse, a nossa infância, pelo menos a minha das pessoas, da minha geração, que eu converso, não era para se movimentar. Era uma infância em que a criança

tinha que ficar mais quieta. E a gente sofreu muito quando a gente falava nos seminários.

Eixo Saúde

Pergunta 4: Dentro da sua formação enquanto educadora, como foi trabalhado o tema Saúde? E você acha importante esta temática?

Resposta: Não, não foi. Não, não foi. Acho que é importante. Acho que são coisas que são práticas do dia a dia. Para o nosso crescimento enquanto uma pessoa, por exemplo, hoje em dia, qual é o foco? É o nosso bem-estar. A gente precisa cuidar da nossa saúde, da nossa alimentação. A gente precisa se movimentar, sim. Então assim, são coisas que precisam sim, ser abordadas. Acho que acredito que a creche está no papel certo e acho que esse trabalho tem que continuar nas escolas, porque muitas vezes eu acho que a demanda do letramento é tão grande que se deixa de trabalhar isso. E, principalmente, para o público que a gente vive, que a gente vê uma questão cultural muito forte. Da não higiene desse eixo em saúde, né, que é do próprio corpo. A vivência da criança, do próprio lugar que ela mora, né? Então assim, eu acho que tinha que se reforçar. Isso, né? Na continuação da vida escolar da criança, para que ela possa levar isso para sua família, para sua vida, não é? Se ficar só Na Na creche assim, né? Na educação infantil, pode ser que isso se perca mas eu acho sim que é importante sim. E o que a gente vê hoje em dia, não é o crescimento de tantas doenças que está associado. A uma não saúde, uma não alimentação correta não é o que a gente fala tanto hoje em dia? Então eu acho que tem que ser o foco assim. Tudo aprendizagem.

Pergunta 5: Há diferença do conceito de Saúde nas diferentes faixas etárias? E na creche, como este conceito deve ser visto?

Resposta: Então, eu não tenho muita experiência, eu só trabalhei a minha vida toda com educação infantil e creche. Então, eu não sei muito como que é a continuação, isso na vida escolar da criança, mas na minha percepção, que é uma percepção assim muito de fora é que tem diferenças, que aqui a gente tem um foco muito maior e que isso acaba se perdendo. A gente tá num caminho, né? No No

caminho e que isso tinha que ter continuidade. E tem que ter algum significado para a criança. Porque se a gente trabalha com 2,3 anos e até 4,5 que eu acredito que também tenha um trabalho nessa direção mas aí você fica os outros 7 anos da vida escolar sem você focar muito nisso, acaba se perdendo, né? mas acaba se focando em outras coisas e aí acaba se perdendo.

Pergunta 6: Que conceitos ou conteúdos você considera indispensável para integrar o projeto higiene na educação infantil? Na sua opinião, quais são os referenciais?

Resposta: Acho que a questão da alimentação. A questão da higiene, né? Eu, por exemplo, assim agora como gestante, não é? Vejo o quanto que é importante, por exemplo. A gente faz uma boa higienização, né? Dos alimentos. A questão dos cuidados com o corpo mesmo. Cuidados com o corpo interfere até na saúde da criança, né? Porque tem que dar continuidade, porque talvez a família não tenha mas se isso for gerado na criança, ela vai levar para a vida dela, para a casa dela. Vai passar adiante isso. Aqui (na creche) a gente tem muito problema com essa questão de higiene, né? Dependendo do problema, às vezes ultrapassa. Tem a ver com a cultura e com o local da criança que ela mora. Então assim, a saúde bucal é uma coisa muito importante, porque, por exemplo. Se você tem um problema do dente, é muito caro. Não tem acesso, vamos prevenir exatamente que é uma prevenção. A criança aprende que ela tem que se higienizar, né? Então, isso é um ponto fundamental, porque é uma coisa que se ela tiver um problema. Pode ser que ela perca o dente e acabou, e vai ficar nisso. Eu, por exemplo, tive que fazer 2 implantes na minha vida. Eu, meu pai, minha mãe, eles, tipo, lutavam para mim estudar em colégio particular porque na visão deles, independente do colégio. Fazendo meu bem, não é? Então assim, ai eu já não gostava muito no dentista e os pais já não tinham muito dinheiro. E aí o futuro é depois eu tive que pagar 2 implantes, que é assim eu nem era paupérrima, né? A gente ainda tinha da onde tirar, da onde, pedir emprestado. Então, por exemplo, saúde bucal é importantíssimo e essa questão da alimentação, ela já é complicada, né? Porque hoje em dia a gente já tem assim essa questão dos agrotóxicos, né? Então, você se alimentar, você está comendo legume, verdura. E está cuidada e, não está bem, não e agora as carnes também, então isso já é precário. Então são pontos fundamentais assim,

né?Alimentação, cuidado. Agora, por exemplo assim, a questão da higiene, das roupas, não é? É uma coisa importante, é, mas às vezes a gente sabe que a criança, o local que ela vai guardar, a roupa que a mãe e o pai guarda roupa.Vem com cheiro de mofo e o pai não pode fazer nada, porque é o local que ele mora, né? Então, isso também tem muito a ver com mofo, umidade, também gera um cheirinho que parece que não lavou roupa.Aí vai acabar pegando o cheiro de dentro da casa. Até a gente fica constrangido de cobrar determinadas coisas. Então nós como professores também tem que ter essa sensibilidade, né? Ver cada realidade, né?

Eixo Corpo

Pergunta 7: Há um filme chamado “Garoto Selvagem”, que conta a história baseada em fatos reais de um menino que foi achado em uma floresta. Aparentava possuir 11 ou 12 anos, se alimentava de grãos e raízes, não andava com a coluna ereta e não falava. Expressava seus desejos por meio de um som parecido com um grunhido e por movimentos corporais. Este tipo de linguagem é de difícil compreensão para você?

Resposta: Nossa, essa pergunta é complicada, porque a gente não tem o contato, né? Mas eu acho que teria dificuldade, sim.Eu. Eu assim acho que se a gente já conviver. Por exemplo, vou citar o exemplo de um aluno nosso que a gente tem hoje em dia, que é o Guilherme, não é? Tenho contato com ele aproximadamente uns 8 meses. Ele é uma criança que tem muita dificuldade de fala, né? Ele fala muito assim por grunhido, assim, não sei nem como fala. É um som que você não consegue entender, às vezes eu fico até com dúvida, como escrever e também colocar no relatório, né? Ele emite sons que não são palavras, né? Então, assim, já foi encaminhado, já está em questão a mãe agora viu na última reunião a necessidade de se tratar. A mãe sempre dizia, ah eu só falei com cinco anos, né? Ele é uma criança, que a gente começou a conviver com ele. A gente já consegue sim entender algumas coisas que ele quer dizer. Pela convivência a gente já consegue entender. Acredito que sim, precisa de uma convivência para você conseguir entender essa expressão da criança, porque ela não vai falar, então você precisa conhecer um pouco para saber a ela.

Pergunta 8: O corpo tem sua linguagem própria. Você acredita que o corpo da criança pequena fala por ela? Você já percebeu ou percebe alguma situação no dia a dia da creche que a criança não falou, porém utilizou-se do seu corpo para expressar seu(s) desejo(s)?

Resposta: Eu acredito que o corpo fala, da criança e do adulto também, você que tem que ter uma percepção também não dá para você chegar ali, ver uma criança que você nunca viu na vida e falar assim, ele está fazendo isso, não é assim.

O Marcelo, meu aluno mesmo, assim, às vezes ele está brincando com uma criança. E aí ele é mais agressivo com aquela criança. Bate no brinquedo da criança, derruba o brinquedo da criança, porque ele quer interagir com aquele colega que não está interagindo com ele, porque ele não tem a mesma fala que é sim, então o corpo dele está falando, né? E às vezes também. Você sente que ele está, ele está andando, ele dá um empurrão, é uma forma dele, está querendo interagir também porque ele não consegue falar, se expressar ao ponto de falar, vem brincar comigo, eu quero brincar com você. Ele cutuca, a gente também, é uma maneira de ele está se expressando, né? É para a criança e para adulto, para qualquer fase que o corpo fala. É só saber observar isso. Demanda tempo, sim, é saber chegar, né? E na infância é muito isso, né? Você observar porque muitas vezes a criança não sabe expressar o que ela quer, se é por meio ainda de das palavras. E você como adulto que vai analisar aquele comportamento.

Entrevistada: Professora Daniela**Eixo Infância**

Pergunta 1: Como foi a sua infância? Você pode comentar um pouco sobre ela?

Resposta: Eu tive uma infância muito agradável, né? Rodeada por muitas outras crianças, embora eu seja filha única, eu sempre tive contato com muitas outras crianças. Tanto primos, quanto vizinhos.

Pergunta 2: Da sua infância para os dias atuais, na sua opinião, o que mudou?

Resposta: Eu acho que mudou muito. Eu vejo as crianças brincando menos, especialmente em casa. Mais com contato com tecnologia. Mais com isso. Muita televisão, muito computador, muito celular, desde muito pequenininhas. Às vezes, bebês já mexem no celular. E na minha época, não tinha. Não tinha nada disso. Então, eu vejo as crianças brincando pouco, de um modo geral. Por isso que é o ideal a gente realmente tentar aqui garantir esse momento da brincadeira. Porque nem sempre em casa eles têm.

Pergunta 3: E na creche, como você percebe a infância?

Resposta: Por isso também a gente percebe. Eles participam, eles gostam. Eles gostam. Qualquer novo, que pra eles é novidade. Os pais não brincam com eles. Meu pai trabalhava o dia inteiro. Meu pai não tinha formação. Mas, quando meu pai chegava à noite, ele inventava brincadeiras pra gente. Tinha uma brincadeira que, no dia em que acabava a luz, ele ficava adivinhando qual era o filho que ele tinha pego. A gente brincava de que ele esconde no escuro. Ele pegava a gente. Essa aqui é fulano, porque tem o cabelo. Então, ele brincava. Por mais que ele tinha aquele dia agitado. Ainda conseguia brincar. Ele brincava. Hoje, os pais não brincam. Hoje, a mãe, às vezes, quer fazer alguma coisa na cozinha, ela dá o celular pro filho pra ele ter lá o celular enquanto ela tá fazendo. Ou pra ela, também

deixando o celular dela. Então, ela não tem... Ela não tem essa paciência, essa disponibilidade pra brincar.

Eixo Saúde

Pergunta 4: Dentro da sua formação enquanto educadora, como foi trabalhado o tema Saúde? E você acha importante esta temática?

Resposta: Eu não lembro de ter sido trabalhado. Eu acho que é importantíssimo, é fundamental, mas realmente na formação não tive. Eu não lembro. A gente tinha nossas disciplinas que eram ciências e biologia, que tratava os conteúdos de biologia, mas não tinha essa parte, assim, de trabalhar a saúde. E como a gente iria trabalhar isso com a criança? Como é que a gente atua nessa prevenção? Mesmo enquanto educadoras, numa questão pedagógica? A gente procura, que a gente pesquisa, que a gente lê.

Pergunta 5: Há diferença do conceito de Saúde nas diferentes faixas etárias? E na creche, como este conceito deve ser visto?

Resposta: *Certamente* que tem diferença. O conceito de saúde para as faixas etárias. a criança de dois anos entende saúde de um jeito e é diferente de outro. Com certeza. Eu acho que quando eu falo que vai entrar um bichinho, ela já imagina um monstro, alguma coisa assim. Pra criança de 2 anos. Certamente. As de cinco já, você consegue ir aprofundando mais, né? Alguns conceitos, conforme as faixas vão. Também tem que ser dada, assim, preventivamente para a criança.

Pergunta 6: Que conceitos ou conteúdos você considera indispensável para integrar o projeto higiene na educação infantil? Na sua opinião, quais são os referenciais?

Resposta: Ah, não, a gente trabalha esse aqui, esse aqui não pode deixar de ser trabalhado. Isso tudo na parte da higiene. Escovação do dente. Lavagem das mãos. A gente coloca a mão na boca. É o condutor, né? Não, e o hábito também de pegou. Tudo que caiu no chão, vai, coloca. Se caiu a chupeta, é automático. Pegou

a chupeta. Como eles são muito pequenininhos, ainda colocam muitos objetos na boca. Da comida que cai, né? Caiu comida, ele vai lá e pega.

Eixo Corpo

Pergunta 7: Há um filme chamado “Garoto Selvagem”, que conta a história baseada em fatos reais de um menino que foi achado em uma floresta. Aparentava possuir 11 ou 12 anos, se alimentava de grãos e raízes, não andava com a coluna ereta e não falava. Expressava seus desejos por meio de um som parecido com um grunhido e por movimentos corporais. Este tipo de linguagem é de difícil compreensão para você?

Resposta: Isso aí, foi baseado nesse de fatos reais, né? Porque ele estava dentro daquele contexto em que ele vivia. Então, ele não vivia como humano, né? Ele vivia como um animal. A gente iria se esforçar a tentar ao máximo compreendê-lo, mas eu acho que não seria fácil. E agora, gente, não existe mais esse tipo de criação, né? E até hoje ainda tem gente que vive assim mesmo.

Pergunta 8: O corpo tem sua linguagem própria. Você acredita que o corpo da criança pequena fala por ela? Você já percebeu ou percebe alguma situação no dia a dia da creche que a criança não falou, porém utilizou-se do seu corpo para expressar seu(s) desejo(s)?

Não. Pra gente seria difícil, não conhecendo, pior ainda. Mas houve um tempo que as crianças eram criadas presas, isoladas da família. Aquelas crianças que tinham problemas de saúde ou que eram consideradas especiais, que não eram normais. E eu conheci uma menina que ela vivia assim, igual esse garoto. ela não falava como uma pessoa fala, como um humano fala. Mas ela fazia tudo como os bichos que ela vivia ali perto. Fazia a mesma coisa. Que foi a vivência dela.

Entrevistada: Professora Suelen (nome fictício)**Eixo Infância**

Pergunta 1: Como foi a sua infância? Você pode comentar um pouco sobre ela?

Resposta: Na época em que eu era criança, a minha rua era cheia de outras crianças, e eu tinha o hábito de agregar todo mundo, de levar para a minha casa. Então, eu sempre tive muitas crianças em volta. E pude brincar muito. Na rua, descalça, subir em árvore, mexer na terra. Então, realmente, rolar, pular, fazer tudo. Até os 11 anos, eu consegui brincar muito. Foi uma infância agradável. Muito boa, prazerosa mesmo. Eu pude aproveitar bastante, mesmo assim, brincar. A infância mesmo, né? Até os 11 anos, eu consegui aproveitar muito. Eu tenho uma família de 9 irmãos. Então, a minha infância sempre também foi muito rodeada dos meus irmãos, né? A gente brincava, a gente inventava muito. Meu pai era ser muito rígido, não deixava a gente pra rua, essas coisas. A gente ia escondido quando ele não estava. Quando ele chegava, a gente picava a mula, corria pra casa. Mas a gente inventava muitas brincadeiras. A gente brincava. E as brincadeiras, assim, brincar no quintal de pique, de pique -bandeira, de bola de gude. A gente fazia disputa, campeonato. A gente fazia roupinhas de boneca, costurava as nossas roupinhas de boneca. Comidinha. A comidinha, a gente fazia. E a comidinha, a gente ia lá na panela da minha mãe e pegava a comida e fazia. Então, a gente brincava. A gente inovava. E as minhas irmãs, que eram mais velhas, elas embarcavam nas nossas brincadeiras. Eu sou do grupo das mais novas. Então, elas estavam sempre juntas com a gente. Então, eu acredito que a minha infância foi uma infância que eu consegui aproveitar.

Pergunta 2: Da sua infância para os dias atuais, na sua opinião, o que mudou?

Resposta: Uma coisa que eu percebo, nessa questão de hoje, é que eu não vejo as crianças tendo criatividade. Elas não criam. Elas não inventam. Porque parece que está tudo muito pronto. E as brincadeiras que existem por aí, elas são prontas. E elas querem seguir aquele padrão de brincadeiras. Elas não inovam.

Então, por exemplo, eu acho que agora a brincadeira deles, no geral, é brincar de fazer vídeos no TikTok. Muito rápido. Então, eles já têm uma sequência. Nada muito demorado. Parou para pensar no que vão fazer. Eu lembro que, às vezes, quando eu era criança, só o fato de arrumar, queria brincar de casinha, só o fato de arrumar a casinha, já era brincadeira. Às vezes, eu terminava de arrumar, já não queria mais brincar. Hoje em dia, as crianças são muito aceleradas. Querem tudo muito rápido. Tudo tem que ser rápido. Muita gente não consegue ficar muito tempo concentrada numa atividade só. Eu brinquei muito. Eu acho que pode ter interferência também dessa questão mais tecnológica. Os avanços, né? Houve muitos avanços. Isso também prejudicou um pouco esse lado do lúdico. O avanço prejudicou essa parte do brincar lúdico mesmo. Da imaginação. E da própria criatividade.

Pergunta 3: E na creche, como você percebe a infância?

Resposta: Eu acho que elas ainda brincam. E que a creche ajuda muito nisso. Aqui eles têm acesso à tecnologia, mas um tempo bem mais reduzido do que... É uma coisa mais equilibrada, né? E geralmente também tem alguma intenção. Orientada. E talvez uma outra coisa também que eu percebo é que o que a gente brinca é uma novidade pra eles. E eles não têm esse hábito de brincar, desse brincar nosso aqui. Eles não têm isso em casa. Então, quando a gente traz alguma proposta pra eles, eles se envolvem. Eles têm um interesse, porque aquilo é novidade.

Eixo Saúde

Pergunta 4: Dentro da sua formação enquanto educadora, como foi trabalhado o tema Saúde? E você acha importante esta temática?

Resposta: É algo que hoje a gente sente muita falta, porque muitas das vezes hoje também, por exemplo, principalmente aqui na creche, quando a criança está doente, a gente fica assim, e é uma coisa que a gente deveria ter trabalhado. Eu não me lembro de ter tido, não. Um pouco que a gente sabe por conta própria, assim, né? Pelas experiências. Mas a formação não teve nada.

Pergunta 5: Há diferença do conceito de Saúde nas diferentes faixas etárias? E na creche, como este conceito deve ser visto?

Resposta: Eu acho que tem diferença com certeza. A criança de dois anos, por exemplo, quando a gente fala assim, não pega nada do chão, não, porque tem bichinho e vai dar dor de barriga. Então, talvez, a gente influencia de alguma parte. Mas ela tem medo de, de repente, pegar um bicho e entrar nela. Mas ela absorve isso de uma forma diferente. Mas ela, uma de cinco já vê diferente. Aí você já consegue... É, atingir mais. É o objetivo. A prevenção, acho que poupa muita coisa, né? Com certeza. Não, não tem problema, não. Agora, é isso aí que vai influenciar, né? Futuramente na vida deles.

Pergunta 6: Que conceitos ou conteúdos você considera indispensável para integrar o projeto higiene na educação infantil? Na sua opinião, quais são os referenciais?

Resposta: E a gente tem que trabalhar com eles. Higiene, então, mesmo. Essa higiene deles. Da mão. Eu acho que a questão também de quando vai ao banheiro. Do banho. Quando vai usar o banheiro. A higiene também, né? E ainda na questão de se secar. As meninas se secarem. Fazer a limpeza mesmo correta. A higiene correta mesmo, né? Porque tem que pegar... Nossa, eu simplesmente vou fazer o xixi e vestir a calcinha. Eles fazem muito isso. Tem que estar orientando o tempo todo. Pra eles, fez xixi e cocô, é só colocar a roupa embora, né? Eles não se limpam, eles não lavam a mão. Ficar ali com a roupa suja durante muito tempo, pode causar, né? É. Uma doença. Até a própria lavagem dos alimentos também, né? Isso daí, a higiene influencia na saúde. Na saúde, totalmente.

Eixo Corpo

Pergunta 7: Há um filme chamado “Garoto Selvagem”, que conta a história baseada em fatos reais de um menino que foi achado em uma floresta. Aparentava possuir 11 ou 12 anos, se alimentava de grãos e raízes, não andava com a coluna ereta e não falava. Expressava seus desejos por meio de um som parecido com um

grunhido e por movimentos corporais. Este tipo de linguagem é de difícil compreensão para você?

Resposta: Não. Mas eu acho que eu precisaria de um tempo para observar tudo que a criança faz e tentar relacionar uma coisa com a outra, um gesto, um som com alguma vontade ou desagrado. Acho que dá para entender o que uma criança quer ou está sentindo com o passar do tempo, acho que isso é importante, né? Esperar pra vê se dá para entender, né?

Pergunta 8: O corpo tem sua linguagem própria. Você acredita que o corpo da criança pequena fala por ela? Você já percebeu ou percebe alguma situação no dia a dia da creche que a criança não falou, porém utilizou-se do seu corpo para expressar seu(s) desejo(s)?

Resposta: É mais um conhecer, né? Por exemplo, a família. Tem criança que não fala. E a família como já vive naquele ambiente. A família já consegue identificar o que a criança quer. Aí para a gente já é um pouco mais difícil. Realmente, com o convívio. Você acaba interpretando. Já sei que está com fome. Acho que é dor. Acho que é fome. Não está bem. Realmente. Hoje, por exemplo, o Thiago. Ele não está bem. Ele não fala. Eu sei que ele fala. Mas ele não tem falado com a gente. Mas a gente sabe que ele não está bem. Porque o corpo dele estava falando. O colega até falou assim. Olha o olho dele como que está. O olho, né? Até o olhar da criança muda.

APÊNDICE P: TRANSCRIÇÃO DA SEGUNDA OFICINA DE DESENHO COM AS CRIANÇAS PEQUENAS REFERENTE À VALIDAÇÃO DO PE

TURMA 31

Criança Amanda:

Quero desenhar a Gabriela do vídeo que você passou, tia.
Sujo é a banana do Mateus que caiu no chão, não dá pra comer.

Criança Renata:

O chão limpo que a minha vó limpou, minha vovó Deléia.
Isso, lixo. Mais lixo!

Criança Ester:

Tomar banho.
A lama.

Criança Everton:

Uma sunga limpa.
Uma roupa suja na máquina para ficar limpa.

Criança Gustavo:

A mão limpa.
A mão suja.

Aluno Anderson:

Meu nome é limpo: Anderson Silva.

Não mencionou o que era sujo.

Aluno Guto:

Tudo que a gente limpa, até a água é limpa.

Lama.

Aluna Ana Clara:

A água.

O lixo.

Aluno André:

É uma pessoa limpa, só não quem é que tô desenhando.

O Mateus do vídeo, porque a banana dele caiu no chão.

Aluno Luiz:

A maçã limpa.

A carinha triste porque está suja.

Aluna Alice:

Escovar os dentes.

Não respondeu na primeira tentativa.

Na segunda tentativa respondeu “A borboleta.”

Aluno Marcos:

A, E, I, O, U.

M.

TURMA 32:**Aluno Rafael:**

Minha mão.

Dente que não escova.

Aluno Luiz Fernando:

Shampu.

Tô pensando, tô pensando... Lixo!

Aluna Marcela:

Tomar banho.

Lama.

Aluna Geovanna:

Lavar a mão.

A banana que caiu no chão.

Aluno João:

Mão limpa.

Mão suja cheia de bactérias.

Aluna Isabel:

Dentes limpo.

Dentes sujo.

Aluna Rute:

Um chão bem limpinho.

Bactéria é suja.

Aluno Guilhermino:

Uma laranja.

O sol sujo todo descabelado! Eu vou mostrar a minha mãe.

Aluna Mel:

Uma criança limpa, não sei quem é.

O auau fazendo cocô.

Aluno Eliel:

Uma menina limpa.

O menino do amigo que é limpo.

Aluno Gael:

Uma mão limpa, tô desenhando a torneira.

A maçã que caiu e eu posso lavar a maçã.

Aluno Ravi:

Prato limpo.

Não sei.

Aluno Bruno:

Maçã limpa.

A banana que caiu no chão.

Aluno Misael:

1,2,3,4,5,6,7,8,9,10.

Desenho (não desejou falar o que havia desenhado).

TURMA 33**Aluna Ana Luiza:**

Mamãe e eu.

Lixeira. Meu pai não está limpo.

Aluno Maurício:

Óculos. (Levou um óculos de sol para a escola, estava muito empolgado neste dia).

A mão suja.

Aluna Catarina:

Morango.

Lixo.

Aluna Alice:

As pessoas jogando lixo na lixeira.

Sujeira.

Aluno Antônio:

Mão tem que lavar antes de comer.

A mão que não lavou para comer.

Criança César:

A pera limpa.

A maçã que está suja.

Criança Isis:

Minha mãe é limpo.

Dois monstros é sujo.

Aluno Bento:

Limpo é frutas, maçã, banana e melancia.

Uma maçã comendo (que foi mordida).

APÊNDICE Q: TRANSCRIÇÃO DA SEGUNDA OFICINA DE DESENHO COM AS CRIANÇAS PEQUENAS REFERENTE À VALIDAÇÃO DO PE - O QUE É SAÚDE?

As respostas foram centralizadas e organizadas por turma pois as crianças falaram ao mesmo tempo. Uma criança levantava uma hipótese, as outras acompanhavam e complementavam com suas percepções.

TURMA 31

Saúde é sobremesa.

É banana.

É para comer coisas limpas, tipo uma maçã faz bem pra saúde.

É pra jogar as coisas no lixo.

A água é saúde.

É remédio.

A água.

Maçã é saúde.

Saúde é quando não tô dodói.

Lavar a mão pra cumê.

É canetinha.

Lápis é saúde.

TURMA 32

Limpar o corpo.

É quando a gente come fruta limpinha.

Que não tem tosse.

Quando eu tô com tosse.

Comer fruta.

É resfriado, tipo mamãe tá na chuva, fica doente.

Comer fruta.

É pra lavar a melancia, a mão é saúde.

Remédio.

Comer maçã.

Remédio para ficar bom do resfriado.

Não sei. (Não está comendo, não admitiu nada relacionado à comida).

TURMA 33

Beber água, comer maçã e comida.

Não sei.

Saúde é pra jogar as coisas no lixo.

Quanto eu tô com saúde, aí eu tusso e tô com saúde.

É limpo.

Espirro.

APÊNDICE R: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM AS AUXILIARES (VALIDAÇÃO DO PE)

Auxiliares da turma 31

Achamos o vídeo interessante, com certeza. Essa questão de ir ao banheiro, fazer cocô e xixi e ter que se limpar, aqui acontece demais. Foi bom pra reforçar, porque a gente fala isso todo dia! Se a gente não fala, eles não se limpam. E lavar a mão.

E dá pra fazer atividade com o vídeo.

As crianças ficaram focadas no vídeo, acharam interessante.

Auxiliar Diná

Achei interessante que está bem na linguagem deles para poder eles entenderem.

Auxiliar Carla

E a maioria dos vídeos não falam sobre esse negócio de se limpar. Fala mais de lixo, lavar a mão e tomar banho. Mas não fala da hora da higiene íntima das crianças, que eles precisam aprender quando são pequenininhos mesmo, a gente até auxilia mas eles precisam começar a fazer sozinhos tb.

Auxiliares da turma 32

Auxiliar Criscia

As crianças prestaram bastante atenção no vídeo, por ser um vídeo curtinho, prendeu bem a atenção deles.

A gente não mudaria nada no vídeo.

Auxiliar Vera

Eles só fazem essas coisas aqui na creche, tem muita criança que não têm esses hábitos em casa. E é na creche que eles fazem isso tudo, então o vídeo só vem reforçar o que a gente tem que ensinar a eles aqui.

Auxiliares da turma 33

O vídeo ficou muito legal. Eu acho que é pra criança daqui da creche mesmo.

Auxiliar Joana

Acho que o vídeo dá vários exemplos para eles seguirem. E as crianças aceitaram bem o vídeo.

**APÊNDICE S: TRANSCRIÇÃO DA SEGUNDA ENTREVISTA
SEMIESTRUTURADA COM AS PROFESSORAS
(VALIDAÇÃO- PE E ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS)**

Professora Gislaine B.

O vídeo está bem adequado com o que a gente tem costume de estar apresentando para as crianças, né. É uma linguagem clara com desenhos que não são poluídos, são organizados, isso é bem legal porque traz a clareza para criança entender os movimentos que são apresentados no vídeo e bem adequado para faixa etária que a gente trabalha. Simples, né sem muita coisa rebuscada mas com as informações que a gente tem que são do dia a dia da criança mesmo.

A organização da proposta pedagógica é boa até porque cada turma tem uma rotina diferenciada. E aí, às vezes, você faz no planejamento e a turma apresenta uma outra curiosidade no dia, então você tem a possibilidade de fazer ou não uma atividade dependendo do que a criança apresenta é uma ótima idéia até porque a gente pode criar a mais ou também trocar a sugestão que a criança traga de mais interessante.

A proposta está adequada para a educação infantil, para essa faixa etária dos zero aos três anos. Acredito que até as crianças de quatro a cinco anos também consiga utilizar a mesma proposta, as turmas maiores de quatro e cinco anos, talvez acrescentem atividades do interesse próprio da turma. Mas para as turmas de dois e três anos daqui da creche está bem legal e bem adequado com os que eles costumam fazer aqui mesmo. Atividades individuais, coletivas, organização na roda de conversa para desenvolvimento da linguagem percepção visual com a questão do vídeo, desenvolvimento da atenção, concentração. Tá bem legal mesmo, se estivesse ruim, eu falaria com certeza! (risos)

Professora Daniela

Esse vídeo para as crianças pequenas assim no primeiro momento assim que eu que eu comecei a ver o vídeo Já percebi que poderia ser utilizado aqui na creche junto as crianças da faixa etária a qual a gente trabalha e ainda vai ajudar bastante

né Achei bem didático também e eu acho que não só também para as crianças para creche. Acho que até com as criança maiores do pré-escolar.

E também tá interessante porque aparecem crianças, imagens que atrai. São crianças falando para crianças!

O conteúdo está de acordo com a educação infantil, dá pra perceber isso. É algo que é previsto no currículo.

Eu acho que pode ser um complemento a orientação pedagógica mas o vídeo por si só já, né dá conta.

Eu não mudaria nada na animação porque ela não tem um movimento rápido, tudo muito desesperado, igual na internet. Ele é mais devagar, é bom. Eu acho que foi até bom assim, porque quando tem muita informação, perde o foco, a gente olha para outras coisas.

Professora Suelen

O vídeo é uma proposta para a educação infantil mesmo, de verdade. Vai dá para as criancinhas pequenas entenderem bem. E vai ajudar bastante, né? Eu acho que não só também para as crianças da creche, acho que até com os maiorezinhos também, porque tá numa linguagem acessível, tá legal. Com os bebês de um ano, também acho que dá. E vai ser uma ferramenta também, diferente pra gente. Crianças falando, não é o adulto impondo nada pra elas.

Com certeza está de acordo com a educação infantil. Aborda questões que costuma abordar mesmo no currículo.

O vídeo não precisa de complemento mas se tiver, ele só vem pra ajudar a gente.

O suporte pedagógico também, ele dá uma direção. E até, por exemplo, a gente tá pensando em fazer uma atividade, lê o suporte pedagógico, já abre um leque. Então o suporte pedagógico foi importante. Pode trocar com as outras professoras também.

Eu não mudaria nada na animação porque ela tira foco desses desenhos e youtbers que essas crianças ficam fazendo, é tudo muito rápido, um desespero. Têm um vídeos desses canais que eles colocam naquele movimento muito rápido, como se acelerasse as cenas, não acho que isso é bom pra criança. Nem eu gosto, é estressante. Você fica com a adrenalina lá em cima.